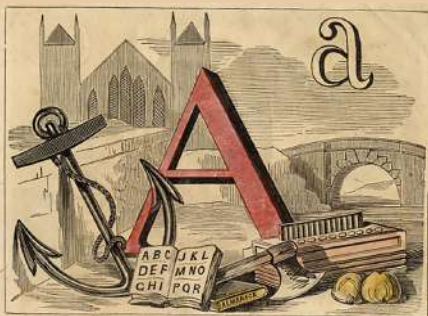
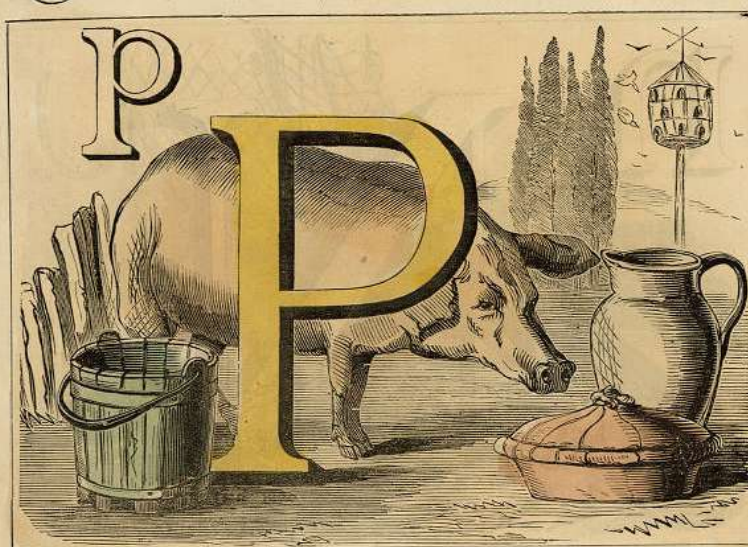




amanda santo
Ana Braz
Ana Carolina Gomes
Bruno Molinero
Camila Filipa
Clara S.
Gabriella Andrietta
Lucas Castor
M. L. Vieira
Manuel Portela
Manuela Sofia Silva
Margarida Conde
Pedro Palma
Rita Andrade



a leitora



a leitora

amanda santo

Ana Braz

Ana Carolina Gomes

Bruno Molinero

Camila Filipa

Clara S.

Gabriella Andrietta

Lucas Castor

M. L. Vieira

Manuel Portela

Manuela Sofia Silva

Margarida Conde

Pedro Palma

Rita Andrade

COIMBRA

2024

CARMA

**laboratório
de escrita**



FICHA TÉCNICA

Autoras/es: amanda santo, Ana Braz, Ana Carolina Gomes,
Bruno Molinero, Camila Filipa, Clara S. (pseudónimo literário
de Ana Pedrosa), Gabriella Andrietta, Lucas Castor, M. L. Vieira,
Manuela Sofia Silva, Margarida Conde, Pedro Palma, Rita Andrade.

Organização, posfácio e design web: Manuel Portela.

Design gráfico: Maria Portela.

Ilustrações: extraídas de *The good child's ABC* (Londres: Read & Company,
c. 1847-1867), xilogravuras coloridas à mão.

Edição: Laboratório de Escrita, MATLIT Lab e Editora Carma.

Publicação em quatro versões: HTML, PDF, MP3 e livro impresso.

HTML: <https://ucpages.uc.pt/org/labesc/publicacoes/a-leitora/>

PDF: https://ucpages.uc.pt/site/assets/files/1625291/a_leitora.pdf

MP3: <https://ucpages.uc.pt/org/labesc/publicacoes/a-leitora-audiolivro/>

© autoras/es, 2024. Todos os direitos reservados.



HTML



PDF



MP3

ÍNDICE

LLL1 (livros leem leitoras)

- 9: Bruno Molinero, A leitora
- 21: amanda santo, A leitora
- 35: Clara S., A leitora
- 47: Camila Filipa, A leitora
- 59: Gabriella Andrietta, A Leitora
- 69: M. L. Vieira, A leitora

LLL2 (leitoras leem livros)

- 81: Pedro Palma, Corrente de ar
- 93: Rita Andrade, A leitora
- 103: Margarida Conde, A leitora de Dante Romano
- 115. Ana Braz, A leitora
- 127: Manuela Sofia Silva, A leitora
- 137: Lucas Castor, A Margarida
- 149: Ana Carolina Gomes, A leitora

LEEL (ler escrever, escrever ler)

- 161: Manuel Portela, 13 contos

LLL1

livros leem leitoras



A leitora

Bruno Molinero

1 81. Não perca o seu equilíbrio interno. Por maior que seja a tempestade que o envolve, não perca o seu equilíbrio. Todas as.

não lembro. não sei como continua. molhou tudo. encharcou o miolo. acho que seguia com alguma coisa sobre jesus. jesus deitado no fundo da barca. não sei. vazio. oco. mofo. acho que jesus nunca andou de barco. caminhou sobre as águas, isso sim, um milagre. sem afundar nem molhar as unhas dos pés, a barra da túnica, os pelos das pernas. não lembro. não lembro. página um oito um. ilegível. zero. borrão. pode jogar fora. papel bíblia decomposto, dissolvido na maré, na ressaca, aqui, onde eu flutuo. desbeijado. retalhado. agarrado a pneu, pedaço de pau, rato mijado, bueiro lotado de tralha, sofá iceberg. a água me revirando do avesso. me abrindo sem pedir licença, sem cerimônia. rasgando minhas juntas. soltando minhas peles. uma a uma. folha a folha. orelha a orelha. empapando minha goela, empanturrando minhas intimidades com bolhas marrons. página um oito um. não perca o seu equilíbrio. interno. ou será que era externo. todas as. não sei. não lembro. a última coisa que tenho na memória é aquele carro. a água correu sei lá de onde. começou garoa fina. foi depois que desceu o toró. a tempestade derrubou árvores, fez bocas de lobo vomitarem, arrastou cachorros, fisco postes. lojas baixaram as portas e subiram as proteções de aço rentes aos rodapés. guarda-chuvas ganharam asas. pombas flutuaram de barriga para cima, tontas, tostadas pelos raios. carros trombaram na diagonal, fecharam cruzamentos, desrespeitaram faixas e placas. alguém pegou um jet ski, transformou geladeira em canoa. tudo alagado. inundado. molhado. pingando. rios subterrâneos tragaram ruas e avenidas. foi quando apareceu o carro. preso. sem ter como

se mexer. para onde ir. bem ali, na esquina da major diogo com a nove de julho, em frente às obras do metrô. aquela água toda por todos os lados. as correntezas do dilúvio arrastaram a carroceria pelo asfalto úmido num rodopio e prenderam as rodas num redemoinho enlameado, num ralo faminto para o inferno de jonas. quando demos conta, a maré já estava no meio da lataria, amassando a ilha de quatro portas. o nível escalava com força, decidido, marchava firme, prestes a lamber as janelas fechadas. lá dentro, uma mulher gritava. mas não ouvíamos. descabelada. a baba pelos cantos da boca. ao lado dela, uma criança. rosto vermelho. ranho gotejando do nariz. a moça apontava para o garotinho como se dissesse, olha, acuda, olha, estou presa aqui com meu filho. os dois tinham os olhos assim, ó, do tamanho de um balde transbordando. os braços socavam as janelas e o para-brisa, como se pudessem impedir poseidon de desvirginar aquele carro e jorrar lá dentro o seu cuspe viscoso. como se estivesse nos bíceps o poder de evitar o afogamento. a plateia assistia imóvel à cena, do outro lado da rua, embaixo do viaduto quatorze bis. ninguém se arriscava a atravessar, dar o primeiro passo, se aproximar da ilhota que mantinha mãe e filho reféns. a tromba d'água já ia pelo peito, forte, sedenta para arrastar alguém em direção ao córrego. não perca o seu equilíbrio. um oito um. ninguém se movia. nem nós. mas estávamos lá, no gargarejo. o menino se sustentava na ponta dos pés, descalço, na corda bamba do meio-fio. eu, dentro do bolso dele, rezando para que a chuva não embolorasse as minhas páginas. transparentes. reumáticas. mas isso foi antes. antes de minhas tintas aquarelarem, palavras dissolverem, parágrafos diluírem, sintaxes e ortografias amarelar, colas perderem o visco, encadernações ruírem, margens grudarem. antes de o colofão descascar, de a capa abalroar a lombada molenga. sobre a guia, sob a marquise do viaduto, diante do carro que se afogava, seco nas trevas do bolso do menino, eu já sabia. tinha entendido que ele era o único que poderia esgrimir contra as ondas, incorporar a loucura de ahab, mergulhar no maremoto e salvar a mãe e o garotinho encurralados pela enchente.

171. Quem é corajoso não foge da batalha da vida. Todos temos nossas lutas, mas só quem sabe suportá-las pode ser classificado de herói.

página um sete um. lembro de cor. lemos várias vezes juntos. porque não são apenas as pessoas que leem os livros. nós, do outro lado, também lemos quem nos lê. é um espelho. no instante em que as pontas dos dedos humanos levantam a extremidade de nossas margens inferiores para virar a página, a celulose se agarra com força proporcional às falangetas vestidas de digitais. assim que os olhos passam a investigar nossas linhas impressas e se grudam a elas feito ímãs enfeitiçados por uma fina barra de metal, da esquerda para a direita, de cima para baixo, abre-se uma fresta pela qual entrevemos o fundo de quem está na nossa frente. encaramos a nossa própria alma refletida. contemplamos a nossa natureza nas pupilas dilatadas. no colorido das íris. e, então, nesse instante, nesses segundos, nós e os leitores nos tornamos um. eles nos penetram. nós os prendemos. é por isso que eu sabia, tinha certeza. o menino era o único que poderia fazer alguma coisa para salvar o carro que se afogava. leio seus olhos há anos. todos os dias. é meu único espelho desde aquela noite. a mãe tinha saído para trabalhar, como sempre fazia, depois de inundar o quarto onde os dois dormiam na mesma cama com um cheiro doce. o menino já estava deitado. madrugada. sonhava no lusco-fusco. veio sem aviso o estrondo. no começo, não entendeu muito bem. abriu os olhos sem largar o sono. achou que a mãe tinha voltado mais cedo e derrubado alguma coisa na cozinha. virou de lado. mas aí começou o terremoto. o menino saltou da cama, o coração disparado, as paredes do sobrado tremendo no ritmo de um infarto. vizinhos gritavam, corre, corre, sai daí, menino. pedregulhos rolavam pelo quarto. pedaços de reboco saltavam do teto. um trator surgiu no meio da sala. homens de uniforme irromperam com capacetes de astronauta. marretas abriram crateras nos cimentos. tijolos esfacelados brincaram de bolas de gude. armário fatiado. roupas no chão, pisoteadas por botas, galochas, pneus grossos. pia em cacos cubistas. privada

em lascas agudas. sobrados transfigurados em entulhos e montes pontiagudos. não deu tempo de pegar nada. quase nada. o menino disparou descalço mesmo, veloz para que o trator não passasse por cima dele. tinha medo que a máquina comprimissem seu corpo com a mesma calma, indiferença e ódio com que derubou vigas, partiu colunas, rasgou treliças e soprou telhas. deu tempo só de me pegar. na correria, passou a mão pelo altar da mãe, que flutuava onde até poucos minutos antes era a sala. me apertou com força, amassou meus cantos, venceu minhas folhas, me socou dentro do bolso da bermuda. me salvou. as picaretas logo fraturaram a nossa senhora aparecida de gesso, trucidaram a vela acesa, esfrangalharam as contas do terço, emporcalharam a toalhinha branca bordada. o dono vendeu o terreno pra construtora, cochichavam os vizinhos lá fora, de pé na calçada, coral de fantasmas sob as remelas da lua. vão subir um prédio aqui. mas essa segunda parte o menino nem ouviu. já tinha descido a rua. tropeçado pela ladeira. barata sem cabeça. lagartixa sem rabo. galinha guardada viva dentro na geladeira. atravessou a nove de julho deserta sem nem olhar para os lados. o açougue fechado. a loja de materiais de construção fechada. a banca de jornal fechada. não notou. quando se deu conta, estava cercado pelo amontoado de barracas armadas embaixo do viaduto. os pés incrustados de preto fuligem se aproximaram das folhas de papelão que um dia foram caixotes do sacolão e berços de frutas frescas. embaixo delas, quatro garotos deitados, amontoados, sem camisa. mas acordados. despertos por causa do barulho da demolição. o menino não disse nada. agachou-se. sentou-se com eles. precisava de companhia. só até a mãe voltar do trabalho, dali a poucas horas, quando o dia clarear, seis, no máximo sete da manhã. ela vai encontrar a casa derrubada. vai se desesperar, vasculhar o bairro inteiro, até topar com o menino embaixo do viaduto. é óbvio. onde mais uma criança iria se esconder. a mãe teria um plano. um abraço. certeza. casa nova. armário com roupas passadas. novo altar com toalha branca. nova nossa senhora. cama feita onde o menino pudesse continuar o sonho interrompido, demolido. foi nesse instante que ele me tirou do bolso. no

escuro mesmo. antes de encostar a cabeça no cimento, com os dois cotovelos apoiados nos pedriscos, de barriga para baixo no chão que parecia um tapete de cacos de vidro, a vista embaçada pelo sereno que vinha de dentro, afogado no silêncio cujo cordão umbilical saía do ventre da destruição de cinco sobradinhos geminados no centro de são paulo, o menino abriu uma página minha. aleatória. e lemos. juntos. olhos dados.

226. Faça da leitura um hábito diário. Acostume-se a ter sempre um bom livro à mão e verificará que ele é o seu melhor amigo, que conversará com você quando o desejar.

a mãe não apareceu. nem de manhã. nem no dia seguinte. nem depois. nem na outra semana. ou na outra. no aniversário do menino. no mês seguinte. deve ter se perdido, estar me procurando feito doida, puxando os cabelos, ele pensava. falava baixo. o menino passava todos os dias em frente ao pedaço de terra que um dia embalou a sua casa. quem sabe ela não está lá, na calçada, plantada, colando cartazes nos muros. primeiro, os funcionários da construtora limparam o terreno, encheram as caçambas com restos, os caminhões de lixo com sobras, os sacos de estopa com pedaços daquela gente. olha, pivete, aqui, embaixo do via-duto, quem manda é o pitbull, aquele ali, na barraca com a tevê ligada direto no poste, tá vendo, vai lá falar com ele. na semana seguinte, chegaram os pedreiros, os mestres de obra, os arquitetos e suas pranchetas, os engenheiros e seus esquadros, concretaram o chão, fizeram as fundações, trouxeram o maquinário, o betão, as britadeiras, os quilos de areia, as massas corridas, as colunas de ferro, as armações entrelaçadas de cobre. eu sou o maionese, aquele ali é o pouca ideia, esse é o cochilada e aquele lá, segurando o cachorro sem rabo, é o prensadinho, e você, qual é o seu nome. não demorou muito para que a fila de betoneiras interrompesse o fluxo da via, impedisse o trânsito e empilhasse o concreto mole numa escultura de mais de vinte andares, com corredores, varandas, três quartos, duas salas, área para churrasqueira, garagem com vagas cobertas, pet place, playground,

jardim de inverno, piscina olímpica, coworking, lavanderia completa, espaço fitness, quarto de empregada reversível. vem cá, magrelo, você mesmo, isso, ajoelha aqui pro seu batismo, fecha os olhos, abre a boca, a partir de agora você vai se chamar leitora, leitora, ouviu bem, porque não larga esse livrinho de baitola, leitora, tá entendendo, esquece seu nome de antes, ele morreu.

113. Não desanime! Aprenda a começar e a recomeçar. Não se deixe arrastar pela indiferença; se caiu, levante-se e recomece. Se errou, e recomece.

o menino quis voar no pescoço do pitbull. rasgar a jugular com gilete. leitora. só porque todos os dias de manhã ele me abria, lia uma página, igual sempre fazia com a mãe. é pra desatramancar os caminhos do dia, ela falava. quando você estiver triste ou com algum problema, leia. leitora. leitora. boiola. bichinha. afrescalhada. viado. marica. acordava cedo, sentava no concreto, engolia os risinhos dos outros, ignorava os assovios e escolhia religiosamente um capítulo meu, um ensinamento, uma passagem, um minuto de sabedoria. conversava com ela nas minhas entrelinhas. pedia um conselho, uma profecia. eu, do outro lado, lia no menino o vazio. o fosso. o vácuo. o silêncio. nós dois. as costas dele curvadas, meu corpo envergado feito calha. leitora. livrinho.

99. Mantenha a amizade de seus amigos. Saiba com gratidão os benefícios que.

água dissolve lembranças. sempre soube de cor tudo o que estava escrito. mas agora. e olha que o menino me lia todos os dias antes do trabalho. não falhava. de manhã, quando o trânsito apertava, os cinco degredados já corriam para seus postos, cada um em um ponto diferente do bairro. degredados. era como o pitbull chamava os cinco garotos sem família que moravam embaixo do viaduto e eram protegidos por ele. maionese. prensadinho. pouca ideia. cochilada. e leitora. o menino trabalhava ali na nove de julho mesmo, mas longe da quatorze bis, para não dar bandeira.

batia ponto no começo da avenida, em frente ao antigo joelma, o prédio dos suicidas que pegaram fogo. ainda me lembro do primeiro dia. o pitbull entregou para ele uma vela de motor de carro, pequena, da altura de um santinho, que foi guardada no bolso junto comigo. o óleo ensebava minhas páginas, o cheiro de cigarro invadia minha trama. caminhamos devagar. eram poucos metros até o ponto combinado, mas íamos como se andássemos para trás. ancorados. o menino apertava aquele pedaço de metal e cerâmica com força. quando chegamos, ele apoiou um dos ombros no poste e assistiu por alguns minutos o balé arriscado de carros, ônibus, carretas, caminhões. analisou o trançado das motos que equilibravam motoboys circenses e mochilas recheadas de pedidos de delivery. antes de o farol fechar, acender suas luzes vermelhas, engarrafar o trânsito e congelar o formigueiro, ele me tirou da escuridão. foi ótimo ganhar um respiro. ficamos lá, eu e ele, sob o sol cinzento e engordurado de são paulo. o menino, de pé, imerso na sauna de fuligem e escapamento, lia cada letra minha, não as palavras inteiras, não os fonemas formados, como se cada um dos símbolos escondesse um criptograma, cada espaço vazio ocultasse um grito guardado, cada espirro de tinta fosse uma garrafa lançada ao mar com uma carta dentro.

141. Não procure colecionar tesouros apenas nesta terra, porque os ladrões podem roubá-lo e seu tesouro pode envelhecer. Além disso, não se esqueça de que, quando partir da terra, aqui deixará tudo, até o seu próprio corpo.

era lindo. a vela saía da mão do menino, flutuava insolente contra a gravidade, boiava na névoa. osso que virava foguete e espantava em milhões de pedacinhos as janelas fechadas dos carros parados no sinal vermelho. cada caco de vidro refletia o olhar surpreso dos motoristas, perdidos, sem entender o estrondo, sem saber de onde tinha saído aquele pequeno curupira dos pés descalços, dos braços tortos, do olhar de fogo. o menino tinha nascido para aquilo. era deslumbrante. antes mesmo de a cerâmica da vela estilhaçar as películas, seu corpo já havia se transformado

em flecha. assim que o buraco negro se formava, metade de seu torso já tinha sido engolido pelo automóvel. as mãos ágeis. os dedos colantes. baba de sapo. sua pele usava o suor para grudar o que estivesse pela frente. celular, bolsa, carteira, moeda, corrente, computador, chave, qualquer badulaque brilhante. nada escapava. com a prenda da pescaria embaixo dos braços e segura nos bolsos, saíamos correndo. ziguezagueávamos entre os carros parados no congestionamento. desviávamos das motos, dos gritos, do pega ladrão. sumíamos na contramão. inalcançáveis. todo dia. no mesmo lugar. a pm sabia, as viaturas conheciam o menino e os outros garotos, mas não se metiam com os degredados do pitbull, que ficava com a maior parte do que era garimpado. só que sempre sobrava um troco. às vezes um cordão, um boné, um maço de cigarro. um dia, o menino voltou com a bolsa, o celular e o colar de uma perua. o pitbull sorriu. deixou cinquenta reais com ele. mais ou menos naquela época, ganhei um marcador de páginas. já veio com foto, dois bebês sorrindo e letras cor-de-rosa que desejavam feliz dia das mães. era lindo. o mimo passou a indicar o capítulo lido antes do serviço. eu, o grilo falante. o menino, meu pinóquio.

37. Por que está tantas coisas inúteis? Para que em
seus armários, quando seus irmãos vazios?

eu sabia. sabia que ele era o único que poderia nadar até o carro, submergir nas águas barrocas, vestir as roupas de nemo e as barbatanas de netuno, usar a vela para gerar uma cratera, como fazia todas as manhãs. teria forças para puxar a mãe e o garotinho lá de dentro, do mesmo jeito com que agarrava celulares e mochilas. a mesma rapidez. os mesmos ganchos nas unhas. era fácil. na ponta dos pés, à beira-mar, na margem do rio, o menino olhava o carro engolfado pelo oceano. mãe e filho adornavam, mexidos pela tsunami, claustrofóbicos no aquário de vidro. foi quando ele me tirou do bolso. me apertou de um jeito estranho. mais forte. mais firme. mais tempestuoso. ele ficou ainda mais na ponta dos pés, com os dedões em ponta, a cabeça empinada,

tentando respirar acima da arrebentação, sobre a multidão petrificada e protegida do aguaceiro pelo viaduto. parecia flutuar. pigarreou. cuspiu na terra molhada. rangeu os dentes. limpou a saliva do queixo. levantou os braços até encostar nas nuvens carregadas. a plateia ficou hipnotizada. ninguém falava. nenhum vivente respirava. ele então me abriu. página qualquer. capítulo ao acaso. lance de dados. nessa hora, quando me olhei nos seus olhos, não li o vazio de sempre. me vi gordo. esponjoso. esgoto vertendo das orelhas. folha de rosto salpicada de leptospirose. cólera na guarda. pus no posfácio. o menino fechou as pálpebras, como se mirasse nossa senhora molhada de chuva, santo antônio afogado em copo d'água. gritou. fez o concreto trovejar. a multidão vibrava em êxtase com as nascentes que jorravam de seu rosto. ele me chacoalhava com a indisciplina de jonas, a arrogância de gilgamesh, o descontrole de jásão, a convicção de noé.

288. Não acumule em seu coração desejos de vingança, detritos do mal.

então me arremessou. longe. com toda a fúria que tinha guardado. voei na direção do carro ilhado. no caminho, minhas folhas se soltaram da cola, capítulos se libertaram da lombada, páginas se embaralharam no ar, literaturas ganharam outras ordens. cânhamo perfurado pelo frenesi sanguíneo dos pingos ácidos. a tempestade arrancava minha carne, assim como os tubarões devoraram o peixe amarrado no barco de santiago. o urro do menino se afastava e derretia à medida que eu traçava o curso da parábola que me fazia levitar. transformava-se em eco mudo. os rostos da mãe e do filho dentro do automóvel se aproximavam. mas logo não vi mais nada. sumiram. molhou tudo. encharcou. mergulhei.



A leitora

amanda santo

*Aqui dancei, entre os mudos deuses egípcios,
e ri de seus rostos mutilados.*

Rudyard Kipling

o livro estava em cima de Jerônima,

túmulo 123, ala 37.

Duma viu de longe o objeto capa

vermelho-sangue dimensão-formato bem diferente dos

[habituais buquês e coroas

florais bolos de aniversário santinhos católicos

ali estava uma nova oferta mortuária

ou a leitura mais recente de um parente com a

[memória massacrada pelo luto,

nesse caso, talvez o garoto devesse esperar a pessoa voltar

[apressada para resgatar

o fim da história esquecida na sepultura,

respeitar o tempo do São Longuinho,

a dinâmica dos achados e perdidos.

ficaria escondido atrás de Marcondes, túmulo 118,

ele e Poe

espiaria por meia hora o descanso de Jerônima, até que o livro

fosse decretado oficialmente presente para a morta,

aberto à livre demanda dos vivos.

mas na vida e na morte poucas
coisas cabem no relógio de uma vontade

e a meia hora não viveu nem três minutos,
foi engolida pela urgência
de o garoto tomar o livro.

saltar de trás da lápide com o cão, dar passos de fuga até o 123,
levantar a nuvem de areia típica da cidade-fantasma, raspar a
mão no tampo de pedra, jogar o livro num tapa para dentro da
camisa verde desbotada, foi mal aê, dona Jerô, vem Poe...

a urgência vinha da lembrança. na infância de Duma, a mãe costumava juntar pela cidade objetos como este, perdidos, jogados no lixo, doados aos pobres. gostava de contar ao garoto as histórias que sempre tinham o mesmo título: agora vamos ler *O conto mais belo do mundo*, Dumita, senta aí. era o melhor momento do dia.

agora pela primeira vez com o seu próprio livro
acompanhado do velho cão Poe
corre para casa,
para o quarto,
uma barraca improvisada dentro do mausoléu da família Tourino.

quando é época de São João, seu Samuel, ancião da comunidade, reúne em volta da fogueira os moradores da necrópole e, entre um gole e outro de licor de Genipapo, se delicia contando os causos das famílias donas dos jazigos abandonados, aquelas em que as gerações pararam de nascer. faz poucos anos que Duma ganhou idade de alguém

capaz de prestar atenção nas ladainhas de seu Samuel. desde então só deu pra gravar na memória fragmentos dos Tourinos, como o fato de que

os primeiros esqueletos do sarcófago foram de um casal morto no Grande Incêndio de 1793, os donos da fábrica de tecidos, gente do dinheiro, meus senhores, minhas senhoras, do dinheiro, gente

egoísta por natureza. os descendentes mandaram construir na entrada esse baita arco faraônico onde vocês podem ler, escrito em tinta-ouro, o sobrenome - e a história se seguia para algum caminho de traição, mágoa, irmão, dívida, faca, sangue, palavras e enredos demais para Duma registrar.

talvez essa parte não captada explicasse por que a família construiu só metade do santuário destinado a enterrar os Tourinos que morreriam a seguir.

a casa é mutilad.

da imensa estátua de anjo caído, porteiro do céu, falta um braço
dos cômodos, falta banheiro
da parede dos fundos, falta tudo
aparentemente não concluída,
possivelmente derrubada.

apenas lápides restaram intactas
no lugar que no século vinte e um virou lar
de Duma e da mãe Clarita.

hoje em dia ela fica mais fora do que dentro, a Clarita. passa o dia lavando roupa suja dos clientes do bairro alto no largo das lavadeiras. era lá que ela estava quando o menino chegou em casa trazendo o livro roubado de Jerônima.

finalmente a sós
ele e a oferta,

Guerra e paz

pra escrever esse nome o simpatia deve saber o que é nascer onde
os outros não param de morrer, tipo aqui, cidade-múmia
a gente guerreia e eles dormem, só sobrevive quem
tem carne em cima dos osso, mesmo assim,
as caveira tão sempre levando de nós
o que os homi tem de melhor

as estátua bonita
a lágrima
a dor

eu queria o céu.

o céu entardeceu durante o Tomo Um, capítulos um a doze. com um cotoco de vela acesa, Duma faz um esforço silencioso para entrar no papel,

não quer que ninguém saiba do rapto do livro.

não que entre os que vivem no cemitério prevaleça alguma lei sobre não pegar o que é dos outros, não há pronomes possessivos onde a dignidade humana foi enterrada. é por isso a cautela de Duma, aqui nada é de ninguém, deus me livre os cara do oito fiquem sabendo, vão me levar a história toda antes que eu termine as

as

duas mil páginas.

na Vila há muita pipa, pião, bola, carrinho de papelão, únicas prendas que os trabalhadores locais conseguem financiar à molecada no abono de natal. mas a verdade é que a diversão maior está sempre naquilo que cada um consegue catar dos mortos. dos vestígios, Duma já construiu um templo no canto que chama de quarto.

o altar poderia parecer uma reverência aos falecidos que moram lá, se ele se importasse.

as caixas de madeira descartadas pela feira popular, ainda com cheiro dos vegetais fermentados, suportam o peso de miniaturas de gesso, terços, bilhetes de amor, espelhos, cartões postais, imitações de arte, vasos, pedras, flores - em breve o livro. Poe não mexe, aprendeu a respeitar a quinquilharia como coisa de valor.

na cama, como chama o colchonete fino apoiado na lápide-cabe-

ceira, acima de onde dorme a morta Tarsísa, o garoto é absorvido por *Guerra e Paz*.

quer saber se Vassíli vai aceitar Pierre nas partilhas do pai moribundo, se haverá outros jantares na casa de Anna Pávlovna, se o urso passa bem, se Bóris serve pra alguma coisa mesmo ou é só um filhinho inútil de uma mãe desesperada.

sua
faz 30 graus.
so luça
so luça sempre que é exposto a emoções intensas.
joga longe um osso pro cão, vai
sacode a cabeça num espasmo intencional,
ritual de expulsão da franja preta escorregadia,
precisa de espaço
livre
visão limpa para

tirar os olhos pra dançar
vai
vem p a r a. volta
sobre o texto
ora em francês, ora em
português
confusão
melodia
os olhos
dançam do jeito que nunca ant/
prazer

[.]
um barulho seco
interrompe a música.

será que são os cara?
 Duma espia pelo buraco norte do lençol-parede dos fundos,
 nada.
 buraco noroeste
 buraco sudeste
 ninguém.
 [já é meia noite e o céu da vila-cemitério é azul marinho
 profundo, como as roupas dos cortejos]
 sai de casa carregando a vela murcha, pé por pé, persegue o
 farfalho, desvia das sepulturas,
 o farulho continua
 o som de folhas de outono
 parece brotar de onde jaz Jerônima,
 Duma se aproxima da tumba.
 Poe na retaguarda, olhar enviesado.
 diferente do cão, o menino não tem medo de alma penada. quando
 nasceu, o mundo já era uma favela instalada no Cemitério Nossa
 Senhora das Almas Tristes. a mãe, uma
 grávida sozinha, foi uma das primeiras criaturas vivas a garantir
 um canto pra dormir entre os cadáveres. as 50 famílias fruto de
 desocupações, em 14 anos se transformaram em
 100
 300
 500
 pararam de contar.
 na medida em que se multiplicavam as escavações para depósito
 de defuntos,
 mais gente chegava e nascia, ampliando a área da Vilalém, como
 foi batizado o chão esquecido.
 então não, criado em companhia de fantasmas e vermes, Duma

não tem medo de quase nada. o quase é culpa dos caras do oito.

de repente silêncio.

as folhas estão mudas.

o nada corrói
a incerteza
e o garoto não
evita o escuro
avança
chega perto do 123,
um livro aberto

: *A Paixão Segundo G.H.*

um livro sobre paixões ficaria bem no seu altar de vestígios. com uma mão na vela, a outra não resiste ao toque áspero da história nova. as páginas, manchas de palavras grossas, carregam a intenção de alguém que finca três pernas no que diz. com as duas que tem, o menino volta pra casa dividido entre a ansiedade de ler *G.H.* e o desconforto de não entender o fenômeno recente dos livros que brotam numa tumba.

decidiu esquecer o desconforto,
entender nem sempre importa, meu filho, Clarita sempre avisou.

_____*estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, diz a si mesma a mulher da Paixão. Duma a devora como uma deusa*
incompreensível e absoluta,
porque se há algo reconhecível
a qualquer ser humano sobre-sob a terra é a pura

Beleza

até mesmo a um garoto de 14 anos
até mesmo a um leitor inquieto que já esqueceu a necessidade
de ser discreto, lê em voz alta a plenos pul mões e so luços.

mas
acima da voz dele, há um ruído
há um ruído de novo lá fora.
passos, risos, folhas

há um cachorro assustado
aqui dentro
que sem querer
bate na estante
derruba e quebra
a imagem
de São/
/Chico

Duma não se importa.
tomado pelo delírio da metafísica da barata de G.H.,
deixa os tremores de Poe
e a casa Tourino para trás.

sai pelo arco do anjo sem braço, aperta os olhos míopes, ajusta o
foco, de longe consegue ver um vulto. e mais outro livro sobre o
mausoléu de Jerônima. engasgado por soluços tot talmente f ora
de con trole
está decidido a investigar,
chega
diante de outra aparição
outra oferenda para Jerônima,

As ondas

pela primeira vez na vida tem vontade de oração, dizer
: desculpa-porfavor-obrigada, amém
a sejaláoqueexistedepoisdenós.

por falta de uma devoção com nome e endereço, ajoelha em
frente ao túmulo da morta, um espírito d deve servir. sem achar

na cabeça as palavras certas para reza, resolve roubá-las. nunca
tinha lido a lápide com atenção

: Jerônima Caldas

1859 - 1890

Saudades eternas. Sempre seu.

já deu tempo de a caveira velha cansar as homenagens, virar pó
deslembado, então pra quem os livro?

Duma olha mais abaixo das *saudades*. há um poema escrito no
túmulo num idioma que não sabe decifrar. a boca do garoto
começa a se mexer sem que ele tenha tomado decisão, lábios
assombrados agindo em silêncio. como as espécies de vocações
que chegam do além, de repente ele começa a ler a língua inde-
clamável em alto e bom som, com a intimidade de uma natureza
crescente

*Taano jẹ nigbagtouwoubou tèlẹ, paski
Ki kọjas ki viné ninu wegziste
Weksepte nan fiksiton, nan imajinatyon.
Mowen latile anfanipab dekouswari, ni reyalti,
Tras ohuti wa fun pou sakipoko tii river*

alto

*Taano jẹ nigbagtouwoubou tèlẹ,
Paski ki kọjas ki viné ninu wegziste
Weksepte nan fiksiton, nan imajinatyon.
Mowen latile*

mais alto

*Anfanipab dekouswari, ni reyalti,
Tras ohuti wa fun pou sakipoko tii river.*

as palavras surtem o efeito de um transe em Duma, mesmo que
ele não saiba responder o que significam, há a música, há o toque
da letra nas cordas vocais, há os lábios que se tocam, a garganta
que abre e fecha no ritmo de um vento de verão.

é como se lesse para deus.

a reza braba lota o ar vazio do cemitério. ninguém assiste ao espetáculo além das moscas. a vela morre. mesmo no breu, o leitor de túmulos enxerga o fim

: Para Jerônima, nosso poema favorito.

nenhuma oração pode dizer mais que
um poema favorito na pedra da morte.
as pálpebras de Duma, uma marrom / outra roxa, resultado de
uma briga com os oito, piscam em velocidade nova, a boca seca,
a saliva é mais salgada, um mar, os espasmos do diafragma, da
franja, ondas se intensificam na medida de um alumbramento.

o corpo inteiro derrete
a água que escorre pelo pescoço já não vem da boca mas dos olhos.

olha para o túmulo.
não está lacrado.

passa o dedo na fenda aberta, um leve desencanaixe no tampo que
mais cedo estava intacto. sente um frio do inferno, coisa nova
naquele areão.

tremendo, uma mão segura As ondas, a outra empurra o tampo torto,
forrrzzça... forrrzzça... forrrzzça...
não se importa com as evidências de que a esta altura há na
sepultura apenas uma ossada de mulher esquelética devorada na
festa das bactérias.

forrrzzça... forrrzzça... forrrzzça...
sabe que há mais felicidade embaixo do que em cima da terra,
seu Samuel ensinou, há a fertilidade fantástica dos fungos, a boe-
mia dos vermes....

forrrzzça... forrrzzça... forrrzzça...
há colônias inteiras alimentadas pelo nosso desaparecimento,

a morte é pura Beleza e vida, meninos...

forrrzzça...

forrrzzça...

forrrzzça...

abre

a tumba

devagar

olha para o fundo da caixa

quase não pode acreditar.



A leitora
Clara S.

escapando um pequeno halo de vapor sobre as páginas abertas. Lia recrimina-se interiormente. Aquela expiração era a condensação de um fio de fadiga ao final do seu longo dia de leituras. Alivia-a o facto de os seus colegas, costas eretas, peso apoiado na mesa, serem menos sensíveis – *só poderiam, como não?* – a estas interrupções. Faz por sustentar o silêncio liso de um lago num dia sem vento. Lia conclui a página, anota a sua folha de controlo com o bico perfurante do lápis e entrega, com um pequeno aceno cúmplice, o seu dossier ao bibliotecário.

Abandonando a Sala de Leitura, atravessa uma sequência de três salas-umbral cuja função é a de operarem a transformação requerida entre a Sala de Leitura e o Exterior. Lia vai recebendo a temperatura que amorna, vai libertando as retinas e deixando as imagens flutuarem, descalça os chinelos de algodão e troca para os sapatos. Por fim abre a mala sobre o tapete de controlo raio X e, já do outro lado, seguranças trocam entre si o movimento mínimo para a abertura das altas portas que foram desenhadas para demonstrar que há valores, e espaços que guardam esses valores, maiores do que os homens. Do lado do Exterior, os militares que guardam o acesso de metralhadora ao colo replicam em conjunto Boa noite menina Lia, não porque fosse já noite mas porque – *creio que eles intuem, talvez saibam mesmo* – que de todos os modos, saindo dali, o dia havia terminado para Lia.

Em casa, sentada à mesa forrada a linóleo branco, Lia aquece as mãos em torno da taça de caldo e leva-a à boca. Da fachada toda envidraçada da sua casa-compartimento-único, espia a rua da Capital do Regime. Inquieta, percorre todo o ecrã de vidro, procurando lá fora alguma cor de mau gosto, algum gesto precipitado e logo contrariado. Percebe a sua própria perturbação, o

que lhe desagrada – *é a mesma areia fina que me palpitou nos dedos nas leituras de hoje*. Opta por deitar-se, o colchão rente ao chão, focando toda a sua atenção na lenta transição de cores do dia que mergulha na noite, desejando a transitoriedade da sua leve impaciência.

Lia é desperta pela luz que ocupa todo o seu compartimento-casa sem recantos de sombra. Em pijama e descalça, frita os ovos do pequeno-almoço ao olhar impávido e ocupado dos transeuntes. O seu labor diário no Imperial Gabinete de Leitura investe-a de sentido de Missão ao serviço do povo. E essa Missão mergulha em propósito todos os recantos da sua existência – *tal como a luz matinal vem ocupar todo o meu compartimento-casa* – mesmo nos episódios mais desprezáveis – *o sabor destes ovos, a malha aberta na minha meia, uns minutos ociosos*.

Quando chega ao Imperial Gabinete de Leitura, a manhã já se afirma inequivocamente. Lia não se apressa para chegar cedo e exhibir um zelo apaixonado, nem tão pouco se atrasa. Lia chega pontual, pausada. Despreza os seus colegas que no furor de se verem escolhidos como funcionários do Gabinete exibem o seu trabalho, perdendo inevitavelmente rigor, lucidez. Despreza ainda mais os Altos Funcionários que, há muitos anos no poder, se deixam bajular para avivarem a relevância da Missão. A ladear as portas, os rostos da parelha de militares sorriem-lhe Bom dia sem precisarem de mexer os cantos dos lábios. Sem dúvida valorizam mais o audível Boa noite menina Lia proferido invariavelmente às cinco da tarde – *sim, em plena luz do dia*.

Lia atravessa os detetores de metais, a sala de mármore verde, a sala de cedro e ao chegar à esteira de junco descalça os sapatos e desliza os pés nos chinelos. Atravessa sem som, apenas pressão – a Sala de Leitura iluminada por uma longa espinha zenital. Pousa os braços no tampo da mesa de cerejeira e aguarda o ajuste da sua temperatura corporal, o serenar da sua pulsação.

Os livros reescritos pelas dezenas de mãos arrefecidas dos funcionários do Imperial Gabinete de Leitura conformavam uma biblioteca preciosa na qual os livros revistos por Lia eram as obras-primas. O conjunto de livros melhorados por Lia constitu-

íam um corpo de trabalho não obstante a sua juventude – *diria mesmo que se pode falar da afirmação de um novo cânone.*

O trabalho exímio de Lia tinha-se feito notar rapidamente e não havia dúvidas no Imperial Gabinete de Leitura, nem na Cúpula do Regime, de que era uma artesã excecional cujo modo de fazer vinha estabelecendo toda uma biblioteca de livros reescritos de elevado caráter identitário, um dos maiores monumentos da força, beleza e singularidade do Regime. Aquando das visitas institucionais, a biblioteca do Gabinete era a gema da representação. Para Lia era um projeto de vida que estava a ser cultivado: imaginava em idosa poder apresentar a sua biblioteca de livros podados, desabrochados às suas mãos às gerações de netos da nação.

Cada livro que lhe era confiado, era objeto da curiosidade mal-intencionada de Lia. A seleção de palavras pelo autor proscrito era a leitura mais evidente e grosseira. Lia apreciava o ofício sobretudo depois desta primeira leva, percorrendo os desfiladeiros do ritmo, as insinuações de palavras não escritas, a origem e viagem da tipografia escolhida. Em tudo isso, Lia procurava a linguagem espúria, transbordante, que não enobrecesse. Cirurgicamente torneava palavras – *mucoso em consumo, liberta em beligerante, bácoro em ábaco e assim por diante.* Escolhia demoradamente a vírgula a colher, eliminava interjeições que deixassem as personagens obscenamente de boca aberta. Chegava mesmo a pedir para lhe ampliarem o texto numa mesa de luz, e então a sua goiva enterrava-se para retirar apenas alguns traços dos caracteres, alterando toda a direção do texto. Era um trabalho minucioso e que lhe pedia todo o seu foco, sem recantos de divagação – *como o sabor da Missão nos meus ovos ao pequeno-almoço.*

Lia só podia ver como patéticos os manuais que tentavam resumir o seu ofício a regras fáceis de assimilar, a proporções áureas mensuráveis. A sua arte consistia não em aplicar fórmulas estáticas mas antes na cuidadosa observação de cada texto, dentro e fora dele.

Os livros feridos de morte por Lia eram livros escavados por dentro com um bisturi: guardavam palavras em cavernas, dei-

xavam ver semblantes apenas pelos reflexos diagonais, faziam soar palavras antigas na nuca que não se chegava a conseguir proferir. Autores e autoras viam os seus livros confiscados pelas mãos trôpegas dos militares e ansiavam que fosse Lia a sua leitora. Chegavam ao desespero de lhe endereçar bilhetes escondidos entre as páginas ou de forçar inícios que criam ser do seu agrado. Mutiladas, as obras destes tornavam-se melhores do que alguma vez foram. E a maior humilhação era ser atirado para o grupo de obras que, de tão grosseiras e explícitas, não eram sequer consideradas pelo Imperial Gabinete de Leitura. Essas eram as obras cujos autores se associavam em protestos ruidosos pela sua exclusão da censura e circulação banalizada. Também autores estrangeiros, cujos regimes de leitura e reescrita eram totalmente distintos, também esses se esforçavam para colocar em circulação traduções que desejavam vivamente serem sufocadas às mãos de Lia. Também mulheres queriam as mãos de Lia a decapitar os seus livros.

Sabendo tudo isso, Lia executava o seu ofício ferozmente. Não obstante, à noite, deitada rente ao chão, confirma que o germinar da sua inquietação, é agora uma folha tenra a despontar. À custa de tanto apagar e talhar, decide começar a apontar num pequeno caderninho palavras que tem receio de esquecer, como o seu próprio nome Lia ou então broto – *ou então tenro, folículo, estame*. Guarda o caderninho debaixo do colchão.

Quando a noite chega, diz para si mesma Boa noite menina Lia. Aquele Boa noite dos militares soava quotidiano, familiar, mas assim que o terminavam de proferir escutava-se uma nota grave percutida contra a luz clara que a rodeava. Uma nota prolongada de sarcasmo quase fora do espectro do ouvido humano – *mas eu sou atenta aos silêncios que rodeiam as palavras*. E no reduzido léxico que aqueles militares poderiam ousar dirigir-lhe, tinham encontrado um espaço para a destronarem.

O seu ouvido apurado era o seu maior dom e com certeza poderia encontrar vestígios daquela ironia nos livros que lhe chegavam e com toda a certeza poderia colocar em marcha uma reescrita que não deixasse margem para ambiguidades entre a

luz real do sol e as saudações. Seria só uma questão de tempo – *muito pouco tempo, aliás* – para que essa escrita melhorada guiasse o discurso dos dirigentes, dos repórteres de rua, do povo, dos poetas. E, em pouco tempo, os seus militares-porteiros deixariam de encerrar o seu dia com um Boa noite menina Lia, sem pressentirem imediatamente que a sua ironia estaria totalmente a descoberto, tornando-se alvo de atenção e recriminação. Não querendo deixar-se levar exclusivamente pela vingança, Lia pondera por agora manter uma observação atenta que metodologicamente confirme estas suas suspeitas – *metodologicamente será mais correto assim*.

De manhã, no Imperial Gabinete de Leitura, Lia senta-se no seu lugar, número 55, e observa com gosto que iniciará uma nova obra. Nas pausas entre leituras, quando se permite divagar, Lia sonha com um livro totalmente reescrito às suas mãos, sem uma linha reconhecível. Um livro em que todas as palavras lhe segredem um corte, peçam um véu, uma amputação, um silenciamento. Um livro melhorado, da sua lavra, feito de longas pausas, entrecortado por biombos e neblinas, personagens de arame, sem profundidades – *ações que deslizam como sombras na folha de papel*. Essa seria a sua obra-prima. O seu desejo formulava-se como um volume físico, com o seu papel leve e texturado, apresentado à direção bicéfala da Cúpula.

Sabendo tudo isso, Lia abre a sua nova leitura. Avança recorrendo páginas, dobrando palavras sobre si mesmas, mas dá por si a cravar as unhas na palma da mão. É forçada a reconhecer o seu tédio. Os livros que lhe têm chegado, que lhe entregam, as novas publicações lançadas, as promessas da nova geração: tudo isso esmorece cada vez mais. Os livros vêm-se afastando da possibilidade de poder vir a produzir a sua obra-prima melhorada. Os livros não guardam nada nos cantos da página, não dizem nada sobreposto, não se atropelam, não desfocam, não se contradizem – *está tudo iluminado e o ritmo é o de paradas militares!* O cânone, que vinha sendo aprimorado, era amplamente admirado por todos. O povo era culto e aprendera a reconhecer as boas obras do Regime. Os autores estavam presos nas histórias do povo instruído.

Era um problema que não lhe tinha ocorrido antes e que a deixa quase sem ar: Lia precisa de bons autores que produzam bons livros – *ou melhor, autores excepcionais, não estes medíocres, ofuscados pelas insígnias do Imperial Gabinete de Leitura*. Sem estes, Lia esvaziava-se de Missão.

Observa os colegas, de rostos corados e satisfeitos: a reescrita corria sem sobressaltos, cada vez mais eficiente, segura. Para eles, os livros melhorados fluíam de forma cada vez mais sintonizada – *os seus rostos afogueados de ignorância! Que percebem eles?* Lia sente que o destino do povo *definhará* rapidamente se não for atravessado por grandes textos.

As cinco da tarde chegam ao grande relógio colocado no topo oposto à entrada da Sala de Leitura – *chegam sem me dar tempo de chegar a nada que valesse a pena*. As cinco da tarde ocupam toda a Sala de Leitura, lançando um pequeno *burburinho de encerramento* de trabalhos e lançando Lia, algo contrariada, para fora do Imperial Gabinete de Leitura. Os votos de uma Boa noite são particularmente amargos após um dia gorado.

Como há muito não se lembrava de acontecer, Lia passa a noite acordada, deitada de costas no leito rasteiro, a ver a *deslocação lenta dos astros*. É a esta escala de tempo que Lia aspira e a noite recorda-a que não está disponível para apequenar as suas ambições – *que são as ambições de gerações, de memórias e de futuros*. E assim, tal como a sua reescrita podia viajar entre as bocas do povo até silenciar os militares, também o conjunto dos livros reescritos estariam a calar os autores e com isso a calar acontecimentos. O dia raia no seu compartimento-casa com a certeza de que estavam a falhar acontecimentos que alimentassem escritas.

Lia falta ao trabalho pela primeira vez – *o trabalho está nas ruas*. Não de todo por desleixo, mas porque o sentido de Missão lhe exige outro tipo de ações. Não liga a justificar nada pois o que iria fazer era tão parte da Missão como todas as leituras ou reescritas. E, no Gabinete, ninguém se atreve a questionar onde estaria a menina Lia que não tivesse que ver com estar ao serviço do Regime.

Era preciso infetar os autores que inspiravam o povo *ou infectar o povo* que inspirava os autores. No mercado, Lia escolhe as

frutas mais tensas e imaculadas. Guarda-as em casa abrigadas da luz e do frio, alimentando a podridão de calor e escuro. Vela essa corrupção para que cresça no sentido correto a partir do centro das frutas. Quando ficam corroídas por dentro mas sem beliscar a pele exterior, Lia colhe as frutas e leva-as consigo para um parque.

Sabendo como desde cedo as crianças têm faro para o ilícito, num parque onde as mães se reúnem às cinco da tarde para os seus filhos brincarem, abre uma manta sobre a relva e dispõe as frutas de pele lisa. Sorrindo-lhes, as crianças aproximam-se em flocos e rodeiam-na. Sob a polpa precipitada dos seus pequenos dedos, a pele racha para libertar pequenas erupções de espuma e gases. As mãos divertidas enterram fundo as unhas no miolo amolecido e pequenos vermes brancos rastejam para o exterior espantados com a luz. Talvez uma destas meninas escreva um pequeno poema e talvez o esconda entre as páginas dos cadernos da escola. Amassam as várias polpas purulentas, juntam-nas e levam toda aquela intensidade junto ao rosto: a espuma crepita, cola-se aos dedos, o cheiro entra com tal força na garganta como se o estivessem a comer. Talvez a professora intersele estes poemas rabiscados e talvez o considere desviante o suficiente para o submeter ao Imperial Gabinete de Leitura *para que aí possam reconduzir o espécimen daninho.*

Absortas nas suas conversas, as mães seguem tranquilas os filhos ao longe que felizes brincam sob o olhar de uma mulher. Talvez um dos meninos cresça e venha a ser escritor ou talvez balbucie a um tio um par de frases desconexas que ele queira cerzir num poema. Até que talvez um fio do aroma enegrecido chega como um enigma às mães, e uma das crianças com um halo sujo à volta dos lábios abre a boca num grito de susto e aí *com todas as bocas em suspenso*, aí levantam-se e olham na direção de Lia, inclinam o corpo para compreender e percebem que têm de ir, ir buscar os seus filhos, algo que não bate certo e... – *é quando me levanto e desapareço entre as árvores.*

Lia atreve-se a correr no prado, a fazer acelerar a corrente sanguínea alimentada por aquele banquete de aromas degenerados. O sangue corre, Lia corre. Quando dá por si, mantém-se

há dois dias num ciclo imparável de caminhadas e corridas pelos bairros da Capital do Regime. As grandes avenidas ritmadas com fumo, as zonas residenciais de luxo com brisas de pó dos tapetes sacudidos diariamente, as ruas de serviços onde desembocam as exaustões saturadas dos restaurantes, os pequenos parques urbanos onde as empregadas domésticas passeiam os cães bem lavados que se rebolam na relva urinada. Sem descansar, sem se lavar, entra num dos elétricos que irradiam do centro da Capital às cinco da tarde, cheios de funcionários estafados e obedientes. E aí abre o longo fecho do seu casaco, aí nos rostos sonolentos dos passageiros, alça os braços esguios às traves metálicas, as *axilas como espadas apontadas perfiladas* e aí exala de todos os seus poros o cheiro intenso e íntimo do seu suor. Crava, como dentes-de-leão, os seus esporos nas cavidades nasais, na pele, nos fios lisos de cabelo, nos tecidos perfumados. Uns passageiros deslocam-se, saem na primeira paragem, outros procurando fingir indiferença, deixam-se levar.

Quando lhe parece que muitos pequenos acontecimentos se contorcem como lagartixas sem caudas, quando lhe parece que as contaminações escorrem pela cidade, para lá do seu controlo, regressa a casa. Suja, atravessa o pátio, descalça-se antes de entrar no seu compartimento, lava-se e de seguida lava toda a casa, deita-se então na cama e *adormece um sono povoado de bichos sacudidos, saltos errantes*.

Quando regressa de manhã ao Imperial Gabinete de Leitura, o sangue palpita-lhe debaixo da pele, o cabelo eriça-se na raiz. Os militares, ao vê-la assim, baixam os olhos para a botas envergonhados – *Bom dia Srs. Cabos*. De braços pousados no tampo de cerejeira, Lia percorre com os dedos as lombadas e os miolos de papel de arroz em expetativa. *O tempo gelado como estalactites, Lia reta como uma estalagmite*. Lia quer que a obra que lhe está destinada chegue rápido, seja produzida já, antes de os vermes da fruta se transmutarem em ignóbeis borboletas. *Antes que a borda fina dos livros adquira a textura velada do uso dos dedos suados dos seus colegas*. Mas tudo o que lhe chega nesse e nos dias seguintes, mesmo quando se ergue um pouco do chão, é sem-

pre menos do que sonhara, mesmo se movido por grandes ideias, despenha-se desastrosamente no correr dos caracteres verticais.

Mesmo se passadas poucas semanas, Lia sente-se a envelhecer na Sala de Leitura. A sua pele papel. Um corpo seco como árvore cortada onde em tempos ascendeu a água. A obra que aguarda tarda em chegar. Para Lia nunca esteve em causa poder ser ela a escrever um livro de raiz. A sua arte era a da reescrita, a da ocultação, a de criar opacidades entre as palavras e as coisas – *Literatura?: um trabalho menor*.

Interroga-se se a obra desejada seria a de um autor experiente que conheceria um momento feliz e ousado na sua produção. Ou se viria de uma nova voz, inaugural, indomada, a que os seus colegas teriam dificuldade em reconhecer o génio. Preocupa-se em estar atenta ao material novo que chega ao Gabinete, para que, por falta de visão, não seja catalogado como obra imberbe – *Novatos a tomarem outros por novatos*.

Quem sabe se essa obra não poderia antes vir até de fora de fronteiras, de um autor estrangeiro que tivesse um conto longo como um colar, com uma linha naturalmente idêntica à anterior. Um autor que, alheio às regras do Regime, viesse por um caminho desconhecido para o próprio a produzir um livro perfeito para a sua reescrita melhorada. Lia considera esta possibilidade como uma das mais belas pois nesse caso Lia reescreveria um texto que só o acaso divino poderia conduzir até ela.

Então ocorre a Lia que esse livro que deseja e que presente como se já o tivesse entre as mãos, esse livro que lhe era destinado para cumprir o seu destino, já estaria escrito, já estaria ali nas prateleiras do Gabinete, já teria chegado antes dela, e teria mesmo sido reescrito por algum colega embotado, incapaz de reconhecer o seu potencial. O livro estaria apontado a lápis nos velhos catálogos em fichas de papel a que ninguém se dava o trabalho de transferir para o digital, por serem obras menores, obras que poderiam definir no cartão, transparecer nas folhas de papel de arroz, esquecer-se na mente dos académicos.

A ideia segue-a de perto, almofadada como os chinelos de algodão, segredando os seus segredos para Lia. Lia está

convicta que o livro está dentro do Gabinete. Vai gradualmente abandonando as suas incursões nos bairros sujos da Capital, vai acumulando com desleixo os volumes novos que lhe entregam na sua secretária, as cartas de autores que confiam as últimas obras à sua lâmina,

O texto que procura está dentro. Lia procura no Gabinete, numa das suas salas de leitura, num dos catálogos, numa das secções, dentro. Dentro. Lia começa a tentar impedir a chegada de novo material. Desvia.

... droga funcionários. Lia esconde os livros que chegam. Dentro. Mas rápido percebe que para desviar o caudal inexorável de novos livros, o melhor é mesmo devolvê-los logo às ruas, como supostos livros melhorados. Dentro, Lia vai-se esquecendo de regressar a casa.

Os militares trancam a porta às cinco da tarde, sabendo-a dentro e desejam-lhe do lado de fora, Boa noite menina Lia. Aliviada, começa a lançar na rua também os livros que já confirmou que em nenhuma página ou linha poderiam ser a sua obra reescrita. Lia diz para dentro de si Boa noite menina Lia. O livro que procura está dentro.

Dentro de uma das encadernações cárcere. Dentro de uma página. Dentro. Lia esva- zia (... as pessoas, das letras, das folhas, ... chinelos alinhados, ...

do perfume a pó

balançar ... alcatifado,

raiado

à guilhotina,



A leitora

Camila Filipa

lei-to-ra *n.f. [Liturgia] Aquela que recebeu a segunda das quatro ordens menores da hierarquia eclesiástica.*

Sábado, Semana Vigésima Nona, Ano Ímpar

Em verdade, não costumás ir à missa aos sábados. Apenas te comprometes a marcar presença aos domingos, mas nem sempre consegues cumprir essa promessa. Esta semana, decides vir ao sábado, de modo a combater a tua prevista ausência no domingo (tens um encontro esta noite, que esperas que se prolongue até bem depois da hora da missa de amanhã). Contudo, esqueces-te que a missa matinal de sábado não conta como missa de domingo. Ou seja, na realidade, para seres uma boa praticante, terias de voltar à igreja amanhã, coisa que não vais fazer. Resolves ficar, mesmo assim. Aliás, tudo ótimo, porque esta eucaristia será como as missas durante a semana, que têm menos leituras e cânticos.

Estás sossegada, pronta para iniciar algumas orações pessoais, quando vêm pedir-te para leres a primeira leitura, que nem sequer sabes qual é e nem tens tempo de preparar. Enerva-te, ligeiramente, que as pessoas não tenham noção de que ler, à primeira vista, é um grande desafio. Não entendem que ler, em geral, é uma atividade com uma elevada necessidade cognitiva. Como qualquer tarefa, ler bem, implica prática e preparação sobre a matéria, que é coisa que, neste momento, não possuis. Sabendo que terias de visualizar uma partitura que nunca viste e interpretá-la, exatamente no segundo a seguir, o teu primeiro impulso é recusar. Porém, apercebes-te de que essa poderia ser uma forma de te redimires por, deveras, não estares a ser uma boa cristã. E, para além disso, até te consideras uma boa leitora.

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos
Irmãos:

Por detrás do ambão fazes uma breve pausa, como habitualmente. Não te recordas se ao subir para o altar fizeste uma vénia ao padre ou ao Santíssimo. Por vezes, ficas ligeiramente confusa com todos os rituais que existem durante a missa, apesar de assistires a estes protocolos regularmente, há mais de 25 anos. Para iniciares a leitura, não aclaras a voz, porque sabes que isso faz mal à garganta, mas ajustas o microfone à tua altura (desde sempre que a tua estatura se encontra um pouco acima da média, em geral, então também já estás habituada a esse movimento). Inspiras, profundamente.

*Não reine o pecado no vosso corpo mortal,
obedecendo aos seus desejos.*

Subitamente, pensas que talvez não devesse ter vindo à missa hoje, ou pelo menos, deverias ter recusado a leitura. As palavras que lês começam a revolver-te por dentro, perturbam-te e trazem com elas memórias que não querias recordar neste momento. Agora, só querias ler, não pretendias lembrar-te dos teus pecados.

*Não ofereçais os vossos membros
como arma da injustiça ao serviço do pecado;*

A primeira vez que pintaste as unhas foi no baile de finalistas do nono ano, algo muito estúpido, porque verdadeiramente ninguém era finalista e a manicure acabou por ficar uma miséria. Talvez por essa razão, não voltaste a repetir a façanha no final do secundário, nem sequer foste ao baile. Em vez disso, ficaste a dormir em casa da colega que te pintou as unhas, no nono ano. Ambas recusaram os convites que receberam dos rapazes da turma.

Tens boas recordações dessa noite. Não foi “traumático” não teres ido a uma “tão importante cerimónia”, como a tua mãe

ficou a pensar. Tu e a rapariga estiveram o serão a experimentar roupas, tentando fazer as combinações mais berrantes que conseguissem, imaginando como seria a forma mais escandalosa de ir a um baile. Acabaram ambas nuas, rindo, e decidindo que toda a gente deveria andar mais assim, como veio ao mundo. Daquela forma era tudo mais real, mais presente, mais belo.

Quanto à noite do baile do nono ano, dessa não te recordas bem. Neste momento, só consegues evocar a memória de um cheiro a melancia, não proveniente da fruta, mas de um perfume, num frasco muito cor-de-rosa, com formato de borboleta. O cheiro estava em todo o lado. Foi uma chatice tirá-lo da tua roupa, dos teus lábios e do teu coração. Aparentemente, ainda hoje consegues senti-lo.

Ao longo, dos anos, raras foram as vezes que permitiste que te pintassem as unhas ou que te colocassem perfume no corpo. Nunca foste uma menina de meninas, nesse aspeto. Conquistaste quase sempre, com sucesso, escapar ao pecado da futilidade.

*mas oferecei-vos a Deus,
como homens que revivem de entre os mortos,*

Quando eras mais nova, tinhas muitos mais amigos que amigas. Não por gostares mais de estar com meninos, simplesmente, para ti era mais fácil nutrir amizade com o sexo oposto. As meninas intimidavam-te. Perto delas ficavas mais calada, tímida, observadora. A tua mãe, por te ver tantas vezes rodeada de rapazes, insinuava que eles estariam todos apaixonados por ti. Mas tu pensavas que era ridículo. Para quê oferecerem-se a alguém que não os quer?

Agora, ainda no início da leitura, percebes que vires aqui é ofereceres-te a Deus, contudo, nunca tiveste a certeza se Ele, verdadeiramente, te queria...

*e oferecei os vossos membros
como armas da justiça ao serviço de Deus.*

Desde os oito anos que lês na missa (todavia, sempre com preparação prévia, não como nesta situação em que te encontras). Desde muito cedo, percebeste que o teu elemento mais poderoso era a tua voz e isso foi igualmente observado pelos teus pais, que perceberam que tal dádiva deveria ser usada para aclamar a Palavra do Senhor. Sobes ao altar, semanalmente, desde os oito e é também, mais ou menos desde essa idade, que sentes a falta da graça na tua vida. Apesar de leres as palavras de Deus, não te parece que Ele queira salvar-te.

A princípio, esse sentimento era muito subtil, vivia num lugar escondido, dentro de ti, onde não conseguias localizá-lo. Mas aos poucos foi crescendo. Começaste a aperceber-te de que era verdade, que Deus não punha a Sua mão protetora sobre pessoas como tu, só porque têm uma boa voz e vão à missa.

*E o pecado não vos dominará,
porque não estais sob o regime da Lei,
mas sob o regime da graça.*

Se a tua relação com Deus estivesse escrita num contrato real, assinado por duas partes, terias muitas queixas a apresentar. Participas na eucaristia, rezas, acreditas, porém, continuas a sentir que é falso o que lês, embora não tenhas coragem para o dizer a ninguém. Por mais que te negues, entregando-te ao Senhor, a tua pura existência continua a escavar um vazio enorme dentro de ti.

*Como, então? Havemos de pecar,
porque não estamos sob o regime da Lei,
mas sob o regime da graça?
De modo nenhum.*

*Não sabeis que, se vos ofereceis como escravos a alguém
para lhe obedecerdes,
vos tornais escravos daquele a quem obedeceis,
quer seja do pecado, que leva à morte,
quer da obediência, que vos leva à justiça?*

Sempre foste muito independente. Nunca gostaste de dar satisfações às pessoas e tal intensificou-se ainda mais quando iniciaste a vida académica. Rareaste as visitas aos teus pais, que muito choravam e te pediam que, ao menos, não deixasses a Igreja. E cumpriste. Não a deixaste. A prova disso é estares aqui a ler a Palavra do Senhor, cujo conteúdo, efetivamente, continuas a não entender bem.

De vez em quando, nas chamadas semanais que fazes para casa, em vez de contares apenas como vai a vida no escritório ou na habitação partilhada, gostarias de confessar que continuas a rezar diariamente a oração da noite que a tua mãe te ensinou e que ainda sabes de cor todas as músicas que aprendeste nos Escuteiros. Querias poder fazer entender aos teus pais que tu não abandonaste Deus, que foi ele quem te abandonou a ti.

*Mas demos graças a Deus,
porque, se éreis escravos do pecado,
agora vos submetestes de todo o coração
à norma de doutrina que vos foi transmitida.
E assim, libertos do pecado,
vos tornastes servos da justiça.*

O teu corpo que lê, também é o teu corpo que peca, por isso, esta mensagem de bem-aventurança, não é para ti. A tua missão é apenas fazê-la chegar aos ouvidos de quem pode, sim, ser salvo.

Palavra do Senhor.

Olhas uma última vez para a assembleia, que te responde com: “Graças a Deus” e depois desces, sentindo-te momentaneamente tonta. Sem querer, o teu braço roça ligeiramente no braço de uma pessoa que se posicionou ao teu lado, para proceder à próxima leitura. Através do toque, tens um súbito momento de consciência. Então, ambas se baixam, ao mesmo tempo, numa reverente vénia ao Santíssimo: ela sobe e tu voltas para o teu lugar.

O órgão da igreja começa a ouvir-se enquanto tu aterras no banco, ligeiramente a suar. Entretanto, reparas que o lugar atrás do teu está vazio. A pessoa que vai cantar o salmo é a mulher em quem reparaste, ao entrar, aquela que estava vestida em tons alaranjados, com uma blusa branca por dentro da camisa cor de tijolo.

Não estavas à espera que se fosse cantar o salmo, por isso, surpreendes-te quando a cantora começa a sua atuação. De repente, esqueces-te da leitura que acabaste de fazer e de todos os sentimentos que levantou dentro de ti. Toda a tua atenção fica presa à mulher e apercebes-te de que é impossível desviáres o olhar. A beleza da cantora não reside em nenhuma das qualidades físicas que lhe possas atribuir, mas na sua presença no altar. Não consegues formular uma noção clara. Porém, é como se o seu corpo tivesse adormecido por instantes e reinasse apenas a voz, uma melodiosa mensageira de Deus e dos Anjos e Santos. Aquilo que vês é um corpo ausente, mas, ao mesmo tempo, é o exemplo real de um estado de graça, da carne, fora do pecado.

A cantora parece ter uma concreta intenção sobre o texto, como se soubesse precisamente o que as palavras lhe estão a pedir. Está a ser tão agradável ao teu ouvido que te sentes num estado profundo de hipnose: permaneces ali, em presença, mas o teu ser voa com a ária, que parece estar numa língua que não compreendes, apesar do texto pertencer ao mesmo livro de onde tu acabaste de ler. Sabes que aquela voz produz uma linguagem, mas não é a linguagem em si. Não consegues ter foco no que está a ser dito, pois o teu foco está na cantora.

Na bíblia, João Batista era a Voz, e Jesus Cristo, a Palavra. Neste momento, Deus continua a ser Palavra, mas João Batista é substituído por aquela presença feminina, cujo som transcende tudo, não como se cantasse as palavras, mas sim o seu verdadeiro significado.

Continuando sem entender, apercebes-te que o escutar daquele salmo começa a curar a ferida sentida há pouco, enquanto lias, no altar. A dor de um vazio total, criado através de imposições que sentiste uma vida inteira, começa a dissipar-se. Aí, tens

a certeza de que estás perante a verdadeira representação de um agente sagrado.

De repente, termina o salmo. Já toda a gente repetira o refrão uma última vez, até tu, completamente alienada de ti mesma. Agora, a cantora desce e volta para o banco atrás de ti. Não parece vir desconcertada, aliás, aparenta estar em total controle de todas as suas capacidades.

– Estiveste muito bem. – Não resistes, mal chega ao seu lugar, viras-te para trás e sussurras-lhe. O teu corpo está ainda a processar a adrenalina do momento. – Cantaste muito bem. – Reafirmas, ainda sem conseguires controlar a tua carne pecadora e extasiada.

A cantora parece responder-te através de um sorriso tímido, um simples levantar dos cantos da boca. Os lábios dela são de um tom rosa baço, um pouco finos. Não havia ninguém sentado atrás dela, por isso permites que o teu olhar pouse nela durante mais uns segundos. Notas que possui um pequeno sinal acastanhado, por baixo do olho direito e recordas-te que há uns tempos conheceste uma rapariga com um sinal parecido com aquele, numa noite, num bar.

Quando o padre começa a cantar o Aleluia, sentes ser um sinal e dás meia-volta para a frente, sem conseguires prestar atenção ao padre, porque, finalmente mais calma, refletas sobre a interação, tão infantil, que acabas de ter, bem como o controle que agora necessitas para perder a vontade de continuar a analisar o rosto da cantora.

O Evangelho era de São Lucas. Jamais, nos teus anos de vida, pensaste em ter filhos. Porém, se algum dia surgisse um, não te importavas que se chamasse Lucas. Consideras ser um nome bonito. Também não te importarias que fosse homem. Não tens nada contra os homens. Sendo justa contigo, já estás é farta de mulheres na tua vida.

Subitamente, sentes um toque suave no ombro e tornas a voltar-te para trás.

– Tu também cantaste bem. – Profere ela, baixinho, chegando-se muito perto do teu banco, com um sorriso um pouco mais

aberto, que deixa vislumbrar um bocadinho dos dentes da frente. Desta vez, está tão perto que parece ser possível contar o número de pestanas que ela possui.

Embora atordoada pela repentina aproximação, tentas decodificar o que a cantora te disse. Como assim, “cantaste bem”? Tu não és cantora, és leitora! É sabido que mudas ligeiramente a entoação das palavras quando queres que o texto saia de terminada forma (como é o caso de um texto bíblico), mas, para ti, isso é o trabalho de qualquer leitora. Claramente, não chamarias a isso cantar...

A tua cara espelha, por completo, a confusão que te surge no espírito. Sem conseguires conter o teu corpo pecador, soltas um baixo som de interrogação. A cantora ri-se sem imitar ruído e as linhas do sorriso aprofundam mais. Desta vez, quase todos os dentes se mostram: são brancos, direitos e sem falhas, com gengivas de um vermelho suave. Questionas-te se ela terá usado aparelho dentário ou se terá, além do dom vocal, uma igual bênção dentária.

– És bastante melodiosa quando lê! – Ela torna a rir-se. Será que está a brincar contigo, apesar do olhar fixo no teu não te parecer totalmente malicioso? Efetivamente, nem sabes se estarás a ouvir as palavras como deve ser, uma vez que vocês estão ambas a murmurar.

– Ah – comesas a balbuciar como resposta – Desculpa, assim deve ser mais difícil de entender a leitura...

– Não, de todo! É o contrário! Acho que tens uma forma engraçada de ler, porque és bastante expressiva! Talvez até mais do que quando falas. – Ela acrescenta, quase interrompendo-te.

– Bem, é verdade que a forma como lemos nunca é igual à maneira como falamos... – refletas, mais ou menos em voz alta.

– Era isso que queria dizer! Para mim, a leitura parece-me um canto!

De repente, ouvem um pequeno “shhh” e são confrontadas com um olhar de esguelha, vindo do banco à frente do teu, do lado direito. Daí, observa-vos alguém em quem não tinhas reparado: uma senhora, de pé, que segura um missal vermelho des-

botado, com as letras da capa quase a perder a cor. Nitidamente, quer ouvir Lucas. Mas tu, queres ouvir a cantora.

Infelizmente, por causa disso, a vossa conversa interrompe-se. A cantora, responde rapidamente à senhora com um olhar de perdão que tu tentas imitar, mas sabes que falhas redondamente (como já se comprovou, nunca foste muito boa a ocultar as emoções no teu rosto). Depois, voltam-se de novo uma para a outra e ela sorri-te, mas, desta vez, além dos dentes descobertos, a pontinha da língua aparece também por entre eles. O sorriso já não parece tímido, mas desafiador. Consegues contemplar nele um perigo iminente, quase como se dele saísse uma chama capaz de te queimar viva. És, inesperadamente, apanhada desprevenida, não pelo sentimento de risco, que tu já sentiste muitas vezes ao longo da tua vida, mas pelo suave toque de dedos, longos e frios que pousam sobre o teu ombro e roçam no teu pescoço descoberto, fazendo arrepiar os pelos. Com uma mão sobre o teu ombro e outra sobre o banco, a cantora empoleira-se e chega a boca muito perto do teu ouvido esquerdo, de tal forma que consigues sentir o ar quente que ela exala, antes de começar a falar. O som sai-lhe extremamente baixo, como se aquilo que fosse dizer se tratasse de um segredo, que nem Deus pudesse ouvir.

– Já que vamos pecar com os nossos corpos, ao menos que usemos as nossas vozes para louvar o Senhor. – E dizendo isto, afasta a mão e encosta-a à boca, com o indicador reto sobre os lábios onde fica espelhado o mesmo sorriso perigoso, que em câmara lenta se desfaz: a língua enrola para dentro, os lábios cobrem os dentes e tudo volta à sua posição natural. É como se a expressão anterior tivesse sido apenas uma miragem.

Desta vez, és tu que quebras o contacto visual. Acenas em câmara lenta com a cabeça, girando para ficares de costas para a cantora e elevando o rosto, cheio de interrogação, na direção do Santíssimo. Sentes suor a escorrer-te debaixo do peito. Parada, tentas regularizar a respiração, enquanto tomas consciência, com horror, do quanto desejas a mulher sentada atrás de ti. Apercebes-te de que a salvação te é impossível. A tão prometida graça de Deus nunca chegou e nunca estará contigo ou com quem se

assemelha à tua pessoa. Por muito que fijas, o pecado, de quem és escrava, encontrar-te-á, até na casa do Senhor.

Merda, pensas. Perdão, pedes.



A Leitora

Gabriella Andrietta

Myra lavava a túnica com cuidado. O linho era delicado sob seus dedos calejados, como se qualquer movimento minimamente descuidado fosse capaz de rasgá-lo. O sangue contaminava tudo que tocava, o tecido, a água, o ar... Myra odiava aquele cheiro metálico, ela odiava ter que fazer aquilo, ela odiava que Kastos tinha o poder de mandá-la fazer aquilo.

Parando seus movimentos, Myra olhou para as próprias mãos. Vermelhas, feridas de tanto esfregar e manchadas pelo sangue. Consumida pela frustração, Myra joga a túnica no meio do rio e assiste a correnteza levar a roupa embora, deixando um rastro róseo para trás.

– Você acha que isso é uma boa ideia? – pergunta uma voz irritantemente familiar – Aquela túnica é muito valiosa.

– E o que você tem a ver com isso? – retruca Myra e desvia o olhar da roupa sendo levada.

A Leitora ri e se senta ao lado dela nas pedras da margem do rio, sujando sua túnica perfeitamente branca de terra e água. Ela tira as sandálias e coloca os pés na água com toda a graça do mundo.

– Não precisa ser assim – responde tranquilamente, sua voz doce e terna – eu só estou pensando no seu bem.

Agora é a vez de Myra rir, uma risada áspera, cínica.

– Meu bem? – pergunta, se virando para olhar nos olhos da Leitora – Quando você já quis o meu bem?

A Leitora sorri delicadamente para ela, seus olhos cor de caramelo brilhando com diversão, como se Myra fosse uma criança que não entendia como o mundo funcionava. Myra odiava aquela expressão.

– Por que você está aqui? – pergunta, desviando o olhar

novamente para o rio. A túnica estava presa em uma pedra na parte rasa da margem, o sangue parecia ainda mais vivo por baixo da água cristalina. Myra não fez nenhum movimento para recuperá-la.

– É sempre direto ao ponto com você... – suspira a Leitora. Ela fica em silêncio por um segundo até que Myra a escuta entrar na água com um movimento suave. Com passos delicados, a Leitora atravessa o rio em busca da túnica. Ela pega a peça com cuidado e passa os dedos gentilmente sobre o bordado azul.

Myra a observa com uma expressão vazia. A Leitora é uma das mulheres mais bonitas que ela já viu. Sua pele jovial não tinha nenhuma marca e seus longos cabelos dourados estavam sempre presos em tranças elaboradas e perfeitamente alinhadas. Mesmo ali, com água até a cintura e a túnica suja de terra, ela demandava a atenção de todos. A Leitora era a verdadeira imagem da perfeição. Myra nunca acreditou na perfeição.

– Por que você está aqui? – repete Myra.

– É uma pena... – continua a Leitora, mais uma vez a ignorando – Era tão bonita...

Ela devolve a túnica para o rio. Myra observa o tecido se contorcer na água, passando pelas pedras, se deixando levar pela correnteza.

– Você veio me dizer para não interferir? – perguntou enquanto via a túnica desaparecer no horizonte. Às vezes, Myra queria poder desaparecer assim, só seguir a correnteza para longe de tudo.

– Por que você acha isso? – pergunta a Leitora se aproximando novamente da margem. Ela para em frente a Myra e, com uma mão delicada, força o seu olhar a encontrar o dela – Você acha que você pode mudar alguma coisa? – seu tom doce em meio as palavras cortantes. Myra sentiu um calafrio percorrer o seu corpo.

– Por que você está aqui? – repete Myra, com mais urgência. Ela segura o pulso da Leitora com as duas mãos – Por que você veio?

A Leitora sorri.

– Eu vim trazer uma boa notícia. – anuncia, inclinando levemente a cabeça – A notícia que você espera há anos.

Myra sentiu como se o mundo tivesse desaparecido sob seus pés, como se ela tivesse realmente sido levada por uma correnteza, mas essa não era uma correnteza gentil como a do rio. Essa correnteza era violenta, temperamental, ela arrastava tudo que via pela frente sem se importar para onde ia. A Leitora se debruça e sussurra no ouvido de Myra:

– Você está livre.

As lágrimas começam a cair antes mesmo de Myra perceber o que estava acontecendo.

– Shh... – consola a Leitora, limpando as lágrimas dela com dedos delicados.

– Livre...? – pergunta Myra, sua voz fraca e patética.

A Leitora passa a mão suavemente pelos cabelos dela, como uma mãe consolando a filha.

– Sim, livre... agora somos só eu e você, chegou a hora de voltarmos para casa.

– Para... casa?

– O Templo das Leitoras – esclarece a Leitora, mas Myra não estava mais ouvindo. Ela subitamente empurra a Leitora e se levanta.

– Eu não posso ir... – sussurra, mais para si mesma do que para a Leitora – Callie precisa de mim.

A Leitora sai do rio e estende a mão para ela, mas Myra se afasta.

– Ela não pode ficar sozinha com ele – continua – não pode...

– Você não precisa mais se preocupar com isso. – diz a Leitora, sua voz calma e com tanta certeza que fez Myra estremecer.

– O que isso quer dizer? – retruca, sua voz fraca até para seus próprios ouvidos – É óbvio que preciso me preocupar, ela é minha responsabilidade. Não era você que sempre dizia que eu precisava cuidar dela? Que esse era o meu papel?

– Você não precisa mais se preocupar com isso – repete a Leitora, sua mão ainda estendida – Agora, seja uma boa menina e venha comigo.

Myra continuou se afastando, ela não gostava nem um pouco do rumo daquela conversa. Myra não gostava de se encontrar com a Leitora, sempre teve algo na presença dela, algo... inquietante. Ela era calma demais, eloquente demais, perfeita demais. Agora, olhando para a figura imaculada da Leitora, Myra soube exatamente o que a incomodava. A Leitora olha para o mundo como se nada fosse capaz de atingi-la, como se ela fosse a única coisa importante e tudo deveria girar em torno dela.

Myra conhecia a lenda das Leitoras, jovens capazes de compreender a linguagem da Escritora e ler o futuro. Jovens que só apareciam uma de cada vez. Myra sempre considerou que essas histórias eram exageradas, que a Leitora não era diferente das sacerdotisas que diziam ter o dom da profecia, que ela era uma mulher deslumbrante escolhida para passar a imagem da “escolhida pela Escritora”. Naquele momento, Myra percebeu como estava errada, a Leitora sabe de tudo, ela controla o rumo da história e tem o mundo sob seus pés.

Sem pensar, Myra começou a correr. Ela não podia olhar para trás, não podia parar. Ela precisava fugir dali, da Leitora, desse mundo que ela conduz. Mas antes, ela precisava encontrar Callie.

O caminho de volta passou como um borrão, Myra corria pelas ruas sem se importar com o que ela esbarrava ou com os olhares das pessoas. Se ela parasse, ela veria os olhos da Leitora nos rostos familiares, ela ouviria a voz da Leitora em seus ouvidos, a guiando gentilmente para uma prisão da qual ela nunca poderia escapar.

Quando Myra atravessou o portão, ela ouviu mais do que viu Eris.

– O que você pensa que está fazendo? Chegando nesse estado... – começou, mas Myra a ignorou e continuou correndo até o quarto de Callie. Vazio.

Ela ouviu passos se aproximando rapidamente, ela conhecia aqueles passos, Eris tinha vindo atrás dela. Myra não deu oportunidade para Eris falar, assim que ela passou pela porta, Myra a agarrou pelos ombros.

– Onde ela tá?

Eris ficou sem palavras, ela olhou para Myra com preocupação. Myra não podia culpá-la, ela conseguia imaginar a imagem que ela estava passando naquele momento.

– O que aconteceu com você? – perguntou cuidadosamente. Eris nunca tinha usado aquele tom com ela. Na verdade, Myra não se lembrava de ter visto ela sendo gentil com ninguém além de Callie.

– Não importa – responde Myra – só me diga onde a Callie tá.

Myra viu algo mudando na expressão de Eris, algo triste e melancólico.

– Não – disse – Não, não, não... não era para isso acontecer.

As lágrimas voltaram aos olhos de Myra, elas eram pesadas, mais pesadas do que qualquer outra coisa que ela já tinha carregado. Myra desabou no chão e sentiu algo gelido percorrer todo o seu corpo. Era isso. Era isso que a Leitora esperava dela. Esse tempo todo, ela achou que estava ajudando Callie, mas tudo que ela fez foi levá-la para as garras da Leitora, para uma morte prematura.

– Porquê? – perguntou para si mesma – Porquê tudo que eu toco quebra?

Myra olhou para as próprias mãos. O vermelho que ela viu não era mais do esforço de limpar a túnica, mas do sangue que teimosamente permaneceu em suas mãos. Fazia sentido, ela era uma assassina agora, ela soube disso assim que viu a expressão de Eris. Nunca foi a intenção dela machucar Callie, a dose não era forte o suficiente para matá-la, ela tinha confirmado isso com a boticária, mas isso não importava agora.

A voz da Leitora ecoava nos ouvidos de Myra “você não precisa mais se preocupar com isso”. Ela sabia, sabia desde o início, sabia que Myra seria a pessoa que mataria Callie. “Você acha que pode mudar alguma coisa?” a Leitora tinha perguntado, era isso, esse era o papel dela. Myra era apenas um fantoche na história da Escritora. Para a Leitora, Myra era apenas mais uma personagem na trama e ela tinha cumprido a sua função na narrativa. Agora, ela estava “livre” do seu dever.

Eris não sabia como reagir, ela observou Myra por um longo momento. Por mais que ela se irritasse com a insolência dela, Eris não tinha nenhum prazer em ver Myra assim, tão desolada, tão... apagada. Myra olhava para o chão com olhos vazios e o seu corpo inteiro tremia.

– Vamos. – disse Eris – Vou te levar para o seu quarto.

Myra não reagiu. Ela só ficou ali, sentada, olhando para o chão. Eris tentou segurar um dos braços dela para ajudá-la a se levantar, mas Myra se desvencilhou com violência.

– Me deixa em paz. – disse sem levantar o olhar.

– Você precisa colocar a cabeça no lugar. – diz Eris, tentando mais uma vez fazer Myra se levantar, mas a reação dela foi a mesma.

– Me deixa em paz – repetiu com o mesmo tom monótono e Eris se exasperou. Ela nunca foi uma mulher paciente.

– Eu só estou tentando ajudar!

– Me deixa em paz – repetiu mais uma vez.

– Fique aí então! – respondeu Eris e saiu do quarto resmungando.

Myra ficou ali, sentada em silêncio, repassando todos os eventos da sua vida... desde que ela pisou os pés na capital, ela teve a atenção da Leitora. Myra sempre achou estranho que uma pessoa tão importante tinha se interessado por ela, uma menina vendida para a escravidão pela própria família. Ela se sentiu tão especial, a própria Leitora a tinha escolhido para servir Callie, a única filha de uma família importante.

A atenção da Leitora se tornou cada vez mais pesada, seus encontros cada vez mais frequentes e mais inquietantes. O assunto nunca mudava, ela deveria servir bem a Callie, garantir o seu bem-estar e felicidade. Não era difícil de se apegar a Callie, uma pessoa gentil e com tanta luz interior, então não foi nenhum sacrifício para Myra cuidar dela.

Tudo desandou quando Callie se casou com Kastos, o primogênito de uma família influente de mercadores. Myra nunca gostou da ideia desse casamento arranjado, ela não gostava de Kastos ou de qualquer outra pessoa daquela família. Eles eram

gananciosos e orgulhosos, o completo oposto de Callie, mas o acordo tinha sido selado pela própria Leitora, ninguém podia impedir aquele casamento de acontecer.

Myra se lembrava da conversa que ela tinha tido com a Leitora quando ela anunciou a união das famílias, como ela implorou para que a Leitora mudasse a sua decisão e não deixasse Callie se casar com um homem como Kastos. A Leitora tinha olhado para ela com aquela expressão que ela tanto odiava, aquela expressão que dizia que ela não entendia como o mundo funcionava. “É a vontade da Escritora” foi tudo o que a Leitora disse, e foi o fim da discussão. Myra devia ter feito alguma coisa, ela devia ter Exrado Callie e fugido dali sem olhar para trás.

– Você sabe que é falta de educação sair no meio de uma conversa, não sabe? – pergunta a Leitora, as palavras ásperas mascaradas pelo seu tom doce. Myra não se surpreendeu com a presença dela, na verdade, ela estava esperando por isso.

– Porquê eu? – perguntou.

A Leitora se agachou em frente a ela, ela não estava mais com a túnica branca que ela usava no rio, mas com uma túnica igual à que Myra estava lavando. Um sinal claro para Myra não se opor a ela, do poder que ela tinha naquele mundo.

– É a vontade da Escritora. – diz, como se aquilo fosse suficiente para explicar toda a dor e sofrimento que a Leitora a fez passar.

– E quem é essa Escritora?! – grita Myra – Por que ela quer que pessoas morram?! Por que a gente tem que ouvir as vontades dela?!

Pela primeira vez, Myra vê a expressão da Leitora se tornar turbulenta.

– Não diga uma blasfêmia dessas.

Myra ri, um riso histérico, incontrolável.

– Isso não acabou. – diz – nunca vai acabar, não se ela continuar ditando as nossas vidas... e você, acha que você é especial? Que a Escritora não vai se livrar de você? Ou pior, fazer você viver uma vida sem um pinga de felicidade? Sem amor? Que ela não vai fazer com você o que ela fez com Callie?

– Você não entendeu – responde a Leitora, seu tom sério. – o futuro não é algo que podemos controlar, nós não passamos de

personagens à mercê da História da Escritora. Sem ela, nós não existimos.

– Que se dane existir! Eu não quero existir se a minha vida se limitar a seguir as linhas traçadas por... por... seja lá o que a Escritora for! Não se isso significar que eu vou perder tudo com que eu me importo.

– Não quero mais ouvir sobre isso. – declara a Leitora se levantando, sua voz fria e sem emoção – você vem comigo para o Templo das Leitoras e nós vamos seguir com a Narrativa.

– Eu me recuso. – afirma Myra, ela nunca tinha tido tanta certeza de algo na sua vida – Eu não vou mais me submeter a isso.

– Você não tem opção. – responde a Leitora e, com isso, Myra sente seu corpo ficando cada vez mais leve até ela perder a consciência.

A Leitora se levanta e alisa a própria túnica.

– Quanto a vocês – continua a Leitora – não sei o motivo de a Escritora trazer vocês para esse momento, talvez esse seja o início da História, ou ela só queria que vocês conhecessem a Myra.

A Leitora dá de ombros. Ela percebeu a sua presença assim que você leu a primeira linha. Sim, a sua presença. Você, a pessoa que de alguma forma encontrou esse texto. Vocês são os verdadeiros Leitores, as pessoas para quem esse mundo foi criado e quem dá vida a ele.

– Infelizmente, eu não poderei responder às suas perguntas. A minha única forma de contato com o seu mundo é através da Escritora e ela não sabe quem você é ou quantos de vocês irão aparecer. – a Leitora inclina levemente cabeça – Na verdade, nem eu sei quem você é. Eu conheço a sua presença, sei que está aí agora, mas só isso...

A Leitora começa a andar, seus passos ecoando no chão de pedra.

– No fundo, nada disso importa, o que importa é que você esteve aqui, e isso deve significar alguma coisa, mesmo que nenhum de nós entenda o quê. Por hora, vou deixar você em paz para seguir o seu caminho, esse mundo já deu tudo que tinha a oferecer. Talvez nós nos vejamos de novo, talvez não...



A Leitora

M. L. Vieira

Chuva quente. O vapor da cidade alimentada a carvão sobe a céus cobertos de névoa. Sem estrelas, sem lua, apenas uma escuridão avassaladora. Confortável. A neblina aquece a água que derrama rios pela calçada, que reflete as cores das lanternas espalhadas pelas ruas estreitas, torcidas, quietas.

A melodia da tempestade ecoa com o dançar de trovões longínquos. As cores eletrificadas pintam veios num céu escuro. Lavínia pode jurar que vê uma forma gigante por cima da sua cabeça. Tentáculos lodosos, como serpentes num rio sem fundo. Os braços sombrios comem o teto de névoa, envolvem o mundo com uma força inimaginável.

Mas as formas sinistras do horror vão ter de esperar. Uma outra força chama-a. Atrás de uma vitrine imaculada, intocada pela chuva caída do céu, está um livro. Um livro que sorri. Mostra um sorriso torto, forçado, como se dedos invisíveis estendessem a pele da capa. Uma casca de cabedal castanho, coberta de rugas gelatinosas, bolhas e buracos recurvados.

Lavínia mantém-se quieta debaixo de um chapéu de chuva partido. Os seus pés estão encharcados, a gabardine carregada de água, a mochila ensopada. Mas nada importa, pois nada é mais belo do que as formas latejantes daquele livro, formas que mudam com cada flash caído do céu. Ondas pulsantes ecoam pela chuva, cantam canções sussurrantes. Murmúrios numa língua desconhecida, gutural, impossível.

“Ya na agnwgah’n ilya hai naftuaah,” o livro sussurra.

Lavínia respira fundo. O cheiro a carvão queimado interliga-se com palavras cobertas de mel. O cântico ancestral rodopia à volta dela, acaricia-lhe as madeixas de cabelo molhado.

Sem perceber como, começa a andar. Um fantoche feito de

carne, uma boneca de alma encaixilhada, uma marioneta manipulada por cordões invisíveis. Lavínia entra na loja.

Ring. Um sino enferrujado anuncia a sua chegada.

A rapariga fecha o chapéu. Uma cascata de água turva espalha-se numa poça aos seus pés. As botas que se entrelaçam até aos joelhos rangem contra o chão de pedra frio e a sua gabardine remendada goteja os restos de chuva que segura.

Lentamente, ela torce o pescoço em direção ao livro. O livro que vive, que sorri, que fala, que comanda. O livro feito de carne canibalesca, rasgada, esticada. O livro atrás de um vidro que falha em conter murmúrios charmosos.

Passos ecoam pela loja sombria. Do fundo de um corredor negro sai uma mulher velha, corcunda, com cataratas nos olhos escondidos atrás de cortinas rasgadas. A figura da lojista esconde-se dentro de um manto de bronze. Encarapuçada, cambaleia até ao balcão de bengala na mão.

“Que a noite esteja consigo, menina,” diz a mulher. Voz trémula escapa de um sorriso demasiado largo.

“E consigo,” sussurra Lavínia.

Sorrateiramente, o fascínio pelo livro desfaz-se com o incenso que se espalha pelo ar denso da loja. Agora que o véu se levantou, Lavínia consegue ver claramente. Vê o gorjal feito de relógios pulsantes à volta do peito da mulher. Vê o cabelo prateado que ameaça tocar na cinta carregada de fivelas de bronze. Vê o coração mecânico que palpita por cima da mesa desordenada. Lavínia sente-se como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo.

“O que a trouxe cá?” pergunta a mulher.

A rapariga hesita. Sente o latejar das engrenagens e dos mecanismos que a mulher coleciona a martelar dentro do seu crânio. “Estava... curiosa.”

“Imagino,” a lojista ri sem rir.

“Passo aqui todos os dias, de manhã e à noite, mas não me lembro de ver esta loja.”

“É engraçado o que conseguimos ver, quando procuramos algo extraordinário.”

As palavras enigmáticas da mulher sabem a verdade, de uma forma estranha. Lavínia não procura nada, ou, pelo menos, não sabe que o faz.

“Diga-me, o que vê no céu?” pergunta a mulher.

“No céu?”

“Sim.”

“Nada.”

“Nada?”

“Escuridão.”

“E que mais?”

“Fumo. Vapor.”

Lavínia engole em seco.

“Algo mais?”

“Tentáculos.”

Um sorriso rasgado forma-se entre rugas. Sem dizer mais nada, a mulher anda até à vitrine e ao livro que a assombra. Abraça o volume com braços finos antes de cambalear de volta, atrás do balcão. Afasta os variados itens soltos, pulsantes, mecanizados e pousa o livro na madeira escura.

O volume expira uma onda de pó ao colidir com a mesa. A cara sorridente esticada na pele endurecida da capa parece ainda mais viva de perto. Como se sangue quente pulsasse debaixo das rugas e das varizes e dos sinais que cobrem a casca do livro.

“Quer que o embrulhe?” pergunta a mulher.

Incerta do que dizer, e do que querer, Lavínia simplesmente suspira um “Não.”

A estranha estende a mão ossuda. “Três cobres, por favor.”

Lavínia investiga o bolso aguado do casaco. Sozinhas numa piscina de nada estão moedas de cobre. Exatamente três. A rapariga entrega o dinheiro à mulher, cujos dedos tortos envolvem as peças de metal como as pernas de uma aranha à volta de uma presa.

“Muito agradecida, menina,” diz a mulher. “O livro é seu.”

A obra encaixa perfeitamente nas mãos de Lavínia. Ela pensava que pesava mais, aquele livro, olhando de relance para o grande número de folhas, para a capa dura, para o tamanho abso-

luto do bloco sombrio, risonho. Lavínia nunca imaginara a leveza que sente ao segurar no volume, no conjunto de rugas que não submete a algo tão insignificante como a gravidade. De livro nos braços, a rapariga abandona a loja.

Ring. O sino enferrujado anuncia a sua saída.

De volta a casa. A chuva torrencial espalha-se como ecos de um tiroteio. Flashes de relâmpagos azuis matam a escuridão do apartamento e são a única luz que permite a Lavínia andar em segurança até ao interruptor. Neste caminho, vultos surgem da luz cortante que rompe pelas janelas. Vultos nas paredes, nos cantos intocados pela luz. Vultos longos e magros, incorpóreos na sua corporalidade.

Lavínia chama a eletricidade. Carrega no interruptor e um flash imediato toma conta do apartamento. Tons de bronze gasto colidem com a cor das luzes quentes de candeeiros meio-mortos. O caos organizado que decora o apartamento ganha cor e os vultos que outrora assombravam a casa são dispersos por luz difusa.

Ela anda até à secretária que descansa por baixo da janela e dos raios ramificados no céu. Na mesa estão vários projetos inacabados, corpos mecanizados deixados num limbo entre a criação e a morte. Ossos de metal bronzeado, entrelaçados com engrenagens, quimeras feitas de peças soltas e estranhas umas às outras. Mas, apesar da aparente incompatibilidade das partes, algo se forma naquela pequena selva de metal. Algo que Lavínia ainda não sabe o que é.

No meio da confusão, Lavínia arranja espaço para o livro sussurrante. Deita-o na mesa com as peças e as engrenagens e os relógios perdidos no tempo. Deixa o sorriso rugoso descansar no novo espaço, debaixo da luz quente de candeeiros, debaixo da luz fria da tempestade. Deixa o livro na mesa e tenta seguir a rotina que tanto aprecia.

Um sonho. Um pesadelo?

Lavínia dorme. Deitada na cama, ela mexe e remexe entre lençóis frios. Entre ondas de suor, dores musculares, um inconso-

lável desconforto que teima em ficar, que queima a pele com um fogo gelado.

Lavínia encontra-se entre sombras. Numa caverna, no meio de montanhas azuis e pretas. Olha em seu redor. Só vê as formas ancestrais de rocha e água a esculpir o interior que ocupa. Com os barulhos da caverna, um murmúrio viaja com a brisa marítima.

“Ya na agnwgah’n ilya hai naftuaah.”

Lavínia estica o pescoço em direção ao vento. Sem pensar, segue-o pelos corredores labirínticos da montanha. Ouve os ecos da voz melosa a repetir as mesmas palavras. Palavras que não conhece, que não sabe pronunciar. Palavras de uma voz impossível.

Lavínia sente o tempo a esticar. As paredes da caverna tremem como as cordas de uma guitarra. As cores da pedra misturam-se como óleo numa paleta de artista. O sal que satura o ar torna-se sólido, trespassam-lhe o corpo como agulhas de vidro. Os sons de um mar alienígena são abafados pela desordem de um sonho. Um pesadelo.

Lavínia vê o fim. A escuridão decai com o pulsar inerente de uma luz. Uma luz húmida, cerulina como o resto da montanha. Uma luz que a chama sem misericórdia, puxa-a até ao precipício.

Lavínia para no limite de pedra. Mais um passo e cairia num penhasco de rochas pontiagudas e água negra. As ondas esmagam o lado da falésia com uma força antiga e a água chega até ao topo na forma de pequenas gotas salgadas.

Uma respiração rápida. Lavínia acorda sem acordar ao dar de caras com a altura intocável do precipício, com a potencialidade sangrenta que dorme nas espadas de pedra afiadas no fundo da falésia.

Ao tomar consciência, ela sente uma presença a pairar no ar. Uma entidade que pesa sobre o vento que viaja com o mar. Uma singularidade que olha, observa, consome todo o oxigénio que vive naquele mundo.

Lavínia hesita. A visão da base mortífera do precipício gelalhe os ossos, mas a força maligna que paira sobre a sua cabeça é indescritível. A rapariga não quer ver o que a vê, não quer perce-

ber que presença é aquela que impõe tal sensação. Tal terror. Mas, como uma traça e uma chama, Lavínia levanta os olhos ao céu.

Num berço de mar, névoa e montanhas, uma ilha levanta um castelo angular, um triângulo de torres de obsidiana que brilham sem brilhar. O céu preto, sem estrelas, sem lua é tapado por uma massa gigantesca. Um olho. Uma bola de sombras e tentáculos enche-a de temor e veneração. A pupila preta, maciça, espelha o cenário à sua frente. Espelha as montanhas, o mar, a ilha, o castelo e Lavínia, que cai de joelhos com o terror absoluto.

Depois da troca de olhares, a rapariga ouve o pulsar de um relógio. Primeiro impercetível, longínquo, como a voz cantada que tenta adormecer um bebé. Depois gigante, ecos avassaladores que fazem a terra tremer. Tick tok tick tock. O balançar de um relógio de pendulo luta contra as marés do tempo.

O olho estica as pálpebras rugosas com o intensificar do pulsar mecânico. Sem aviso, o globo amorfo viaja quilómetros num segundo, rasga o tecido temporal que segura aquela dimensão. Lavínia observa a forma lodosa a vir contra ela como um tiro de uma caçadeira.

Ela acorda, agora de vez. Lança-se para o céu, senta-se na cama e respira com uma falta de oxigénio desnatural.

Depois de difundir o pânico, com as mãos no peito, Lavínia olha em seu redor. Vê o escuro confortável e familiar do seu apartamento. Ouve o estalar do relógio de pêndulo que herdou do avô a pulsar na sala. Sente a eletricidade fora da sua janela, a luz azul da tempestade intocável.

Um suspiro escapa pelos lábios da rapariga. Foi só um sonho.

Assombrada por suores frios, Lavínia anda até à cozinha, pelas sombras e os vultos que coleciona nos cantos mais escuros de casa. Enche um copo de água da torneira. Uma brisa refrescante enche-lhe a garganta. O toque metálico familiar abraça-lhe a língua, quando acaba de beber. Mas não sente a sede saciada. Lavínia enche o copo outra vez e leva o mar à boca. O sabor insípido da água é agora substituído por sal e algas.

Ela cospe a água salgada instintivamente. Estará ainda a sonhar? Lavínia observa o lavatório escuro e o mar que escoia pelo ralo.

“Ya na agnwgah’n ilya hai naftuaah,” um sussurro dança pela sala.

Lavínia olha para trás e vê um trovão iluminar o livro que deixou dormente na secretária. Vê o sorriso rasgado de um Deus.

Ela anda pela sala desarrumada, passa pelo relógio pulsante e o tempo contado. O chão gelado esfumaça com os passos quentes de Lavínia, cuja pele borbulha com um calor febril.

Estende a mão. Toca na casca latejante, sente vibrações invisíveis a propagaram-se pela sua pele, sente a vida de algo incompreensível. Algo imortal.

Com o livro nas mãos, Lavínia treme. Gotas de suor caem como a chuva do outro lado da janela, caem na capa do livro, evaporando imediatamente como se atingissem um fogão aceso. O fumo sobe em colunas esbranquiçadas e dança à volta da cara pálida da rapariga.

Os vultos sombrios do apartamento agregam-se à sua volta. Fios pretos entrelaçam-lhe o pescoço e os braços e os dedos. Pintam uma camuflagem negra no corpo de Lavínia. Agora ela pertence ao nada que a consome.

Lavínia abre o livro.

Um mar longínquo de um sonho dança de mãos dadas com a eternidade. Uma brisa salgada esvoaça por entre as madeixas suadas de cabelo escuro. Uma luz azulada reflete as marés e os olhos de bronze que veem páginas abertas. Montanhas de obsidiana sobem aos céus sem estrelas. Um castelo angular sobrevive, sozinho, às melodias sussurrantes de um mundo sem fim.

Lavínia vive tudo e nada. Lavínia vê reinos a nascer e a cair, mundos consumidos e rasgados ao meio. Lavínia vive fragmentos de possibilidade, pedaços de vida escritos com tinta negra.

Os seus olhos de avelã brilham um laranja mecanizado. Neles está refletido o mundo. O mar, as montanhas, o castelo. A possibilidade que vive em cada gota e em cada pedra e em cada molécula que tece as páginas do livro.

Lavínia sente o poder. O poder de um Deus, de um Olho que observa um universo incapaz de compreender a verdade escondida. Num céu escuro, sem estrelas, sem lua. Nos tentáculos que

serpenteiam pelas cordas invisíveis que seguram uma realidade inventada.

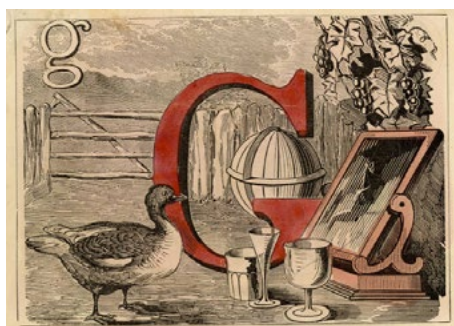
Lavínia sente o sangue a ferver com toda a possibilidade impossível que vê desenhado nas páginas daquele livro. O seu corpo funde-se com a capa e as folhas e a tinta. Ela sorri o mesmo sorriso assombrado da pele que acaricia a palma das suas mãos.

Corpo e alma. É consumida.

O livro está no chão. Sozinho, mas nunca só, com a escuridão gelada de um apartamento quente. Uma brisa marítima penteia as páginas amareladas, as palavras enfeitiçadas de um alfabeto alienígena. O vento desnatural sopra até ao livro fechar com uma força invisível. O sorriso torto de carne rarefeita volta a ser iluminado pela luz eletrificada de trovões longínquos, luz que escapa por entre tentáculos escuros e lodosos como serpentes num rio sem fundo.

LLL2

leitoras leem livros



Corrente de ar

Pedro Palma

*a leitura é uma operação descontínua e fragmentária.
Ou melhor: o objeto da leitura é uma matéria
puntiforme e poeirenta.*
Italo Calvino

A.

Tudo no ponto para sair, levo a mão à porta e nada. O mecanismo da fechadura mexia-se conforme a ideia do fabricante, mas a porta permanecia indiferente às cócegas. Nem abria para dentro como era suposto, nem para fora como nunca antes visto.

Quase não havia tempo para experimentar soluções novas. É a desvantagem de se ter a vida cronometrada. A outra desvantagem é ao fim do dia ter de absorver, organicamente, o tempo que acabou por sobrar, cujo prazo de validade é brevíssimo. Dores de barriga, cabeça tonta, fadiga, náuseas e uma má disposição generalizada são alguns dos sintomas. Resolvem-se como se combate as ressacas dos excessos alimentares.

Enfiei a chave na fechadura e comecei a experimentar, desta vez sem preconceitos. A chave rodava para ambos os lados e infinitamente. Antes não era assim, havia limites que ao serem forçados ameaçavam partir e engolir as chaves que queriam dar mais voltas do que as necessárias para o cumprimento da função. Nunca contei quantas voltas me eram permitidas precisamente porque a minha mão encontrava o fim instintivamente, graças à resistência transmitida pelo material. Agora, as chaves rodavam sem fim e sem estarem constrangidas entre paredes. Talvez por isso, um girar estéril.

Pensei bater à porta. Mas para quem abrir? Não se bate à porta de dentro para fora. Ninguém mora nos corredores. E

mesmo se tivesse a sorte de, no momento da batida, um vizinho passar, ouvir e interpretar o som como eu gostaria que interpretasse, o que é que ele podia fazer mais que eu já não tivesse feito? Dois fazem mais força? Mas isto não é uma questão de força. Ou pelo menos não quero que seja, porque se for significa que só daqui saiu arrombando a porta.

Tentei lembrar-me de outra saída. Não haver alternativa pareceu-me, pela primeira vez, uma vergonha. Como é que o arquiteto, seguido por uma linha composta de fiscais, engenheiros, empreiteiros, obreiros e inquilinos, observadores e outros, como é que ninguém reparou nisto? Como foi possível toda esta gente ter aceitado viver assim? Voluntariamente separados do exterior por uma só saída, separados do interior por uma entrada única.

Já vi filmes onde os prédios tinham escadas erguidas ao longo da fachada. O meu prédio não tem escadas das janelas para o passeio. Houve andaimes envolvidos na construção, mas assim que se deu por concluída, os andaimes foram desmontados e guardados num armazém.

Não fossem os compromissos e podia esperar a porta secar. Às vezes pode ter sido a humidade que incha a madeira. (É um milagre as árvores não rebentarem como balões.) Cheio de pressa, peguei no telefone e, por me faltar imaginação, telefonei para os bombeiros.

“É o seguinte, o sucedido é, aconteceu-me que, eu moro na Rua Martim Moniz, sabe onde é? Tem só um sentido e, sabe, certo, então é assim, não consigo abrir a porta. Não, pronto, é assim, não abre. Não tenho o número de ninguém. Isto é um bocado embaraçoso, mas é que não sei mais o que fazer. Certo. Quanto tempo, mais ou menos? Ótimo. É o que tiver de ser. É como se estivesse alguém do outro lado a fazer força, mas não está ninguém do outro lado. Combinado. Obrigado, com a sua licença.”

Esperei até ao fim da esperança de um resgate atempado e, desesperançada, comecei a pensar como ia avisar não poder estar presente na apresentação pública do meu livro. A verdade era demasiado invulgar para não ser mal entendida. Por outro lado,

qualquer desculpa tão em cima do acontecimento iria ser sempre interpretada como invenção. Decidi não dizer nada e começar já a pensar, com tempo, numa história para justificar tudo no futuro.

Enquanto inventava, telefonaram-me de um número desconhecido. Podiam ser os bombeiros ou os organizadores do evento a querer saber de mim. Deixei tocar até ao fim. Não pude devolver a chamada porque a dúvida, por desconhecer o nome associado ao número, permanecia. E se telefonasse diretamente para os bombeiros, com quem queria falar, a chamada podia coincidir com uma segunda tentativa por parte dos organizadores em contactar-me. O sinal de número ocupado invalidaria a alegação futura de não ter ouvido chamada nenhuma. Pelo sim, pelo não desliguei o telefone e abri uma janela para farejar sirenes longínquas.

o corpo sabe

a ciência certa da navegação no espaço

António Ramos Rosa

B.

Os processos espontâneos da vida animal, como a respiração, determinam no humano a sua vulnerabilidade, e eu não estava a respirar maravilhosamente, devido a ter inspirado pó acumulado nas partes mais expostas dos livros da minha coleção pessoal. A minha atividade profissional compromete-me com regulares visitas às prateleiras, onde as lombadas fingem ser papel de parede. Desta vez foi para puxar uma tradução sublinhada do “Processo”, de Franz Kafka, onde acreditava encontrar relações com outro livro que ia ler e comentar numa apresentação pública. Durante a procura nos sublinhados, pela objetivação das minhas crenças, respirei pó de há meses. Talvez séculos, se considerarmos ser sempre o mesmo pó, a levantar voo e a aterrar conforme as movimentações geradoras de brisas e de ventos. Suspeito terem sido estas espessas inspirações a causa de não estar a respirar maravilhosamente.

Cheguei ao evento com antecedência e a última recarga de salbutamol na bomba para a asma. Esperei até faltarem cinco minutos para a hora acordada e inspirei o sulfato broncodilatador. Não é possível falar em voz alta durante uma crise asmática. Nutrição, hidratação e oxigenação são necessidades cuja satisfação é condição para representar. Um corpo desidratado, dióxido carbonado e esfomeado é autêntico. Logicamente, aquilo que garante aos humanos boa alimentação, hidratação e hábitos respiratórios excelentes é a respetiva capacidade para a representação (de determinados papéis).

A autora do livro não aparecia e tinha o telefone desligado. Para mim, honestamente, era indiferente a sua presença. Não li sequer metade do livro dela. Dois ou três parágrafos descontinuados bastaram. Encontrei referências a Kafka e percebi haver um caracol a tentar sair de um apartamento trepando pelas paredes. Se lesse mais corria o risco de perder, ou perturbar, a linha de pensamento despertada na leitura. Não faço questão de confessar em público não ter lido a obra na sua totalidade. Mas, bem entendido, é um elogio à autora. O mérito foi ter-me dirigido para as ligações entre Kafka e caracóis, e ter-me lá deixado estar à vontade. Levou-me sem puxar e foi-se embora encostando só a porta. Que mais se pode desejar além do prazer de estar à vontade?

Estava a respirar maravilhosamente, pronto para começar, quando informaram da decisão de adiar o evento uma hora, na esperança de a autora entrar pela porta ainda que atrasada. E depois sim, começar sem ela.

“Uma hora? Não é preferível começar? Vai-se começando, se ela chegar entretanto, chegou.”

“Já informei as pessoas e elas concordaram aguardar porque querem mesmo muito estar com a autora.”

“Querem estar com ela como? Quem? Todos ao mesmo tempo? Revezam-se? Como é que isto funciona mesmo? Já agora porquê?”

“As pessoas gostam de ficar a conhecer a cara atrás dos livros.”

“Não sabia. Perguntaram-lhes e elas responderam em uníssono?”

“Diz-nos a experiência. É preciso dar às pessoas o que elas querem.”

“Eu sou pessoa e o que quero é começar.”

“Mas os outros não querem começar enquanto não houver autora. E não podemos começar assim e esquecer os outros, não é?”

Passado meia hora perguntei se alguém conhecia de vista a autora, e se não podíamos pegar e pagar a alguém para se fazer passar por ela. Seria uma graça. Mesmo havendo na plateia quem a conhecesse, não deixava de ter graça. Aliás, seria tão mais engraçado quanto melhor se percebesse a farsa. A proposta foi recusada com graciosidade. Ao fim de uma hora o evento começou sem autora, e quando me deram a palavra estava com os brônquios do tamanho de grãos de areia.

“Antes de começar pedia para, dadas as circunstâncias, fazermos um minuto de silêncio.”

Nos primeiros segundos houve rotações de pescoços, contrações das pálpebras, ligeiras vibrações das cordas vocais em tom interrogativo, logo abafadas porque fora do tempo. A meio, ouviram-se todas as coisas presentes cuja sobrevivência não depende de estar sempre a entrar e a sair dos sítios onde calham ficar: rangido de cadeiras, respiração do soalho, dilatação das canalizações. À medida que se aproximava o fim, sobrepuseram-se as coisas por perto e no exterior: carros, peões, aviões, pregações de carácter comercial, trabalhos de reparação e manutenção da via pública. O fim coincidiu com o início de outra coisa já começada e não subordinada aos ponteiros do relógio.

“Muito bem. Quero começar por ler algumas páginas deste livro, cujo título...”

“Desculpe. A autora faleceu? Não tomei conhecimento.”

“Eu penso que sim. Percebi mal?”

“Não. Eu acho que não. Ninguém avisou a organização nesse sentido. Mas sabe de alguma coisa?”

“Só de ouvido. Mas pronto. Esperemos então estar tudo bem. Então, se me dão licença, vou ler alguns parágrafos.”

Comecei. Vociferei a primeira frase. Uma frase de tamanho

médio, capaz de cobrir qualquer linha sem virgular, mas sem apetite para uma segunda. Chegado ao ponto final, senti a língua seca que nem um bacalhau. Havia um oceano até ao fim. Nadando pelas frases, percorreria o oceano como um míssil. Talvez embatesse nalgum peixe esquisito. Se calhar nem isso. O vasto oceano ficaria por percorrer. Mesmo se tivesse pulmões para ziguezaguear, voltar atrás, levantar a cabeça, inspirar fundo, emergir como as baleias e mergulhar até ficar tudo escuro, nunca iria absorver na pele parte significativa do oceano. Ninguém aguenta o oceano inteiro numa tarde. Quem ouve, espera ver uma linha de duplo sentido estendida entre as margens, o suficiente para criar a ilusão de que se conquista território atravessando-o, e o território conquistado fica para trás, nosso e disponível para voltar.

Saltei o segundo parágrafo e coleí o fim da fala algures a meio de outra página. Onde me pareceu bem fazer a ligação. Fui indo agarrado à frase, sem olhar para cima e cheio de medo de estar a dar seca. Quando começava a deixar cair letras, devido à acumulação de palavras nos pulmões, descolava do texto mas sem tirar o olho da trilha, de maneira a assegurar uma aterragem controlada e em local seguro.

Senti-me subitamente leve. Fisiologicamente não vi nada. O alívio só pode ter sido da dilatação alveolar promovida pela leitura. Aliviado, li mais duas páginas que o previsto, desta vez sem saltos, avançando sinuosamente com a segurança de um tubarão. No fim estava como novo, como se tivesse entornado ventilar no sino da garganta. Endireitei o pescoço e no horizonte havia pelo menos três braços erguidos. Estendi a mão a um dos náufragos.

“Diga.”

“Desculpe mas não é possível. Tem de estar cá a autora. Eu estou aqui para conhecê-la, para perceber melhor o que ela quis dizer, porque escolheu aquela palavra e não outra. Olhe! Estão a bater à porta. É ela!”

“Depois da hora não deixamos entrar ninguém.”

“Nem sair. Se ninguém pode entrar, ninguém pode também sair, dada a natureza despreconceituosa da porta. Mas, para responder ao comentário feito, diria que a confusão é pensar

a autora como o acesso ao texto, quando é no texto que está o acesso à proximidade à pessoa. O caminho inverso não sei, não sou eu que o faço. Eu só leio, ler é uma atividade irreversível, de uma imprevisibilidade total. Depois de ler já está lido, não há volta a dar. Podemos não dar por isso, mas já fomos levados para outro sítio. Mais perto do Olimpo. Ler é uma atividade Olímpica. Ainda assim, o movimento não se deixa mapear. Ou seja, o leitor pode ler mil páginas, e à milésima primeira continua incapaz de adivinhar o próximo instante, o efeito da palavra, o que vai ser dito a seguir...”

“Desculpe! Tenho de sair. Não queria sair mas agora que me diz não poder sair, tenho de sair daqui. Não posso estar preso onde queria estar. Desculpe, desculpem, com a vossa licença.”

Levantou-se, correu para a porta e, mal a abriu para sair, entraram outros cinco. Eu continuei a dizer o que me parecia combinar bem com o que recordava ter já dito àquelas pessoas.

“Podemos imaginar as palavras como objetos carregados de pó. Quando passamos por elas escrevemos mensagens no pó, cujo significado é o do pó, e não o do que está a ser tocado, apesar de parecer, porque o movimento é de afastar o pó. Quando se tira o pó todo salta à vista a pele das palavras, cujo toque varia com a sensibilidade epidérmica. É uma questão de pele. Se o mundo material é manifestação do espiritual, então em nenhum dos mundos é vencida a luta contra o pó. Pequenas vitórias passageiras. E o medo é o medo da irreversibilidade disto tudo. Ninguém põe pó nas coisas, este nasce naturalmente. Da mesma maneira, quando digo, escrevo ou leio alguma coisa, vejo, oiço, cheiro, sinto, não há reversão, o caminho inverso tem o acesso bloqueado. Imaginar, ensaiar, repetir interiormente são esforços para controlar o resultado precisamente porque o momento da performance é decisivo. Depois de tirar o pó não dá para voltar a tê-lo a cobrir os objetos. Mas não vale ter medo! As limpezas não podem terminar ao pôr do sol e limitadas aos lugares conhecidos. É preciso ir mais fundo, resistir à tentação de comprar novo. Ir atrás dos eletrodomésticos sem receio de estragar os fios, ao topo dos móveis sem medo de cair.”

Enquanto falava, as saídas e as entradas repetiam-se na sala. As pessoas que começaram a ouvir não eram as mesmas a prestar atenção agora. Significava ninguém estar a entender absolutamente. Quando alguém saía, deixava um vácuo onde, a qualquer momento, outra gente podia entrar, para repetir o que a primeira gente havia feito. E eram cada vez mais. O ruído dilatava-se contra as paredes, teto e soalho. Eventualmente ia deixar de ouvir-me, seria incapaz de identificar qualquer fala atrás, por dentro ou diluída no ruído.

“Eu queria falar de Kafka. Queria falar de caracóis. Fazer a ponte entre o movimento dos caracóis e o da leitura, e o da escrita. Ele está sempre a sair de um sítio e a ir para outro do qual não pode regressar. E vai-se às cegas, a apalpar território novo com as antenas, duas antenas, como os cavalos condutores da alma da metáfora socrática. Não se descola um caracol para o ajudar a chegar a algum sítio em particular. Sente-se logo na ponta dos dedos a resistência ventosa do animal. Podemos dizer: não sabe o que é melhor para ele. Ora, dizer isto é justificar a violência exercida sobre o animal. É uma maneira de mascarar com preceitos morais um desejo infantil. Eu não sou um caracol, não sei o que é melhor para alguém que eu não sou! A prova final é ele nunca ficar no sítio escolhido. Mesmo em cima de uma folha de espinafres ele não para, só lhe interessa o movimento. O que é que isto tem a ver com o Kafka? Diga antes que lhe caia o braço.”

“Eu só comecei a ouvir a meio. É verdade que a autora, pronto, morreu?”

“Sim.” Disse outra pessoa da plateia. “Eu sabia desde o começo. Guardei segredo. É que depois de se saber algo tão final sobre a razão de aqui estarmos, deixa de ser permitido continuar no mesmo sítio a ver o tempo passar como se nada fosse.”

“Já fizemos um minuto de silêncio? Podemos repetir? Eu não estive presente.”

“Fazer fizemos, mas não foi um minuto. Alguém contou?”

“Sugiro acabarmos aqui.”

Exclamou por fim alguém. Fomos saindo da sala. Atravessei a porta e desci as mesmas escadas. A passagem para o corre-

dor que me trouxera até ali estava agora fechada por uma corda encarnada de veludo. Segui então pela porta do lado com acesso a um corredor aparentemente paralelo. Caminhando, era possível ver pelas janelas a rua e uma matilha de cães a ladrar, descontinuadamente. Encontrei um sinal de “Saída” a apontar para cima. Inclínava-me para jurar estar no piso certo, e a saída ser uma questão de progredir para a esquerda naquela altitude. Todavia, para a esquerda só havia parede.

Subi as escadas e percorri o corredor superior até umas outras escadas que desta vez desciam, para meu grande alívio pois imaginava a saída ser a descer. No fim das escadas só havia a entrada para a exposição de um artista cujo nome me era estranho, então voltei a subir. Por uma das janelas do corredor vi os cães na mesma a ladrar. Senti uma tontura e decidi fazer o caminho todo de regresso, conforme o recordava. Tive esperança de encontrar gente, pedir orientações, mas pelos corredores não atravessava vivalma.

Saltei por cima da corda de veludo. Reconheci o corredor e no fim a porta de saída trancada. Espreitei pelo olho de boi e vi os cães sentados, sem ladrar e a olhar julgo que para a janela onde me viram pela última vez. Estava prestes a telefonar a alguém quando ouvi bater à porta. Era de uma das portas do corredor. Aproximei-me e esperei até ouvir novamente. Ao segundo toque, mal abri, um homem recuou assustado.

“Estava trancado aqui dentro?”

“Quem eu? Não. Eu não.”

Sentou-se a uma mesa, abriu a gaveta e começou a tirar tudo o que havia lá dentro, como se tivesse acabado de chegar, como se fosse o comportamento esperado e fazer qualquer outra coisa, ou ficar simplesmente parado e calado, fosse inaceitável.

“Não quer sair?”

“Quem? Eu não quero sair, não. Não, obrigado.”

Na porta ao lado ressoou outro bater, o mesmo ritmo, entre o aflito e o envergonhado. Abri a porta e repetiu-se a cena. Quem lá estava dentro, mal viu a porta ceder aos nós dos próprios dedos, fez como se tivesse acabado de entrar.

“Sair? Já já, não. Já saio.”

“Mas pode abrir-me a porta para a rua?”

“O que tem a porta para a rua?”

“Está trancada.”

“É normal, já não são horas.”

“E agora? Não posso ficar aqui.”

“Ela abre. Tenha é paciência. Eu agora não posso, não tenho tempo para isso. Quem me dera, quem me dera ter tempo, mas não tenho.”

“Não pode telefonar a alguém?”

“Oh quem me dera, mas não posso. Tente o terceiro piso, no gabinete exatamente por cima deste.”

“Tento o quê?”

“Saber das chaves.”

“Obrigado, mas não vou voltar a subir. Quer que feche?”

“Encostada, por favor.”

Abri mais duas portas e o mesmo repetiu-se com ligeiras diferenças. Às vezes eram sofás em vez de cadeiras, televisores por computadores, uns sozinhos, outros acompanhados. Comum era a vontade de sair extinguir-se perante o vislumbre do corredor.

Estava cansado. Equacionei passar a noite num dos quartos, mas o medo do pó dissuadiu-me e fez-me lembrar as janelas. Abri uma e espreitei. A altura não era fatal e mais do que suficiente para despertar vertigens. Do outro lado, encostado à fachada, havia um canteiro com trepadeiras. Os cães intensificaram o ladrar quando me viram subir o parapeito. Por cima, a lua andava estranha para aquela hora. Passei uma perna de cada vez e aterrei com respeito no canteiro. Os cães explodiram. Atrás de mim espreitaram cabeças despenteadas pelo súbito vento e dedos fincados na guarnição. A lua sempre à mesma distância e o gradeamento a cadeado.



A leitora

Rita Andrade

Era sábado de manhã e estava sol. Sábados de manhã soalheiros cheiram-me sempre a fresco, principalmente no inverno. Há qualquer coisa de inspirador na primeira luz da manhã refletida no rio, nas pessoas que saem de casa cedo sem ser para ir trabalhar. Eu cheguei à estação bastante adiantada, carregada de coisas: mala, mochila, casaco de pelo, dez quilos de roupa e dez quilos de ideias por concretizar espalhadas entre cadernos e a minha cabeça. Estas últimas eram o que me pesava mais, mas aquele sábado dava a impressão de que tudo era possível. Sentia-me leve.

Com duas horas e sete minutos de espera pela frente, acabei sentada num banco de madeira, desconfortável e sem encosto, phones nos ouvidos a tocar música clássica. Volume no máximo, sempre, para que se sobreponha a qualquer voz na minha cabeça. Não é costume meu ouvir esse tipo de música, mas naquela manhã estava a sentir-me clássica, talvez por estar a usar a camisola de malha da minha avó. Achei que as melodias do piano combinavam com a camisola, com a arquitetura romântica da estação, com a energia bucólica que pairava no ar frio e com o livro que me preparava para ler, também ele um clássico.

Começara a ler o livro há menos de um mês porque achei importante ter uma opinião sobre ele num futuro jantar de amigos. No entanto, a leitura revelara-se difícil. Não por causa das palavras. Coitadas, elas nem pediram para estar lá, presas em páginas amareladas, esmagadas umas pelas outras, espalmadas pelo peso da capa. Também não culpo a autora, ela fez a parte dela. Neste caso, o problema está mais na leitora do que no livro. Mais precisamente na minha mente com tendências nómadas que nunca está bem muito tempo no mesmo lugar estilo Antó-

nio Variações. Quando dou por mim, estou a pensar na roupa por lavar, nos trabalhos para entregar e no gato que deixo com a vizinha enquanto estou fora. A minha atenção viaja dos palacetes ingleses do século dezanove ao meu cesto da roupa suja numa questão de milésimos de segundo. Às tantas, o gato e a vizinha já estão a tomar chá com Mr. Darcy e é aí que eu sei que a leitura não vai bem.

Contudo, naquele sábado mágico o livro estava a ser fácil de ler. Nem me lembrava que tinha um gato. Corria as páginas ao ritmo da música de um compositor contemporâneo finlandês, de quem eu nunca tinha ouvido falar. As palavras soavam a violinos tanto quanto os próprios violinos que tocavam alto aos meus ouvidos, ao ponto de não conseguir distinguir os dois. A música e o livro fundiram-se numa melodia só.

Eu estava de tal maneira absorta na sinfonia que não reparei na chegada dela. Por esse motivo, não consigo precisar o momento em que se sentou no banco ao lado do meu, igualmente desconfortável. Podia estar ali há uma hora ou há um minuto. Não sei, mas também não interessa.

O que interessa é que assim que reparei nela acabou-se o concerto. E o romance. E a mistura dos dois.

Sou totalmente escrava da minha atenção, o antónimo de um monge budista. Contra qualquer querer, fui imediatamente transportada para o cabelo dela, castanho avelã da cor do casaco, para as calças de ganga dobradas no fim que cobriam as suas pernas cruzadas, sobre as quais repousavam duas mãos de aparência delicada e um livro. Ela lia quase dentro das páginas, com o cabelo preso atrás das orelhas e uma franja pequena, que me impedia de ver-lhe os olhos. A ideia que passava é que estava numa espécie de estado meditativo. Ela sim, tinha energia de monge budista. Talvez tenha sido por isso o que me prendeu. O ar de quem manda em si. Isso e a franja.

O comboio vinha às dez e cinquenta e três na linha dois. Quando se aproximou a hora, levantamo-nos as duas, alerta, à espera da locomotiva. Foi a primeira vez que ela ergueu a cabeça e foi também a primeira vez que lhe vi o rosto magro e fino, olhos

azuis, pele tão clara como aquela manhã. Clássico, como o livro que deixara de ler há muito.

Uma voz de mulher, vinda do além ou de um altifalante qualquer, soou na estação anunciando a chegada do regional na linha dois. Porém, nem sinal do comboio. Mentirosa.

Às dez e cinquenta e três, a nossa senhora voltou a fazer uma aparição, alertando para a partida do tal comboio fantasma. Estava tudo muito metafísico. Muito metafórico. Bem me parecia que aquela manhã luminosa de sábado estava demasiado dada às artes. Até os comboios eram conceptuais. Tudo se tornou ainda mais cinematográfico quando troquei um olhar sorridente com uma senhora baixinha de meia-idade que esperava ao meu lado, e dissemos uma à outra, em perfeito uníssono, que o comboio devia ser invisível. Juro. Juro que aconteceu exatamente assim, coincidindo em cada sílaba. Era nesta altura que o realizador gritava corta. Rimos as duas da aleatoriedade, ou não, da vida.

A leitora continuava de pé com um ar confuso e uma mochila enorme às costas, daquelas que se leva para o campismo. O livro estava agora enleado nos elásticos do topo da mochila, que originalmente servem para transportar sacos-cama. Sacos-cama e livros não são assim tão diferentes: ambos servem para nos atirmos lá para dentro. Consegui identificar o autor – Jon Fosse – mas não consegui ler o título da obra, que vinha em letras mais miudinhas. Fiquei curiosa, não sei se pelo livro, por ela, ou pela mochila gigante. Adoro pessoas com bagagem. Adoro viajantes.

O comboio chegou, para descanso de todos, cerca de dez minutos depois. Afinal ainda havia uma dose de realidade naquele sábado místico. Ainda bem, porque eu estava com vontade de voltar para casa.

Mas estava com mais vontade ainda de aproximar-me da leitora de olhos azuis. Dela e do livro. Queria saber que tipo de história era capaz de deixar alguém tão absorto, e talvez conseguir uma pista sobre a sua personalidade. *Nós somos os livros que lemos*, acho que já ouvi um escritor dizer isso.

Dirigi-me à mesma porta que ela e curvei-me para a frente, espreitando por cima da mochila. *Manhã e noite*. Entrei no com-

boio e sentei-me num lugar com visão desimpedida para o alvo. Comecei a questionar-me se estava a ser estranha. Possivelmente. Mas o mais provável é que ela nem tivesse reparado que eu existia. E de qualquer forma eu não controlo a minha atenção. Por mim tinha continuado a ler Jane Austen.

Ultrapassei a questão moral relativamente rápido e fui à internet pesquisar a obra. Ao que parece, Jon Fosse é um autor norueguês com Nobel da Literatura. *Manhã e noite é um romance sobre o maravilhoso sonho que é viver e a aceitação do ciclo natural das coisas*. Li no site de uma livraria. Maravilhoso sonho que é viver? Já concordei mais. Fiquei interessada, com vontade de ler o livro e de perguntar à leitora como é que se aceita o *ciclo natural das coisas*. Como? Como é que se cura a angústia existencial? Ela estava mesmo ali, à janela, com o sol a bater-lhe na cara, a franja revolucionária a teimar libertar-se das orelhas, cobrindo-lhe os olhos e aquela postura imperturbável de quem está mesmo a aceitar o *ciclo natural das coisas*. É de notar que eu continuava a ouvir música clássica, então tudo tinha uma dimensão mais poética. Mas ela estava mesmo muito bonita.

Duas paragens depois entrou um grupo de estrangeiros gigantes, que invadiram a carruagem com sons desconhecidos e bastante audíveis, mais audíveis que a orquestra inteira que tocava aos meus ouvidos. Dois homens loiros enormes sentaram-se entre nós, tapando completamente o meu campo de visão. Acabaram-se os olhos azuis. Olhei à minha volta. Se não fossem os bancos cor-de-laranja típicos do regional, acreditaria que estava num país nórdico qualquer. O compositor finlandês, o autor norueguês, o dialeto impercetível. As paisagens verdes e frias, lindíssimas. A sensação era de novidade e frescura, daquela que se sente quando se visita um sítio novo. Naquele sábado, eu sentia que estava a ver o mundo pela primeira vez. Tinha a impressão de que se me esforçasse via os átomos. Tinha a impressão.

A porta da carruagem abriu-se num som automático vaporizado estilo filme de ficção científica. De lá saiu o revisor, senhor com um ar aprumado e fato cinzento, como tendem a ser os revisores. O homem combinava com o dia: ser revisor é das profissões

mais clássicas, vintage até. Parece que alguém se esqueceu de substituí-los por uma máquina qualquer, então eles foram avançando no tempo, passando quase despercebidos, conservando uma energia século vinte, com os mesmos fatos, os mesmos bigodes, a mesma maquineta analógica de picar os bilhetes. Começava a sentir-me não só noutro país como noutro século. Desafiar o espaço e o tempo em simultâneo pode ser perigoso.

Esforcei-me para voltar à realidade, empurrada pelo medo de desaparecer. Espreitei por cima do ombro do cavalheiro pálido que se sentava à minha frente e consegui ver a leitora. Reparei que tinha voltado ao livro e que exibia a mesma postura curvada, totalmente absorvida, totalmente fora do comboio, fora da Terra. Ela também estava noutro sítio a outra hora, algures num Universo em que Deus é um escritor nórdico. Como eu, uma viajante no multiverso da consciência. De repente a mochila pareceu-me uma metáfora, e o comboio também, e o resto das coisas. *Onde é que existimos, mesmo?* Perguntei-me se eram dois loiros que nos separavam ou se era o próprio livro. É que eu queria ir para onde ela estava. Ia comprar *Manhã e Noite* assim que tivesse oportunidade, isso é certo. Mas mesmo assim não encontraria o Universo que encontrou a leitora. Nunca completamente igual. Olhei pela janela. *Onde é que eu estou?* Nem foi uma pergunta filosófica, eu tinha mesmo perdido a minha paragem. Merda. Merda. Merda.

Respirei fundo e tentei aceitar o *ciclo natural das coisas*. Decidi que iria até ao fim da linha, e que daí apanharia um novo comboio para trás. Foi como se a minha viagem mental aleatória ziguezague ganhasse uma dimensão física. Fugir da rota de vez em quando até que é divertido. Ri-me para mim, mas por fora deitei uma lágrima. Foi sem querer.

Não sei bem porquê que chorei. Juro que não foi por ter perdido a paragem. Eu só tinha o gato à minha espera, e os gatos não se importam se chegamos à uma ou às duas. Pode ter sido pela melodia melancólica ou pelo comboio. Viagens de comboio tendem a deixar-me emotiva, mesmo que as faça como rotina. Pode também ter sido por causa daquela manhã excecionalmente brilhante, em que tudo estava mais sensível. Ok, talvez estivesse

com mais saudades do gato do que pensava. Porra, estava mesmo com saudades dele. Mas acho que chorei por necessidade fisiológica. Sei lá. Ou pela passagem do tempo. Ou por saber que vou morrer. Pela leitora que nunca vou conhecer. Pelo preço das casas. Pelas crianças que morrem na guerra. Por alergia ao pó dos assentos. Pelo futuro. Por tudo o que não aconteceu. Ou pela vida no geral. Não sei.

Ela lia, eu chorava. E pensava que ela nunca iria saber da forma especial como reparei nela, porque hoje em dia já não se mete conversa em comboios, e mesmo que se metesse eu sou demasiado tímida. Já não há inocência suficiente para o amor à primeira vista. Credo, amor à primeira vista? Também não era caso para tanto. O que senti foi curiosidade. Uma curiosidade antropológica. Sim, um sentimento bastante intelectual. Talvez misturado com alguma atração física, admito. Mas tipo físico-química, uma coisa de prótons, elétrons e campos energéticos. O meu corpo estava fisicamente atraído para o corpo dela como um ímã se atrai para um metal, uma questão científica. E foi aí que o tempo voltou a atacar. O maldito tempo. Se não houvesse uma linha do tempo, eu falava com a leitora. Mas porque o futuro existe, fiquei paralisada a pensar no momento a seguir ao olá e em como mil sensações me poderiam invadir no segundo a seguir. A merda do medo de errar não existia num mundo sem tempo. Possibilidades infinitas. É que, matemático-racionalmente falando, o mais provável seria ela dizer olá de volta. Na pior das hipóteses, a conversa acabava aí, eu chegava ao fim da linha, fumava um cigarrinho para abafar a humilhação e voltava para o meu gato. É o tempo o meu pior inimigo. É esse trio presente-passado-futuro, que nem existe mesmo, que arruína todas as minhas possibilidades de ser feliz. É por isso que gosto de ler, para escapar ao tempo.

Depois comecei a pensar na quantidade de momentos inevitavelmente perdidos por causa do ciclo natural das coisas e aí sim, aí o choro foi consentido e totalmente consciente. Chorava cada vez mais à medida que pensava em todas as mudanças de vida que não me vão acontecer. Em todas as leitoras que vou dei-

xar passar em comboios e no resto do mundo. Sem as ver ou sem lhes dizer que os nossos átomos são compatíveis, ou que gostei da maneira como leem, ou da forma como prendem a franja por trás da orelha.

Pensei na possibilidade de uma entidade divina que viesse pôr tudo em pratos limpos. Uma espécie de máquina, absoluta e exata, que fizesse uma exposição franca, sem erros, daquilo que ia na cabeça de cada um dos passageiros do regional. Podia ser uma voz feminina idêntica à que anuncia os comboios, a dizer a verdade toda, devaneios incluídos. Dessa forma a leitora ficaria a saber tudo. E eu descobriria em que pensava ela, o que ela estava a achar do livro, daquele esquisito sol de inverno e de tudo o resto.

No meio desse devaneio impossível, surgiu mesmo uma voz feminina do além. Endireitei-me no assento num movimento do género *morri ou estou a sonhar*? Quando a senhora anunciou o fim da linha, em vez de revelar ao público os pensamentos de um passageiro, percebi que continuava viva e bem acordada. Não sei se gostei de saber disso. As palavras DESTINO FINAL surgiram a vermelho no ecrã preto retrofuturista no fim da carruagem. Eu achei um bocado dramático e um tanto ao quanto determinista, até porque nos phones a música caminhava para o clímax, num ritmo absurdamente contagiante. *Non possunt fugere. Non possunt fugere*. Gritava uma cantora lírica que tomara o lugar do finlandês sem eu sequer dar por isso.

Coloquei o primeiro pé na pedra gasta do apeadeiro e a luz encadeou-me como se estivesse a acabar de acordar. Não fazia ideia de onde estava, a candura da manhã tinha sido substituída pelos reflexos amarelados do sol do meio-dia, mas tudo continuava mais brilhante do que o normal. *Non possunt fugere*. A sinfonia escalava, vozes cada vez mais agudas, cada vez mais angelicais. Tentei reconhecer o espaço, mas era uma estação como as outras: paredes tão caiadas que davam dores de cabeça, azulejos e muitos relógios, montes deles, como que a lembrar-me da minha questão a resolver com o tempo. *Non possunt fugere*. Fumei um cigarro enquanto vagueava entre linhas. Não para abafar a humilhação,

mas o arrependimento, que é pior. Caminhei com a música, o clímax nunca mais chegava e eu também nunca mais chegava ao nome da estação gigante.

Paralisei junto à linha três. Os meus olhos estavam baços do sol e do choro e o meu corpo quase preso ao chão por causa da quantidade de mochilas e sacos que me puxavam com força para o centro da Terra. Mas sentia-me leve. Continuava a sentir-me ridiculamente leve, o tempo todo. Uma leveza etérea.

A minha cabeça estava longe de onde quer que fosse que o meu corpo estivesse. Vi o pó no ar e comecei a pensar em átomos. Se percecionarmos o Universo como um agregado de partículas, tudo é subitamente menos sólido, menos rígido, e o chão e o céu parecem uma ilusão. É tudo mais maleável e mais possível. Comecei a pensar em Deus, na origem de tudo e no destino. A música continuava. *Non possunt fugere*. A luz encadeava-me e eu sentia cada vez mais coisas ao mesmo tempo. *Non possunt fugere*. A sinfonia chegou ao seu ápice. A mistura de sentimentos desaguou num mar de falta de sentido. Fechei os olhos e não senti nada. Mas nada. Ridículo. Crise existencial na linha três. Dissociação total da realidade numa estação de comboios ao meio-dia. *O quê que se passa comigo?*

Foi aí que ela me tocou no ombro. Eu estremeci. Baixei os phones. Ela sorriu e eu notei-lhe os lábios pela primeira vez.

Perguntou-me se estava tudo bem.

Eu não tinha reparado que tinha começado a chorar outra vez.

Limpei a lágrima e disse que sim.

Ela perguntou-me o quê que eu estava a ler. Tive Jane Austen debaixo do braço o tempo todo.

Mostrei-lhe a capa e devolvi a pergunta, como se não soubesse a resposta.

Ela apresentou-me o norueguês.

E disse-me que gostava de chorar como eu.

Eu disse que gostava de ler como ela.

Então era isso. *O maravilhoso sonho que é viver. O ciclo natural das coisas.*



A leitora de Dante Romano

Margarida Conde

Dante detesta aristocracia. Detesta. Os tecidos imaculados, a joalheria ancestral, a maneira como tapam a boca quando sorriem... Detesta. Quando comem, o que comem, onde comem. Como pintam os lábios e olham para si por cima do ombro.

Mas, mais do que tudo isso, Dante detesta os alunos: rapazes de famílias nobres, com títulos universitários para serem exibidos como ouro, junto dos títulos de família. A maneira como levantam a mão e fazem perguntas, a forma de interagir com os professores – Dante incluído –, cada palavra feita à medida para tentar ganhar mais afeto de sua parte do que os outros. Nota-se, ao olhar pelo mar de alunos durante um seminário, quem vem de famílias de renome, e quem cresceu com oportunidades limitadas. O primeiro grupo vê a universidade como um recreio. Um local de confraternização, de criar contactos. O segundo vê-la como a única forma de subirem na vida, um salva-vidas para si e para a sua família.

Que nunca se diga por aí que o Professor Dante “*não tem preferidos*”.

Apesar de tudo, Dante conseguiu ganhar uma pequena fortuna e um alto cargo na mais respeitada universidade de Itália. Não através de métodos legais, diga-se de passagem. Outra vez, os seus atos são mais motivados por desdém a certas pessoas, do que por qualquer paixão. Enquanto curador de arte, Dante é reconhecido por ser capaz de encontrar as mais raras peças. Desde galerias públicas a colecionadores privados, as obras arranjadas e conservadas por si conseguiram oferecer-lhe uma vida com certos luxos, dos quais nunca tinha experienciado antes.

E tudo bem, as obras são falsas. E daí? Dante conseguiu fugir de uma vida de pobreza, vida de um pobre homem de cor, mani-

pulando aristocratas – aproveitando-se da pele que lhe saíra mais clara do que o resto da família –, mentindo e roubando. Fez tudo isso apenas com a sua inteligência e talento na pintura. É das poucas coisas de que se orgulha. No entanto, recentemente, a emoção que sente ao seduzir esposas e vender falsificações, não é o suficiente para o satisfazer. As pessoas não sabem que o faz, não sabem que estão a ser enganadas. Dante sente a necessidade de causar reações. Então, numa noite sem luar, acaba por ganhar coragem e toma um risco.

Curadores, colecionadores e artistas ficam de queixo no chão na manhã seguinte. Caras tão vermelhas que contrastam com os seus tecidos caros. Alguém, *um vândalo, um criminoso* – “*Um terrorista!*”, houve quem chegasse a dizer – entrou na Galleria degli Uffizi e substituiu uma das obras por uma falsificação. Alguém foi capaz de entrar e retirar a pintura sem ser apanhado. Alguém realizou uma imitação quase idêntica. Mas mais do que isso: alguém teve a... *coragem? cobardia?* não de roubar o original, mas de o deixar lá. No chão. Mesmo por debaixo da moldura. Alguém que provocou o mundo da arte italiana ao deixar uma mensagem tão clara como se tivesse sido escrita: “O meu é melhor.”

Essa euforia, que segue Dante por semanas, apenas o encoraja a repetir o seu ato. As emoções são fortes o suficiente para afogar o aborrecimento que lhe arranha os membros e deixa marcas vermelhas na alma. É então capaz de ignorar o quão vazia a galeria da sua mente se encontra.

§

Dante detesta aristocracia mesmo quando admiram o seu trabalho. A menina não pode ter mais do que quinze anos. A sua juventude contrasta com os cinquenta anos de Dante. O cabelo dela, escuro e preso num labirinto de tranças e fitas, contém vida que o seu próprio não tem, cinzento e esbranquiçado, penteado para trás como qualquer outro cavalheiro na galeria. O seu vestido elegante, de várias saias caindo até ao chão ao seu redor, demonstra a sua classe social e faz Dante revirar os olhos. A menina segura um livro – *será que lê ou é para as aparências?* – e o seu olhar escuro observa a pintura à sua frente, sem piscar, como se estivesse a ver através dela.

Sem nada para fazer, o professor aproxima-se e apresenta-se. A menina não desvia o olhar da pintura.

“Abigail Lestrade.”

“Está acompanhada, Menina Lestrade?”

“Estou.” – diz sem elaborar. Olhando em volta, Dante não vê ninguém.

“Vejo que gosta da obra à sua frente. Gostaria de ouvir mais sobre esta pintura?”

Ela acena com a cabeça, observando as pintas individuais de cada cogumelo representado. Dante passa quase uma hora a explicar as nuances de cada pincelada – tendo sido o próprio a fazê-lo – e a história de como a obra tinha desaparecido durante séculos, acabando por ser finalmente “encontrada”. O professor admite para si mesmo, que esta foi das suas melhores falsificações, considerando que só tinha descrições e cópias imperfeitas nas quais se basear.

“Quem a encontrou?”

“Fui eu mesmo, menina.”

Pela primeira vez, Abigail tira o olhar do quadro, fixando-o nos olhos do professor, como se estivesse a observá-lo através de um microscópio. A menina parece estar a decorar cada sarda, cada ruga na sua face, e cada dobra, cada borboto que possa estar na sua roupa. Sem dizer uma única palavra, dá meia volta e anda em direção à porta onde, realmente, está um senhor de idade à sua espera.

§

O ódio que Dante sente não o impede de interagir com esta gente. Adora ser convidado para os seus jantares e eventos. Aquela comida e conversas horríveis valem a pena, só pelo prazer que é ser capaz de demonstrar o quão mais inteligente é. Só para seduzir as senhoras de títulos a mais e dar um aperto de mão e abraço aos seus maridos no fim da noite. Eles têm sempre o mesmo olhar: como quem suspeita mas não tem provas, quem acha que viu mas não acredita.

É numa dessas festas fatelas que a vê pela segunda vez. Está a escutar um grupo de colecionadores a discutirem o assunto dos

casos de vandalismo – pelos quais Dante é responsável – quando repara que Abigail Lestrade se encontra a um canto, ombros descobertos e peito decorado com ouro. A menina ignora a música, e os senhores que a convidam para dançar, focando-se apenas no seu livro. *Aparentemente lê mesmo.* O olhar, que não pisca, deixa o livro e encontra o seu no fundo do salão. Um arrepio passa por Dante. Parece que o ouviu a pensar. Tendo sido apanhado a observá-la, cavalheiro que finge ser, o professor anda até ela. Mas quando chega, a atenção de Abigail já voltou para o livro. Ele esperava um volume romântico, algo religioso, ou talvez até sobre arte. Mas o que vê nas páginas já dobradas e manchadas de uso, é um livro educativo sobre combustão interna ferroviária. Não consegue conter uma gargalhada breve.

“A menina é surpreendente, sabia?”

Ela parece irritada e abre a boca para responder, mas é interrompida por um colega de Dante, acompanhado de sua esposa.

“Menina Lestrade, ainda bem que pôde vir.”

“Prazer conhecê-lo em pessoa, John.”

John Williams não sabe se há de reagir ao uso do seu primeiro nome, ou ao ar inquisitivo do professor.

“Esta menina é uma conhecida de um grande amigo meu.” – explica. De certa forma, Dante duvida que ele tenha grandes amigos. “A sua inteligência tem uma grande reputação! O meu amigo diz que tem a maior capacidade de raciocínio do continente. Acredito que sejam exageros da sua parte mas temo que estejamos desesperados.”

“Ouvi dizer.” – responde ela. O seu italiano é perfeito, fora o sotaque inglês por detrás das palavras.

“Quando lhe contei sobre o vandalismo nas nossas galerias, a menina era a única pessoa que ele era capaz de recomendar. “*Não vais precisar de mais ninguém.*” dizia ele!” – John dá uma gargalhada sem humor. “Então cá estamos.”

“Cá estou.” diz, voltando a olhar para os seus comboios.

A ideia de que uma menina, que nem debutante é, seria capaz de apanhar o próprio Dante, é hilária. Mas algo nela lhe desperta um certo interesse. Talvez seja o artista dentro dele.

Após o colega desaparecer, Dante decide despedir-se também – tendo trabalho de professor à sua espera. Mas Abigail interrompe-o.

“Se quiser evitar que o seu amigo saiba que está a dormir com a esposa dele, peça à senhora para limitar o uso de perfume.”

Vários aspetos da frase chocam Dante. Mas a única coisa que lhe sobe à mente, é o facto da Senhora Williams mal perfume usar.

“E isto.” Sem tirar os olhos da página, a menina estica a mão e puxa uma fibra do casaco do professor: menos de um centímetro de comprimento, mas do mesmo tom de rosa do casaco da Senhora Williams. Casaco esse que a mesma deixou à entrada.

“Boa noite, doutor.”

Dante viaja de volta à universidade. O seu artista interior começa a esboçar o rosto de Lestrade.

§

Dante passa a noite toda a planear o próximo ataque ao pudor aristocrático. Durante a semana seguinte, esforça-se para descobrir o máximo que pode sobre Abigail. Não há muito a dizer, ninguém tem a certeza de nada. Mas, aparentemente, a menina tem ganho alguma fama em certos círculos. Detetive não é a palavra certa, uma vez que mal é paga. Os rumores ficam cada vez mais incríveis, à medida que Dante vai perguntando.

Domingo chega. A grande abertura da mais recente exposição da galeria de Bargello, totalmente organizada por John, causa entusiasmo entre as comunidades mais detestáveis.

John não tem qualquer percepção de arte. Mas tem, no entanto, olho para dinheiro. Ninguém faz melhores investimentos, e as suas galerias são prova disso.

Esta vez é diferente. Dante substituiu não uma, mas todas as obras presentes. Em vez de as pôr no chão por debaixo das molduras, escondeu-as pela galeria.

O esforço e noites sem dormir valem a pena quando, nessa noite, Dante assiste um grupo de trezentos adultos de renome a correrem pelos corredores, encontrando obras-primas como crianças encontram ovos na Páscoa. Dante, claro, finge juntar-se

a eles. A confusão começou durante a apresentação da exposição quando, pela terceira obra, os presentes finalmente se aperceberam de que eram falsas – não tendo os originais à mão de semear, como nos outros casos causados por Dante. O professor até tinha sido mais desleixado para tornar tudo mais fácil.

A sua felicidade, no entanto, não durou.

Abigail esteve presente o tempo inteiro. A menina mal analisou o que quer que fosse. Ficou parada, enquanto os outros procuravam os originais e chamavam a polícia, com um ar aborrecido a ler o raio do seu livro.

No fim da noite, ela é interrogada por John mas não tem respostas para lhe dar. Dante regressa livre mais uma vez, sem sofrer consequências. Mas fica surpreso pela sua própria indignação. Era só uma miúda ao final de contas.

§

Alguém bate à porta e a figura curiosa, que o tem andado a assombrar, entra sem acompanhante no escritório de Dante. Ele admira o perfil acentuado e os cachos castanhos de Abigail, que se aproxima da janela e observa os pré-licenciados a atravessar o campus. Apercebe-se de que, pela primeira vez, ela não observa cada canto da sala por onde entrou.

“Lamento não ter sucedido na sua investigação, menina Lestrade.” Ela não reage. “Vai tentar de novo?”

“Não posso ficar na Itália para sempre. A minha vida espera-me em casa.” A repentina falta de contacto visual é arrepiante. “Para além disso, depois do que aconteceu, duvido que ele vá repetir algo tão cedo.”

Ela não está errada. A senhorita não é a única pessoa cuja vida a espera.

Mas mesmo assim, a facilidade com que desistiu é... desapontante. Aliás, pensa ele tristemente, é quase patético.

A ideia de que esta miúda esteve tão perto de o apanhar, acabando por o deixar fugir, é uma resolução anticlimática. Qualquer afeto que poderia ter por ela desaparece. O retrato de Abigail Lestrade, a viver em liberdade na mente dele, encontra-se sem cor. Se bem que, mesmo sendo difícil de admitir, a culpa também lhe

pertence. Só um tolo poderia pôr as suas expectativas em pouco mais do que uma criança.

O professor desvia o olhar da menina e começa a escrever algo sem importância.

“Quem sabe,” – diz com pouco interesse. “Talvez o encontre no país para onde vai.” Não existe qualquer intenção na sua frase. Apenas uma ideia para entreter a moça, sem razão de ser.

A menina vira-se na sua direção. O sol matinal envolve-a por detrás, tornando as sombras da sua face mais escuras, e aprofundando o seu olhar.

“E porque é que o doutor haveria de fazer isso?”

Hã?

“Deixar tudo isto para trás, só para implorar que uma rapariga o persiga, não é exatamente a definição de inteligência.”

O único som no ar é o que vem daquele relógio horrendo, e o das cortinas semi-transparentes a pairar na brisa.

Ah...

Lá está...

Aqueles olhos arregalados encaram a sua própria alma. Dante mal pode conter o seu sorriso, enquanto a esperança lhe sobe à garganta com unhas e dentes. Ele levanta-se, surpreso por as suas pernas ainda funcionarem, e apoia o seu peso na secretária com as mãos.

Os dois encaram-se em silêncio. A pose da menina Lestrade deixa claro que não vai dar o primeiro passo. Se ele ficar calado agora, esta questão é capaz de desaparecer, e tudo vai voltar ao que era antes.

Dante arrancaria os próprios olhos antes de deixar isso acontecer.

“Que coisa perigosa que a menina é.”

“Seguro o seu futuro na minha mão, doutor. É sensato de sua parte dizer essas coisas?”

“E mesmo assim, cá está.”

“Cá estou.”

O professor volta a sentar-se, apoia a cabeça nas mãos e ri.

“Quando é que descobriu?”

Abigail parece surpreendida com a pergunta.

“No dia que nos conhecemos, senhor.”

“Peço desculpa se não acredito.”

“Falou comigo durante algum tempo sobre as pinceladas e emoções por detrás dos tons da pintura dos cogumelos. Gabou-se da sua sabedoria sobre o autor.”

“Lembro-me desse dia, sim.”

“Tomou crédito por a ter encontrado. E mentiu. É falsa. A verdadeira ainda não foi encontrada pelo público.”

Dante entrelaça os seus dedos.

“Como é que a menina poderia saber disso? Tenho a noção do seu talento para o detalhe mas, se estiver correta, não existe original para comparar à tal “fraude”.”

“Ah, mas existe.”

“Onde?”

“Na minha pessoa.”

A sua voz suave preenche a sala: “Foi-me dada como presente, por um homem muito agradecido. Isto depois de o ter ajudado com certas questões... legalmente dúbias.”

Não havia qualquer resposta para dar.

“O doutor devia ser melhor nisto. A chave para uma boa mentira é ter a certeza de que as provas que a expõem não saiam da sua vista.” Ela levanta uma sobrelanceira como quem ralha a uma criança. “Esperava muito mais de si. Difícil de acreditar que o doutor ia ser tão desleixado. A única razão pela qual perdeu este jogo infantil, foi a sorte pura que tive em ser dona da pintura original.”

Abigail desvia o olhar com um ar deliberadamente desinteressado. O brilho no olho dela, no entanto, demonstra o quão confiante a menina se sente. É uma afronta. Ser tratado desta maneira por uma pirralha, sem qualquer contra-argumento.

Mas aquilo que sai da sua boca choca até a si mesmo: riso puro. É certo que a jovem deve achar que se passou de vez.

“Acha-me graça?” Ela faz uma expressão que provavelmente tencionava ser intimidante.

“Acho, menina, mas não é essa a questão.” – diz enquanto

passa a mão pela cara. “Não tenho qualquer defesa. Esta semana não poderia ser mais ridícula, nem se tentasse. Se me quisesse prender já o teria feito. Então...” Os olhos dela focam-se nos dele novamente. “O que acontece agora?”

“Não sei.”

Huh.

“Devo confessar que me encontra confusa, doutor. Não planeei esta interação. Não tenho interesse nenhum em ameaçá-lo. Apenas pensei que seria um tédio se fosse preso. Nada mais.”

Dante vê-la, pela primeira vez, como se estivesse a ver o seu próprio reflexo ao espelho. Apenas outro pirralho aborrecido, com um cérebro maior que a cabeça, e um interesse confuso na pessoa à sua frente.

Tick

Tock

“Quer que implore que me persiga?” – sussurra Dante.

Ela brinca com a ponta da manga.

“Não é a mesma coisa se eu souber que o senhor quer ser apanhado.”

“Quer que... ofereça os meus serviços em troca da minha liberdade?”

Abigail pensa no assunto, quebrando o contacto visual, e enrugando o nariz. Dante levanta-se da cadeira e dá a volta à sua secretária, encostando-se à mesma.

“Parece que nos encontramos perante um empate.” – diz, cruzando os braços.

“Era mesmo capaz de deixar isto tudo por mim?”

O professor arregala os olhos.

Tick

Tock

Dante lembra-se do quanto detesta este relógio. E a carpete horrorosa e as cortinas cheias de pó. As conversas com os colegas e os jantares e o sexo.

“Sem hesitação.”

As pupilas da senhora camuflam-se com as íris, numa poça de água negra, e Dante acredita que não seria capaz de aguentar

mais um dia que fosse da vida que tem vivido. Abigail sente o seu desespero, da maneira em que um urso sente o medo.

Tick

Tock

A menina dá exatamente dois passos em frente.

“Dedica-te a mim, e nunca te aborrecerás outra vez.”

As palavras mal saem da boca dela e é como se um fio se partisse. O professor cai ajoelhado na sua frente. Toda a convicção que alguma vez sentiu é apenas ruído de fundo e Dante sabe, naquele momento, que é o homem mais hipócrita que alguma vez viveu.

Claro como o sol, escrito no retrato colorido de Abigail Les-trade pendurado nas paredes da sua mente, está o entendimento sobre a quem é que pertence o corpo e alma de Dante Romano.



A leitora

Ana Braz

Lotária fechou o livro e perguntou ao nosso grupo se alguém tinha mais alguma questão para fazer. Duas horas e meia depois de quinze vozes femininas a defenderem ou a atacarem com tamanha paixão as personagens de *Dom Casmurro*, o cansaço já pairava pelo ar.

“Bom, então a sessão de hoje está encerrada. Para o nosso próximo encontro, o livro escolhido foi *O Papel de Parede Amarelo*”.

Em questão de segundos, as cadeiras dispostas em semicírculo estavam vazias. Restávamos só nós as duas.

“Ludmilla, importas-te de fechar o salão? tenho uma reunião com o grupo de representantes do departamento”, disse-me e jogou um beijinho no ar antes que eu pudesse responder que sim.

Era sempre assim, minha irmã mais velha tomava as decisões por nós as duas e só me comunicava. Enquanto pensava sobre os motivos pelos quais a Capitu era inocente, colocava as cadeiras de volta aos seus lugares naquela sala austera e de chão feito com madeira maciça, já com sinais de todos os seus humanos visitantes e insetos residentes. As luzes conversavam entre si com os seus *clics* e *trecs*, talvez estivessem a defender o Bentinho e quando os ânimos se exaltavam, piscavam desordenadamente. O couro das encadernações e a fina camada de pó nas lombadas das centenas de milhares de livros que habitavam aquela sala despertavam em mim uma sensação de aconchego e, ao mesmo tempo, de desafio. Pensava em quantos mundos ainda desconhecidos por mim estavam por ali, apenas à espera do meu olhar e das minhas mãos. Se pudesse, viveria ali, sentia-me em casa no meio de tantas ideias e histórias. Uma vez, li que os livros eram a oportunidade de conversar com as mentes que viveram antes de

nós e sempre que me encontrava ali, tinha uma curiosidade sobre como isso poderia ser.

A luz tremeu mais uma vez. E outra. E mais uma. Como se fossem os sinais que antecedem uma peça de teatro para na sequência, anteciparem o mergulho na escuridão. Ali, no meio do salão, não tinha a mais vaga ideia de onde estava o interruptor mais próximo.

“Julgas, porventura, que ela é inocente?”

Achei que estava sozinha, dei um salto e, com a testa franzida, tateei às cegas a sala à procura da voz masculina e mais velha.

“Quem está aqui?”, “era uma reunião fechada”.

“Eu sei, há tempos que me apraz escutar-vos.”

“Há tempos? Nunca o vi por aqui.”

“Ando perpetuamente nas redondezas, como um fantasma a observar os eventos cotidianos.”

“Engraçado, sempre sou eu a fechar a sala e posso dizer que não, nunca estive aqui.”

“Inacreditável, Machado, o que acabaste de fazer. Não, não acredito mesmo!”, repreendeu uma segunda voz, feminina e com um sotaque engraçado.

“Ora, essa! Mais alguém aqui? Estão brincando comigo, é? Lotária, saia de onde você estiver, esse sotaque não pode ser de verdade.”

“Meu sotaque é um eco dos lugares que percorri, das histórias que absorvi. Cada inflexão carrega consigo a poesia das minhas origens e as marcas do tempo. É um murmúrio de memórias, uma linguagem única que transcende fronteiras e se liga com a própria essência da existência.”

Risos da primeira voz. “Ah, o sotaque de Clarice, uma viagem pelos recantos da poesia e das origens, um murmúrio que transcende até as fronteiras da própria existência. Certamente, um dialeto tão refinado que as palavras se curvam diante dele, como se cada inflexão fosse uma epopeia narrada pelo tempo!”

“Ei, vocês os dois ainda não me reponderam. Quem são e onde estão?”

“Siempre en disputa, como dos ríos que se enredan en la selva de las palabras, Clarice y Machado, tejiendo un laberinto

literario donde las discusiones son mariposas mágicas que bailan al ritmo de la realidad.”, uma terceira voz interrompeu-me. Era impossível eu não ter visto três pessoas aqui, impossível. Um carioca, uma pernambucana com sotaque diferente e agora um falante do castelhano.

“Já chega, a sala será fechada em cinco minutos.”

“Sin contratiempo alguno, habitamos en este rincón del mundo, donde la realidad se entreteje con lo mágico en una danza cotidiana”, respondeu-me.

“Ahn? Vivem aqui?”

“Vós ainda não me respondestes, afinal ela é inocente ou não?”, a primeira voz voltou a me perguntar.

“É uma brincadeira de mau gosto, saiam agora.”

“Detesto concordar com ele, mas não é. Vivemos, sim, aqui. E que estranha beleza há nisso...” Respondeu-me a segunda voz.

“Hark, hush! I would fain revel in the stillness.”, mais uma voz desconhecida apareceu e antes que pudesse a procurar, fui surpreendida por outra.

“Oh non, vous avez tous réveillé l’ennuyeux.”

“Oh, Albert, mon cher, o William é chato mesmo quando dorme!”, respondeu o primeiro intruso.

“Quantos é que vocês são?”.

“Somos muitos, Ludmilla.”

“Como sabem o meu nome?”

“Ao soar do despertar de meu profundo sono, deparo-me com uma assembléia de almas ilustres, onde as palavras tecem o pano da existência. Como trovões que ressoam nos versos, Machado e Clarice, Albert e Gabriel, William e suas penas imortais, unem-se na tapeçaria dos tempos, urdindo uma trama onde a genialidade dança com a eternidade.”

“Já estou perdida com tantas vozes. Será que enlouqueci?”

“Ludmilla, não te perdeste nos meandros da loucura, mas sim, embarcaste numa jornada peculiar, onde a sanidade dança com as margens do inusitado. A realidade, para ti, torna-se uma teia de possibilidades, como um livro aberto cujas páginas continuam a se escrever, repletas de encanto e desafio.”

“Certo, se não enlouqueci e se não estou sozinha, poderiam, por favor, dizer quem são?”

Antes que qualquer voz se manifestasse, as luzes do salão acenderam-se. Os olhos de Ludmilla vasculharam os espaços do salão e não encontraram qualquer sinal de outras pessoas.

“Ficaram tímidos?” – Ludmilla provocou.

Nada.

“Uma segunda e última chance.” – a leitora insistiu.

Novamente nada. Ludmilla voltou a duvidar do que acabava de viver. “São as noites mal dormidas, certamente”. “Acho que preciso de férias”. Fez uma derradeira verificação e apagou uma a uma as luzes. Não confessaria a mais ninguém, mas tinha esperança de que a chamassem novamente. Demorou-se a trancar a sala. O silêncio manteve-se. Seguiu em direção à casa, frustrada e, ao mesmo tempo assustada. “Será que delirei?”.

Ao chegar, acendeu as luzes devagarinho, assim como uma criança espera o coelho da Páscoa, a fada dos dentes e o Papai Noel, torcendo para que eles se manifestassem mais uma vez. Nada. Tomou um banho. Nada. Conversou com Lotária, mas não lhe disse sobre o que aconteceu. Nada. Jantou. Nada. Fez um chá. Nada.

Não era pessoa de desistir facilmente e resolveu anotar no seu diário sobre o que havia acontecido. Tentou relembra as vozes e as identificar. Machado de Assis, Clarice Lispector, Gabriel García Márquez, os três primeiros foram fáceis: a insistência um bocado sarcástica do primeiro, as respostas intimistas e poéticas da segunda e o castelhano inconfundivelmente fantasioso do terceiro. Curiosamente, eram os seus três autores favoritos.

Mas...e os outros? Franziu a testa e repassou mentalmente. O inglês mais antigo e a referência a William. Shakespeare, provavelmente. O francês mais sarcástico e quase contemporâneo, Albert Camus. Coincidentemente os últimos livros que lera eram deles: *King Lear* e *A Peste*. Pensara em sugerir os dois ao grupo, mas desistira porque os protagonistas eram homens e o propósito do grupo era discutir autoras.

A quinta voz parecia-lhe familiar. O português mais antigo, a entonação das vozes. Riu-se ao se lembrar do professor de lite-

ratura dos tempos de colégio. Poderia jurar que era ele a recitar algum soneto. Espera! Soneto, português mais antigo. Camões! Aquele estilo era inconfundível, sua primeira grande paixão literária.

E o último. Quem é que tentaria costurar todas aquelas vozes? O sotaque era diferente. Homem, italiano. Na teia dos pensamentos, perdeu o sono e continuou a rabiscar em seu diário. Como um painel de investigação de suspeitos daqueles dignos de séries estrangeiras de suspense, tentou estabelecer uma ligação entre as vozes. Os três favoritos, os dois que lera por último, o seu primeiro autor favorito. E a sétima voz, de quem seria então? Parecia um enigma. Já não duvidava das vozes, estava claro para si que aquilo havia acontecido, agora seu foco era entender a lógica. Claro que não confessaria a ninguém, gostava de resolver desafios sozinha.

A manhã chegou, mas a resposta à identidade da sétima voz, não. De repente teve a ideia de repetir o dia anterior, a mesma sequência de acontecimentos para ver se descobria mais alguma coisa. Fez um café, tomou um banho, vestiu-se, apanhou o metro das nove e quarenta e cinco, leu o jornal que a senhora do assento à frente lia. Desceu, andou pela calçada da direita, subiu pelas escadas da direita, cumprimentou o segurança da faculdade. Fez sua vida normal até o horário que seria o grupo de leitura. Dirigiu-se à sala, arranjou as cadeiras em círculo, abriu o Dom Casmurro na página da discussão da noite anterior e permaneceu ali durante duas horas e meia.

De som, só os *clics* e *trecs* das luzes e os alongamentos das madeiras do chão após um dia de calor.

“Estou aqui.”

“Estou sozinha.”

“Gostaria de falar convosco.”

“Tem alguém aqui?”, uma voz estranha interrompeu o silêncio.

“Sim, quem é?”, Ludmilla apressou-se a responder, cheia de esperança.

“É o segurança, preciso fechar o prédio.”

“Ah, claro, estou de saída, preciso de mais cinco minutos.”

“Sem problema, aguardo.”

Ludmilla reorganizou a sala, cadeira a cadeira. Apagou as luzes uma a uma. Não se demorou, afinal havia pedido cinco minutos. Nada, nenhuma voz a não ser a dela e a do segurança. Repetiu o caminho da volta, como fez na noite anterior. Ao chegar, acendeu as luzes devagarinho, tomou um banho, conversou com Lotária, mas novamente não lhe disse sobre o que aconteceu, jantou, fez um chá. Nada. De novo.

Levou o seu caderno de anotações para a cama e deitou-se. Estava na fronteira entre a vigília e o sono quando ouviu um estalo seco vindo do quarto ao lado. Estava sozinha em casa. Levantou-se de sobressalto e dirigiu-se ao cômodo vizinho. Acendeu a luz e notou um vão no meio da terceira prateleira de livros de cima para baixo. Sobre o velho piso de carvalho, estava ele, estatelado.

Ela esfregou os olhos, beliscou o próprio braço com força. Se isto tivesse acontecido antes do último encontro do grupo, acharia que era apenas uma coincidência, mas agora já não tinha tanta certeza. No chão, aberto ao meio, estava o seu exemplar raro de *Frankenstein*. As luzes tremeram e os pelos de suas costas ficaram eriçados. Antes que se movimentasse, uma voz doce e estrangeira, esforçava-se por se comunicar em português.

“Eu também anseio por participar desta dança literária. Ludmilla, minha querida, você trouxe uma chama revigorante a este reino de palavras.”

“Que-quem é você?”

Por meio das sombras das árvores a dançarem com o vento e a chuva sob a luz que vinha da rua, uma melodia suave respondeu.

“Ah, Ludmilla, minha interlocutora moderna, é verdade que sou eu, Mary Shelley. Há tanto tempo ansiávamos por com-

partilhar pensamentos e reflexões contigo. As páginas que você folheia carregam consigo o eco das eras, e nós, criadores de mundos e monstros, encontramos em suas leituras um portal para a contemporaneidade”.

“Ansiávamos?”

A voz de Mary Shelley, envolvida na penumbra da sala, respondeu com uma melodia nostálgica e ponderada.

“Sim, Ludmilla, não foi a primeira vez que nossas vozes tentaram contacto. Há séculos, nossos pensamentos percorrem as páginas, aguardando o momento em que a curiosidade de almas como a tua desvendaria as fronteiras do comum.”

“Por que eu?”

“Ludmilla, nós, criadores de mundos e observadores silenciosos da humanidade, somos ligados por um fio invisível que se estende além dos confins do tempo e da imaginação.”

A voz de Mary Shelley carregava uma ponderação profunda, como se estivesse compartilhando segredos ancestrais.

“Não compreendo.”

“És a guardiã de uma chama que arde com a mesma curiosidade que inspirou minha própria jornada. A escolha dos autores é, portanto, um reflexo da simbiose entre o leitor e a literatura, uma dança eterna entre as mentes que criam e aquelas que interpretam.”

Diante da resposta de Mary, lembranças antigas ressurgiram. A tarde de primavera quando, entre brinquedos espalhados pelo quarto, arranhou duas cadeirinhas para acomodar os dois irmãos com roupas esquisitas e dizer-lhes que a menina com roupas vermelhas era mais esperta do que eles supunham e que facilmente notaria que era um lobo e não a sua avó.

O passeio pelas dunas da praia no fim de tarde em que explicava ao senhor aviador que as crianças não faziam amizade com raposas nem com flores. Ou quando sugeriu ao senhor magro e alto que um crocodilo falante e com cabelos compridos não era assustador o suficiente, pelo contrário, era muito engraçado.

Lembrou-se também da vergonha que sentiu ao contar aos seus pais sobre aquelas conversas: “essa menina tem imaginação

fértil”, “filha, isso já está a ultrapassar os limites”, “não contes a mais ninguém, as pessoas vão rir de ti”. E da cara de ceticismo da psicóloga para qual foi levada pelos pais preocupados com as “visões estranhas” da filha. Antes mesmo de ouvir toda a história de Ludmilla pelas palavras da própria, a senhora doutora já tinha formulado um diagnóstico e um plano de tratamento: menos livros e mais pessoas reais para a menina.

As vozes desapareceram após o “tratamento”, mas a vontade de mergulhar por novos mundos, não. Ludmilla encontrou refúgio em casa dos avós, mais precisamente na biblioteca secreta do avô Lino, seu comparsa na clandestinidade literária e a voz das aventuras que ela ainda não conseguia decifrar. Aos seis anos, ouvia com atenção as peripécias de João Sem Medo. Aos oito, surpreendia-se com a mulher que matou os peixes. Aos dez, encantava-se com os familiares sem fim de Macondo. Aos doze, mergulhava nos olhos de ressaca da Capitu. Quando desbravariam as cidades invisíveis, foi o avô que se invisibilizou.

Aos catorze anos, o inverno deu espaço à primavera repleta de hormonas e caos e frios na barriga. Os ouvidos de Ludmilla acordaram da hibernação ao ouvirem a voz trêmula e por vezes desafinada de Otávio a declamar sonetos de Camões nas aulas de literatura. Conduzidos pelo Professor Esteves, os adolescentes começaram a colocar em quartetos e tercetos as suas angústias e seus sonhos. Como toda a rebeldia própria da idade, conforme a paixão crescia, os versos ficavam mais livres. E como disciplina é liberdade, chegaram às restrições da OULIPO, até que o Professor Esteves foi transferido e o amor acabou.

Ludmilla deixou de escrever, mas nunca deixou de ler. Para curar seu coração partido, impôs-se a uma rotina de mulheres fortes: Woolf, Austen, Espanca, Dickinson e Shelley. Surpreendia-se como mesmo separadas por tempo, espaço e contexto, elas conseguiam descrever com precisão o que se passava em seus pensamentos. Arranjou um espaço para chamar de seu e as palavras voltaram a brotar de si.

Um dia, ao espreitar o jornal do senhor que estava ao seu lado, soube de um concurso literário e sentiu o mesmo frio na

barriga de quando seu avô Lino lia os livros proibidos. Não pensou duas vezes e enviou um texto seu. Durante semanas, abria a página do concurso a cada cinco minutos. Até que o resultado saiu e seu texto não estava entre os finalistas. Lotária, notou o desapontamento da irmã e com muita insistência conseguiu, depois de um grande interrogatório, descobrir o que se passava com Ludmilla. Com mais insistência ainda, arrancou o seu manuscrito e, passadas algumas horas, deu seu veredicto.

“Teu texto é bom, mas...”

“Mas o que, Lotária?”

“Falta algo!”

“Falta o que?”

“Hum, não sei...”

“Se não sabe o que, como sabe que falta?”

“O texto tem coerência, coesão, está impecável, mas falta alguma coisa que não sei o que é.”

“Faltava a tua voz, não é Ludmilla?” – a voz fantasmagórica de Mary interrompeu o devaneio da leitora.

“Espera, como sabes em que estava a pensar?”

“Na dança atemporal entre quem escreve e quem lê, uma alquimia sutil ocorre. À medida que tu, Ludmilla, mergulhas nas palavras que compartilho, e eu, Mary Shelley, sou evocada por tua leitura, juntas desencadeamos uma metamorfose em que partilhamos os nossos pensamentos. Nada permanece igual, tudo se mistura.”

“Não é possível.”

“Estás a conversar comigo, não estás?”

“Então quer dizer que quando leio não apenas me transformo, mas transformo também quem escreveu?”

“Exatamente, minha querida.”

“O que as vozes querem de mim?”

“Quando as vozes se perdem no vazio do silêncio e as letras permanecem aprisionadas em livros selados, tornam-se meros murmúrios e marcas inertes. As vozes anseiam por diálogo, enquanto as palavras buscam avidamente serem decifradas. Somente quando encontram acolhimento, ganham vida

e significado. Na solidão, são apenas ecos; nas páginas seladas, são somente traços de tinta desprovidos de valor. A verdadeira essência reside na interação, onde vozes e palavras se revelam em conversas e leituras.”

Lembrou-se dos textos que escreveu, revisou e guardou num canto escondido de seu computador. Sentia-se sobre um trampolim, mas paralisada demais para saltar bem como para descer as escadas. Os músculos pareciam pedras, Ludmilla parecia uma estátua. Faltava algo, não sabia o que. Coragem? Inspiração? “E se rissem de novo de mim?”

“Aqueles que se entregam à escrita carregam consigo um temor inerente ao ato de compartilhar. Pois, no ato de tecer palavras, revelam-se não apenas as narrativas que criamos, mas também a vulnerabilidade de nossos próprios pensamentos e emoções. O medo se insinua no íntimo desejo de ser compreendido e aceito, enquanto as palavras, como seres vivos, ansiosamente aguardam a recepção dos leitores. Assim, a coragem do escritor reside não apenas na criação, mas na disposição de enfrentar o desafio de compartilhar as profundezas de sua alma com o mundo.”

“Espera, como sabias que estava a pensar nisso?”

“Desde o instante em que mergulhaste nas páginas que criei, nossas existências se tornaram uma só. A conexão que se estabelece na leitura transcende o simples ato de decifrar palavras; ela une mentes e corações, formando um laço indissolúvel que perdura além das páginas do livro. Assim, a cada palavra absorvida, tornamo-nos cúmplices.”

“Eu? Cúmplice de todos vocês?”, Ludmilla sorriu maravilhada.

“E nós os teus. Sabes isso desde pequena: Grimm, Saint-Exupéry, Lobato.”

“Todos como peças num jogo de xadrez?”

A voz não respondeu mais. Ludmilla não conseguia se acostumar às aparições e desaparecimentos repentinos. “Regras do jogo”. “Quanto mais busco, mais perdida fico”. “Eureka!”. “Descobri o dono da sétima voz!”.



A leitora

Manuela Sofia Silva

Para o meu Pai

E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?

– José Saramago. (2001). *A maior flor do mundo*.

I

Lembro-me que o primeiro livro que li para o avô, ainda não devia ter os sete anos, foi um com o título *Adivinha o quanto eu gosto de ti*, a história de uma Pequena Lebre Castanha que queria mostrar à Grande Lebre Castanha o quanto ela a amava. Na altura, e para impressionar o avô, lembro-me de ter substituído os nomes das personagens lebres por “a neta” e “o avô”. Então, a história começava assim: *A neta que se ia deitar, agarrou-se bem às orelhas muito compridas do avô. Quis ter a certeza que o avô estava a ouvir. — Adivinha o quanto eu gosto de ti — disse ela*. E depois fazia as duas vozes diferentes e gestos enormes com os braços, com as mãos e com o corpo, que o avô não podia ver, mas por certo imaginava.

O avô ouviu a história toda com muita atenção, sorrindo por vezes e, no final de eu terminar a leitura, com ar de troça, perguntou-me:

— Eu tenho as orelhas assim tão compridas que te possas pendurar nelas?

Fiquei envergonhada, mas não dei parte de fraca e mantive-me firme na minha leitura das palavras do livro.

— Eu só li o que está aqui, timentim por timentim — repeti, sentindo as faces a arder de embaraço, mas satisfeita por ter feito sorrir o avô. Foi a partir desse dia que resolvi que, sempre que

lhe lesse algum livro, eu haveria de o tornar mais engraçado, pela entoação, pelo ritmo, substituindo nomes ou acrescentando alguma coisa. Afinal, *ler também podia ser assim, não podia?*

— Sim — murmurava a avó — mas é um segredo só nosso.

E eu ficava feliz por ter um segredo para guardar e por poder ler daquela maneira para o meu avô, sem que ninguém me repreendesse por estar a inventar coisas que não estão escritas nos livros, mas poderiam estar, só porque são possíveis. E isso para mim, era extraordinário.

II

O meu avô está sentado numa cadeira de rodas há mais anos do que eu tenho de vida. Não sei bem quando, nem porquê que ele deixou de poder correr atrás dos sonhos, de pisar com o seu pé a relva molhada ou de saltar sobre as poças de água nos dias de chuva, mas sempre que perguntava, fazia-se um longo silêncio lá em casa. E seguia-se um suspiro sofrido da avó e eu ficava calada, não dizia mais nada porque a avó (assim como o avô, está claro) é a pessoa que mais estimo na vida e por nada neste mundo a quero entristecer. E como a infelicidade anda sempre aos pares, o avô cegou quando eu ainda era pequena. Um dia, uma nuvem branca atravessou-se pelos seus olhos e ele deixou de conseguir ver o que quer que seja, contava a minha mãe. E como o avô dizia que os olhos já não lhe tinham préstimo nenhum, mantinha-os, muitas vezes, fechados, o rosto triste e o pescoço curvado para o chão.

Resignado, o avô tinha apurado o ouvido de uma maneira incrível e não era preciso ver-me para saber quando eu chegava, mesmo antes de eu abrir a boca. E sabia sempre que o dia não me tinha corrido bem, só pelo meu tom de voz na leitura, mesmo quando eu tentava enganá-lo. Durante muito tempo acreditei que ele me conseguia ver só a mim porque sempre que eu me preparava para saltar de um sofá para o outro, ele repetia *Sofia, olha que tu caís!* Ou quando começava, muito sorrateiramente, a riscar as paredes da sala, imaginando que era um quadro gigante, dizia *Sofia, não faças isso que a avó está a espreitar!*

Comecei a ler para o avô quando já era capaz de juntar as sílabas como deve de ser. Tinha sido ideia dele. O avô gostava de histórias e andava farto de ouvir as notícias da rádio ou da televisão, todas tão parecidas e tão chatas, dizia! Além disso, *a miúda precisa de treinar a leitura*. Eu preferia, na verdade, ficar a brincar, mas como também não queria desagradar ao avô, fazia o sacrifício e foi assim que passei a ser a leitora privada e predileta do avô que tinha a incumbência de ler para ele todas as tardes de quarta-feira. Tudo me era permitido ler! Podia ser um livro que andasse a ler na escola, um que fosse buscar à biblioteca da vila ou um que estivesse na estante da minha mãe. Ele não era esquisito, só me dizia que não podia comer as palavras e devia ler com uma boa dicção, pronunciando cada palavra suficientemente alto para um velho com a sua idade ouvir, dizia. O que o avô não sabia (julgava eu) é que a cada nova leitura eu inventava alguma coisa, uma palavra, renomeava as personagens ou acrescentava um pormenor na descrição ou um acontecimento novo, ou um lugar diferente, a partir das imagens contidas nos livros, de modo a tornar a história mais interessante para ele e, sobretudo, mais divertida para mim.

III

Com oito anos, lembro-me que lhe li *O incrível rapaz que comia livros*. Peguei no livro, sentei-me na cadeira ao pé dele, procurando a melhor posição, concertei o vestido, coloquei-o em cima dos meus joelhos e preparei-me para o abrir. Mas, primeiro levei-o junto ao nariz, respirei-o como se fosse uma flor ou um bolo acabado de sair do forno e disse:

— Avô, este é um livro de chocolate que tem como título *O incrível rapaz que comia livros* e eu, para comprovar o seu sabor doce e achocolatado, já lhe dei uma trinca no cantinho inferior direito. — E peguei na mão dele para ele passar com os dedos na ponta do livro. — Vês, aqui? Quatro dentinhos de Sofia! E dei uma gargalhada.

O avô sorriu e depois passou com a sua mão nos meus cabelos compridos. Retomei a minha posição de leitora séria e

dedicada e comecei, finalmente, a leitura pausadamente. Era a história de um prodigioso rapaz que comia LI-TE-RAL-MEN-TE livros de histórias, aventuras, dicionários, enciclopédias e todos os outros livros de utilidades práticas, e, a cada digestão, ficava mais e mais esperto, ultrapassando em conhecimentos todos os colegas da escola e a própria professora. O problema foi quando começou a ficar doente por comer tantos e tão rapidamente os livros que lhe apareciam à frente: começou a ficar maldisposto e a baralhar tudo o que tinha aprendido, dizendo grandes disparates. De repente, ele tinha deixado de ser o mais esperto de entre os espertos para parecer um tolo – o tolo da escola. Nesta altura percebeu que, se em vez de comer os livros, ele os lesse, poderia ficar igualmente inteligente e sabedor, embora isso demorasse um pouco mais de tempo, era mais saudável, menos indigesto e muito mais giro! O rapazinho tinha descoberto que gostava de ler, assim como eu estava a descobrir, sem querer, a cada leitura que fazia ao meu avô, que ler era bom e não fazia mal à barriga.

Nesta história não consegui inventar grande coisa para o avô achar graça a não ser que tinha dado uma pequena trinca num livro que sabia a chocolate e que ele nem sequer comentou. Provavelmente, acreditou (pensei eu, na altura) por eu ter tido o péssimo hábito de comer livros quando ainda não sabia ler, nem podia ficar mais esperta ao comê-los!

IV

Andava eu no meu quarto ano, quando, pela primeira vez, me apaixonei. O Eduardo andava na outra turma e era o rapaz mais bonito da escola! Era tímido e não conversava muito, mas tinha uns olhos verdes inigualáveis que podiam falar por ele. Cada vez que me cruzava com ele no recreio e ele olhava para mim, eu baixava os olhos e era incapaz de lhe dirigir uma palavra que fosse. Não encontrava as palavras certas para lhe dizer o que há tanto tempo andava para lhe contar. Então, preferia ficar calada e esperar que ele finalmente viesse falar comigo. Um dia, ganhei coragem, sentei-me ao lado dele a comer a minha sandes de manteiga e sorri, ele sorriu também e ficámos os dois em silên-

cio a acabar o nosso lanche. Quando tocou para a entrada, o Eduardo levantou-se, deu-me um beijinho na bochecha e disse “Até amanhã”. Fiquei a sentir borboletas na barriga o resto da tarde sem saber, ainda, se isso era bom sinal ou se simplesmente era o meu estômago a dizer-me que ainda tinha fome.

Quando cheguei a casa – ainda estava nas nuvens pelo que me tinha acontecido de bom – fui buscar o livro que me parecia perfeito para aquele momento, *A grande fábrica de palavras* e coloquei-o na mochila para não me esquecer dele quando fôssemos para casa dos avós. É uma história que se passa num país chamado Fábrica das Palavras, onde é preciso comprar as palavras e, como são caras, as pessoas quase não falam. É preciso comprar as palavras e engoli-las para poder pronunciá-las, mas as palavras mais bonitas são também muito caras e nem todos as podem comprar. Por isso, os mais pobres procuram palavras no lixo, compram-nas quando estão em saldos ou apanham-nas quando são lançadas ao vento. Mas estas palavras têm pouco interesse e utilidade quase nenhuma. O Filipe é um dos meninos que vive neste país e está apaixonado pela Sara, mas não tem como lhe dizer que ela é especial porque essas palavras de amor são caras e ele só pôde apanhar do vento três parques vocábulos: *cereja*, *poeira* e *cadeira* e uma outra – *repete* – que encontrou no caixote do lixo.

Naquele dia, o tempo estava fresco e, por isso, o avô estava à minha espera na sala. A televisão estava ligada. Eu cheguei sem fazer barulho, mas o avô desligou logo o televisor como se tivesse ouvido os meus passos e sentido a minha presença, ainda eu estava a entrar porta adentro. Cumprimentei o avô como de costume, um beijinho e um grande abraço que ele recebeu com um sorriso:

— Olá, avô! Trago aqui uma história muito especial para te ler! Tenho a certeza que vais adorar!

Tirei o livro da mochila e sentei-me ao pé do avô. Com o livro no regaço, abri-o ainda com mais cuidado do que de costume, pois tinha a sensação de que aquele livro guardava o meu coração e a minha primeira história de amor. Fez-se um silêncio quase solene e comecei a ler. Achei por bem substituir os nomes

das personagens por Sofia e Eduardo. Deve ter sido nessa parte da história que eu deixei de falar para só ouvir o meu coração bater estas deliciosas palavras:

— *As minhas palavras são tão insignificantes... pensa o Eduardo, então ele inspira fundo, pensa em todo o amor que lhe agasalha o coração e, de uma assentada, pronuncia as palavras que havia apanhado com a sua rede. As palavras voam em direção a Sofia e atingem-na como pedras preciosas. Cereja, poeira, cadeira! A Sofia deixa de sorrir. Fica a observá-lo. Ao que parece, está sem palavras. Decide aproximar-se dele e beijar-lhe o nariz com ternura.*

No fim de terminar a leitura, guardei o livro contra o meu coração, fechei os olhos e revivi aquela tarde na escola em que senti aquelas borboletas na barriga. O avô, percebendo que os meus pensamentos estavam longe, chegou-se perto de mim, como se me falasse ao ouvido e disse baixinho:

— Que linda história, Sofia! As palavras são capazes de produzir as reações mais bonitas e a mais bela é deixar-nos num silêncio desprevenido ou com um sorriso como o que tu tens agora, minha querida.

Eu corei e não fui capaz de dizer mais nada. Encostei a cabeça ao ombro dele e ficámos os dois, assim, por longos minutos. Só tenho pena que o avô não tenha podido ver com os seus olhos o meu rosto iluminado de felicidade por ter partilhado com ele o segredo mais bonito que guardava no coração.

V

Hoje é quarta-feira e tenho de ir ler para o avô. Ainda bem que me consegui despachar na cantina da escola! Ainda não escolhi o livro que vou levar para lhe ler. Talvez lhe leve hoje poesia. Ou talvez não. A poesia pode ser muito deprimente. Quando chegar a casa logo vejo o que a mãe tem na estante ou o que ela me sugere. A mãe sabe sempre o que é melhor para os ouvidos do avô, sobretudo quando ele está assim, mais rabugento e deprimido. Uma boa história consegue sempre dar-lhe outro ânimo e, na melhor das hipóteses, fazê-lo sorrir um pouco. Mas agora tem sido mais difícil, o avô tem andado mais cansado, mais abor-

recido do que o habitual e parece que nenhuma leitura o anima, nenhuma história o cativa. Às vezes, parece que já nem eu lhe consigo arrancar um sorriso.

Na escola, a professora de português disse que devíamos ler um livro até ao final do mês e apresentá-lo à turma. Escolhi *Os livros que devoraram o meu pai* de Afonso Cruz. Acho que vou ler-lhe esse. Já o terminei, assim também faço uma releitura para o trabalho. Além disso, a história remete para outras histórias e outros autores clássicos que tenho a certeza que o avô conhece. E depois tem uma bonita e trágica história de amor pelo meio.

Cheguei a casa do avô, e ele estava à lareira, na cozinha, por causa do frio que era muito naquele dia. Tinham acabado de tomar um chá e a minha avó contava-lhe um episódio qualquer que se tinha passado com o cão da vizinha e ele só respondia um “hum-hum” sem vontade. Quando percebeu que eu estava na cozinha, disse imediatamente, fingindo algum entusiasmo:

— O que temos hoje, querida Sofia? Um policial? Um romance?

— As duas coisas, avô — disse sorrindo.

A minha cadeira já estava ao pé do avô e na mesa havia uma terceira chávena de chá e um prato cheio de bolachinhas de chocolate acabadas de sair do forno, as mesmas que eu comia quando tinha quatro anos e que a avó costumava fazer para mim. Bebi um gole de chá e trinquiei uma bolacha antes de iniciar a leitura. E como se o avô percebesse a minha pressa para comer a bolacha, acrescentou:

— Eu tenho todo o tempo do mundo para ti, Sofia, aprecia o teu chá e as tuas bolachas, que a tua avó acabou de as fazer e frias não têm graça nenhuma.

A avó sorria em silêncio, ao olhar para a nossa cumplicidade, enquanto arrumava a loiça lavada cuidadosamente para não nos incomodar, ainda que eu não tivesse começado a leitura.

Peguei, então, no livro pequeno entre as mãos e, antes de iniciar a leitura, fiz a descrição mais aproximada que pude da capa do livro: amarela, com o título a letras vermelhas, umas flores e umas borboletas no cimo e a figura de um homem vestido a

rigor, de fato e gravata, com uma bengala, mas com uma cabeça de cão e chapéu de coco. O avô franziu o sobrolho com tal descrição, mas ficou calado. Não gostava de comentar o livro sem o ter ouvido na íntegra.

Comecei a ler, mas desta vez, esqueci-me de mim e, ausente na leitura, fui fiel a cada palavra, a cada acontecimento e às personagens da história. À semelhança do protagonista, Elias Bonfim, eu também tinha entrado na história que estava a ler e me tinha perdido na leitura. Não inventei nada, não adulterei uma palavra, não acrescentei uma vírgula. Terminei a leitura já a noite tinha chegado e a minha avó e a mãe se tinham juntado à volta da mesa e da lareira para ouvir a minha narrativa, beber chá e comer as bolachas. Já devia passar das dez da noite. Fez-se um silêncio bom como aquele que acontece quando acabamos um belo repasto e não dizemos nada nos cinco minutos seguintes como se isso permitisse acabar de saborear a comida.

Foi então que o avô inclinou a cabeça na minha direção e me sussurrou, de modo a mais ninguém poder ouvir:

— Linda história! Só não percebi se o Eduardo é o Bongo ou o Elias. Oxalá não tenha comido tantos pastéis de nata! — e piscou-me o olho.



A Margarida

Lucas Castor

1.

A Margarida eu conheci numa rua ensopada de Coimbra no final do verão de 2023. Eram meus primeiros dias em Portugal e Portugal se apresentava como Caxambu. Depois da chuva, as poças acumulavam-se nas calçadas de pedrinhas... portuguesas? Pombos tomavam banho e um manequim com olhos bem pequenos vestia roupas de inverno e se projetava na Câmara Municipal, como se fosse reencarnar a qualquer momento vereador da estação errada do ano. Coimbra, Portugal, Europa, Brasil, Minas Gerais, Caxambu. Eu fugia de casa e retornava às ruas do subdesenvolvimento.

A Margarida eu reconheci de costas, apesar de ser péssimo com fisionomias. Tínhamos um grupo de mensagem dos alunos do mestrado de Escrita Criativa, criado pela Maria assim que saiu o resultado dos aprovados.

Depois de passar pela segurança do aeroporto de Guarulhos, estiquei as pernas em cima da mala de bordo e abri as fotos de perfil dos meus futuros colegas, tomando cuidado para não ligar sem querer para ninguém, sobretudo para as garotas, que eram maioria. Tinha uma chance de não ser tomado como um perverso logo de cara.

A foto da Margarida era de costas, um cabelão preto num formato de vassoura, duas mechas azuis escapando das bordas para um fundo borrado verde-escuro. Pensei ser uma floresta. A caminho da praça 8 de maio, eu continuava ruim de fisionomia, mas consegui distinguir duas mechas azuis, contra as paredes brancas rachadas e mofadas da cidade. Segui-a por alguns metros, até me incomodar com meus passos, então me apressei e toquei no moletom preto com capuz caído. Margarida? Foi a primeira vez que vi uma mulher se assustar sem perder o sono.

É o Lucas, e claro que ela não sabe quem diabos é o Lucas. Castor. Do mestrado. Ah. Vai tomar café antes da aula? Claro que vai tomar café antes da aula, são três horas direto. Vamos tomar um café antes da aula? Minha esposa preferiu ficar no hotel, passou mal à noite, camarão num indiano. Você nem tem esposa e quem come camarão no indiano? Vamos, há o Santa Cruz. Ótimo, preciso de um café. Nem café você toma. Ela amarra o cabelo e as mechas desaparecem. Seus olhos estão grudentos, você foi contaminado pelo sono. Um americano, por favor.

A Margarida estava confortável sem falar nada, como se o barulho das xícaras, multiplicado pelo pé direito alto do Santa Cruz, fosse a conversa da mesa. Perguntei sobre o que escrevia. Não sabia, qualquer coisa, na verdade ainda não tinha escrito quase nada. Há pouco formara-se em Desenho, e mais desenhava do que escrevia. Pedi para ver uma obra, disso isso mesmo, obra, então suas bochechas se curvaram para dentro, como se o chantilly que chupava tivesse a textura de uma banana verde. *Não gosto de mostrar*, e as xícaras subiram de volume.

– Mas, tipo, se você tivesse que escrever sobre alguma coisa... o que seria?

– Incesto.

– Incesto?

– Uhum.

Pronto, eu estava em casa. Enfim minha formação em Antropologia serviria para algo. Todos aqueles congressos em Caxambu, as bolhas na água da minha cidade.

– Pode crer. Incesto é bom. Já leu Lévi-Strauss?

Claro que a garota de vinte e três anos formada em Artes não leu Lévi-Strauss.

– Acho que já, alguma coisa. Tive uma cadeira de Introdução à Antropologia.

– Ele diz que a única regra social universal e você fala um monte de coisa de que não tem tanta certeza quanto parece.

– Hum. A aula é às dez.

São ainda nove e vinte, a Margarida fala às dez tentando curvar o tempo, como curva as bochechas. Salve a conversa.

– E *Crônica da Casa Assassinated*? Já leu? E você deu o grande spoiler do livro.

– Nunca. É sobre o quê?

– Lúcio Cardoso. Grande escritor, não tem o valor que merece. Morreu muito novo, de AVC. A Clarice Lispector tinha um crush nele, mas era homossexual. Por que você não disse simplesmente *gay*?

– AVC?

– Sim.

– Com quantos anos?

– Quarenta, eu acho.

– Quarenta, tá a dizer?

– Quarenta, mas não tenho certeza.

– *Crônica...*?

– *da Casa Assassinated*.

Aqui acabou a conversa. A Margarida tirou do bolso de canguru do moletom um Kindle de capa roxa de couro. Imaginei um jacaré violeta boiando nas poças da Rua Direita. Ri para dentro, mas buscando os olhos dela. Estava imersa, tinha outra fisionomia. As bochechas haviam retornado às maçãs do rosto. O piercing do nariz e o do lábio pareciam polidos, como se os funcionários do café os tivessem lustrado junto com as xícaras antes de abrir o Santa Clara. Descruzou as pernas e se afundou na cadeira, levou o Kindle à altura dos olhos e desapareceu. Eu não existia mais.

Acenei para o garçom.

– Pois não?

– Um chopp, por favor.

– Desculpe?

– Chopp, vocês têm?

– Não percebo, senhor.

– Cerveja?

– Agora?

– Tem razão. Um americano, então.

– Outro?

– Suco de laranja?

- Sumo?
- Isso.
- Pois não. E a senhora, quer algo mais?

Margarida não respondeu. Havia entrado na *Crônica*, era possível ver o mecanismo humano saltando as linhas no movimento de seus olhos. Eu espiava por cima do Kindle, tentava voltar à chácara dos Menezes pelo reflexo da versão digital de um livro que, se me dessem de olhos vendados, eu saberia dizer o peso.

Nunca haviam acatado uma sugestão minha de leitura tão rápido. Para dizer a verdade, não me lembro de terem aceito qualquer recomendação que dei. Nem mamãe, que me apresentou com a *Crônica* quando me mudei pra Belo Horizonte, leu o *Grande Sertão*. E como eu insisti. Eu queria saber mais da Margarida, perguntar de onde vinha o interesse pelo incesto, mas tive de engolir o sumo de laranja, torcendo para que diminuísse o suor, a queimação e a tremedeira da cafeína. Às nove e trinta, era eu que curvava as bochechas para as nove e quarenta.

- Oi, Margarida? Desculpa, é que já tá quase na hora da aula. Vamos indo?

- Pode ir, vou depois.

2.

2027, 2029, 2031 e agora 2033. A cada dois anos e nas férias de verão, nossa turma fazia uma reunião na Galeria Santa Clara, do outro lado ponte. Claro que nem todos participavam, a Carol morava em Singapura, onde dirigia o Partido Neomarxista, fundado primeiro numa novela ambientada na ilha, mas que depois acabou tomando as ruas, tamanho foi o entranhamento que o livro dela teve na imaginação social dos insulares. Era o orgulho dos professores, eles brincavam dizendo para as novas turmas que enfim a literatura ensinada serviu para alguma coisa. Gabriela lecionava em Berkeley, o Pedro virou ermitão na Gold Coast australiana, Tibério morreu numa queda, a Maria adaptava o próprio romance para uma sequência de filmes que diziam ser o novo Senhor dos Anéis, mas a maioria continuava em Portugal. Poucos tornaram-se escritores profissionais.

Eu editava, e minha editora não vendia nada. Lisboa estava cheia de leitores à procura de traduções, mas a Desterro apostava em autores lusófonos imigrantes em Portugal. No momento, pendíamos pela trigésima vez no século vinte e um para a xenofobia, o Chega governava de novo. Os encontros bienais no Santa Clara eram uma oportunidade para eu implorar a ajuda dos colegas na divulgação da Desterro. Para a maioria eu pedia que comentassem com seus contatos sobre nosso trabalho, pela importância de dar voz aos brasileiros, aos africanos e aos asiáticos que reclamavam o direito à terra que lhes havia sido roubada. Era só eu chegar perto com meu copo de fino e as maçãs do rosto se viravam para dentro, *lá vem o Castor choramingar*.

Para a Margarida, eu pedia que publicasse com a gente. Ela foi a escritora mais premiada da nossa turma. Não era a que mais vendia, mas ganhou o Saramago, o Camões e uma tradução no National Book Awards. Se com muito custo deram o braço a torcer pela tetralogia napolitana de Ferrante, os críticos tiveram de fazer malabarismos para explicar como a hexalogia coimbrã de Margarida tinha o tamanho correto para contar a tragédia dos irmãos Alexander e Ana. Duas mil e seiscentas páginas na edição de capa dura da Porto, com ilustrações dela e da Maria.

Estávamos mais uma vez no andar de cima da Galeria, a luz insuficiente e as quatro caixinhas de som a dois metros e meio de altura tocando versões em bossa nova de Taylor Swift. Pelas janelas escancaradas entrava o bafo do Mondego, eu arrependido de ter pedido o bacalhau. O Duarte me explicava como o três-cinco-um do Benfica no jogo do dia anterior foi o determinante na derrota de seis a um pro Milan. E eu, tipo, *porra, Duarte, tu nunca falou de futebol, que diabo é isso?* Estávamos no terceiro aperol e o Duarte ria da minha cara, *não teve jogo nenhum, Castor*.

A Margarida tocou nas minhas costas, não sei por que eu pensei ser uma garçonzete, como se uma garçonzete fosse cutucar um cliente no meio da conversa. Eu me assustei e, quando me virei e vi os olhos apertados dela, senti um sono repentino.

– Oi, querida?

– Aqui, toma.

- Que é isso?
- O sétimo. Queria que lesses.
- Sério?

Ela já tinha virado as costas. Fiquei com a impressão de que bebia uma margarita, mas só me lembro com clareza do sobretudo vermelho que passava dos tornozelos, cobrindo botas que não sei se eram longas ou curtas, mas pretas. Pedi licença ao Duarte e fui a uma das poltronas dos cantos do sótão. O veludo grudava minhas costas na polo. Fiquei com medo de molhar as páginas, enxuguei as mãos na calça, a testa na camiseta. Senti o peso do manuscrito e pensei que segurava um recém-nascido, um bebê mole e imbecil. Não podia deixá-lo cair. Li na primeira página, *Alexander morre, Ana morre*, em baixo, *Margarida Conde*.

3.

Continuas trágico. Morreste pela pedra e com ela me atirou ao fundo desta casa. Volto ao teu quarto quando não encontro o que fazer com as mãos, depois de um dia inteiro de contar as coisas perdidas. Ajeito na secretária os headphones que te deixaram com o ouvido esquerdo quase surdo. A mãe avisaste. Eu tocava-te os ombros frios, mas tu fingias a surdez, mesmo antes dela. Reconhecer-me pelo olfato não era o mesmo que dar pela minha presença. Ignorou-me como a estátua que nunca amoleceu aos teus desenhos. Ignora-me morto.

Nas buscas pelo teu corpo, os bombeiros deram aos cães pedaços das tuas roupas íntimas. A Antónia buscou-as nos armários que dividiram. Eu levei também um par das nossas meias de Inverno. Na verdade, as meias que me roubaste, arrancando-as dos meus pés quando me vias nelas. As meias que a mãe deu-me no Natal. As meias que sugeri usarmos, cada um, um pé, mas negaste com o gesto violento. As meias com as quais eu acordava nas manhãs húmidas depois de uma noite em que supostamente o medo do escuro acometera-te. O pastor cheirou-as e espirrou, o bombeiro disse que era bom assim.

Só me reconhecias no escuro, Alex. Agora volto à floresta nas sextas à noite, pois a diretoria não me estendeu a semana de luto. Entro no Mustang de luvas e conduzo quase sem tocar no volante. Sinto queimar-me o que é de couro dentro do carro. Estaciono na clareira e vou flácida

pela trilha, feito as anêmonas do nosso aquário. A respiração acalma-se, começo a perceber teu cheiro subindo pelos pinhais. Mais forte quanto mais perto do solo.

Casaste com a Antónia num agosto. Pensavas que se a festa ocorresse no verão tudo desapareceria. Entretanto os casamentos desses dias duram até muito tarde, Alex. Sobretudo no verão. Culpaste a ginja, mas sabemos que foi a noite a responsável pelo soco que deu no meu namorado. Beijávamo-nos e agora eu beijo outro, louro também. Como a Antónia.

Deito-me na base da pedra. Estás por todo o sítio. Tiro as luvas e toco o calcário. A pedra é ainda a pedra. Eu disse-lhe.

4.

Tentei alcançar o aperol sem tirar os olhos do manuscrito, mas não o encontrei. Tive de levantar a cabeça. O copo estava distante na mesinha, só tinha água, gelo derretido. Procurei um garçom, mas já era tarde, não subiam mais a escada para atender a cinco pessoas no sótão. Bruno, Amanda e Duarte conversavam na mesa, tomavam um tinto e riam. Tentei pescar a piada, imaginei que relembavam a professora Capinha, mas meus olhos escaparam pela janela. Vi a ponte, a baixa de Coimbra. Apertei os olhos para ver se percebia alguma floresta de pinhais perto do rio.

Estava voltando ao manuscrito, mas percebi o sobretudo vermelho escapando pelos lados de uma poltrona na outra diagonal do sótão. Fui andando até ela. Cutuquei-a. Não se assustou. Em dez anos, eu envelheci vinte, Margarida dois, três no máximo.

– Tá lendo o quê?

– *Crônica da Casa Assassinada.*

– Uai, achei que você já tinha lido. Lembro lá no Santa Cruz, naquele dia...

– Eu nunca terminei. E aí, o que achou?

– Do seu livro?

– Uhum.

– Eu nem terminei o primeiro capítulo ainda.

– Hum.

– Mas, pô, não é pra mim que você devia dar, Margarida. Tu sabe que eu gosto de qualquer coisa que você escreve.

- Há uma coisa, nunca perguntei.
 - Quê?
 - Tens irmãos?
- Senti as maçãs apodrecerem no meu rosto.

5.

A Margarida fechou a *Crônica* onde calculei ser ainda o Diário de André, então se levantou da poltrona com dificuldade, como se tivesse o velcro positivo nas calças, o negativo no assento. Era mais alta do que eu. Quis colocá-la ao meu lado, pedir aos colegas que nos medissem com um lápis numa das paredes do Galeria. Deixar marcado, junto às fotos de Tom Spencer, o alcance das nossas cabeças. Como mamãe fez comigo e com Gabriel, até Gabriel se recusar, quando descobriu que eu apagava as marcas dele e fazia outras mais em baixo.

O bafo do Mondego passou do bacalhau à torta de chocolate. Tinha fome, e tinha comido muito. *Já vou*, a Margarida falou mais para a Amanda, para o Bruno e para o Duarte do que para mim. Eu estava a dois metros, eles a dez, mas em mim ela deixava uma marca que não sumiria ali, quando os garçons fechassem as janelas do bar.

A Amanda também já ia. Dividiriam um Uber. Disseram que tirariam fotos do motorista e enviariam ao nosso grupo, para, caso desaparecessem, identificássemos o predador. Rimos, depois uma ambulância nos deixou em silêncio. Imaginei a Margarida na trilha da floresta, múltiplos Alex enterrados debaixo do solo úmido. Reprimi a identificação da autora com a obra. Eu não suportava as associações autobiográficas que faziam com meus contos, e ali estava, fazendo o mesmo com ela.

- Digamos que fosse um três-cinco-um...
- Ih, lá vem ele de novo.
- Fumamos uma erva?
- Me dá pânico.
- E a Desterro, Castor, como vai?
- Enterrada. Precisamos de grana.
- Tás a ver? A empregabilidade...

– Uma merda. E a banda?

– Vai, vai...

O Bruno olhava para um lugar longe daquelas paredes. Não piscava. Escrevia, segurando uma faca, qualquer coisa pontiaguda.

– Acorda, bichão! Terra para Bruno...

– Opa, foi mal.

– Tá pensando no quê?

– Tô lendo.

– A parede?

– Meu próximo livro.

– É sobre uma faca?

– Exatamente.



A leitora

Ana Carolina Gomes

O sol estava a desaparecer. Ou o vestígio de luz que ainda era. Perdia-se na memória o último dia em que se fizera notar limpidamente, pois o estado normal do céu era estar vestido de uma capa densa de nevoeiro acinzentado que do sol apenas permitia uma luz pálida e adoentada.

Os livros infantis, a conta de uma mão que ainda circulava, mostravam um céu azul a rodear um círculo amarelo, mas desde o fim da Quarta Guerra esse era um cenário reservado apenas à ficção.

Terminara há mais de trinta anos e a poluição que causara (sobrepota a um planeta já ambientalmente fragilizado) permanecia. Permaneciam também os problemas de saúde, as dificuldades respiratórias, os problemas de visão causados pelo ar toxicamente carregado, a falta de partes do corpo de quem havia combatido e sobrevivido à Guerra, ou de quem tropeçara nos seus vestígios antes de serem desarmadilhados.

Hoje, os dias nunca amanheciam. Notavam-se por uma luz ligeiramente mais intensa e clara, que amarelecia ao fim da tarde e apenas refletia luzes néon e os amarelos mortiços e intermitentes da parca iluminação pública. O nevoeiro estava palidamente amarelo, por isso o sol estava a desaparecer, analisou enquanto saía de uma porta abaixo do nível da rua – o que também era vestígio da Quarta Guerra. Os destroços, cadáveres de gente e de coisas, o lixo... era tudo tanto que as ruas foram reconstruídas sobre ruínas, deixando os raros edifícios que tinham sobrevivido ao massacre tecnológico e nuclear abaixo do nível da rua.

Levou a mão à prótese mecânica que lhe substituíra a perna direita. Mal adaptada, sempre a ameaçar as primeiras manchas de ferrugem, mal oleada, cada guincho que emitia era como uma dor

física que sentia, esquecendo que aquela era uma extensão mecânica do seu corpo e da perna que perdera ainda pequena, que não lembrava. Tal como não se lembrava de céus azuis com uma rodela amarela de sol, embora tivesse nascido antes da Guerra.

Tinha de ir a um mecânico. A perna fora uma pechincha em segunda mão, um modelo particularmente bom e responsivo, que certamente pertencera, em tempos, a um antigo militar de alta patente, mas precisava de uma manutenção atenta e contínua. O esforço que depositava sobre ela, no trabalho de todos os dias, também não ajudava.

Ela limpava. Limpava aquilo que poucas pessoas estavam dispostas a limpar, os módulos onde vidas se sumiam, os módulos das vidas que finavam. Libertava os módulos cujos ocupantes morriam para que outros os viessem habitar, por vezes limpava os módulos também dos próprios vestígios do corpo morto. As famílias escasseavam, muitos destes módulos eram ocupados por pessoas solitárias, com família levada pela Guerra, ou sem vontade de ter uma para que outra guerra a pudesse levar.

Os módulos eram as casas. Outra ideia, como o sol, que depois da Guerra era só ideia. A área que permanecia habitável era residual, as paredes erguidas e minimamente seguras, um tesouro. Edifícios públicos, antigas escolas, antigas bibliotecas, antigas faculdades, antigas repartições de governos locais, tinham sido divididas em módulos com o espaço suficiente para dar abrigo ao descanso de quem ia sobrevivendo.

Ninguém apostaria, mas Ela gostava do que fazia, apesar de todas as dificuldades, acrescidas pela perna que lhe dava uma existência cyborg tão comum neste futuro. E gostava do que fazia, pelos vestígios de outros tempos que encontrava nos edifícios retalhados em módulos, nos recantos tornados secretos por ninguém os olhar com atenção. Um teto trabalhado em flores e arabescos, um azulejo quebrado, luzidio e resiliente ainda agarrado a uma parede, um degrau de mármore polido por incontáveis pés apressados ao longo de centenas de anos, livros já não publicados com algumas preciosas páginas legíveis.

Poucos livros existiam ou circulavam por estes dias. Mesmo antes da Guerra, alguns já eram pouco usuais em versão impressa,

com o crescimento das versões digitais. Depois, tornaram-se objetos singulares, embora não necessariamente valiosos. A pouca valorização dos livros era mesmo a justificação para a sua escassez. O foco permanecia na reconstrução das condições básicas de vida (de sobrevivência), ninguém se preocupava ainda com a recolha e preservação de livros, menos ainda com a escrita de novos livros. Até a história se registava sem ser escrita, com arquivos de vídeo e fotografia. Histórias novas, mundos novos, romances, contos, poemas... nada. Talvez alguém já tivesse escrito, a Guerra não podia ter dizimado todas as pessoas que escrevem, mas estaria tudo tão guardado numa gaveta bem escondida, relegada ao lugar da vergonha de um passatempo secreto e inútil.

Ela achava que não havia coisa mais útil, principalmente num mundo sem sol. Alguma coisa tinha que magnetizar a esperança e dar alimento aos sonhos.

Chegou ao seu próprio módulo, o mecânico ficaria para outro dia, uma necessidade mais urgente pulsava-lhe no peito. Atirou-se para cima da cama coberta com uma manta cinza pardo – têxtil reciclado, sem tingimento, como quase todos os têxteis acessíveis e distribuídos nos últimos anos. Libertou-se da prótese, como que do peso do dia. Era doloroso desconectar-se do membro mecânico, como era doloroso nunca descansar da pressão que ele lhe exercia nos pontos de ligação à virilha, ou não ter autonomia suficiente para se movimentar na vertical. Uma contrariedade tríplice de dor de que não podia fugir.

Deitou-se, era a posição que se tornava mais confortável quando retirava o apêndice robótico. Recostou-se num monte de almofadas, colocando cuidadosamente uma no lugar onde terminava o pequeno vestígio da perna decepada. Procurou depois debaixo das almofadas uma companhia. Um livrinho em mau estado com poemas riscados a lápis em pedaços aproveitados de envelopes usados. Os envelopes usados riscados por uma tal de Emily Dickinson, tinham sobrevivido a séculos de domínio do poder do dinheiro e dos homens... continuavam a sobreviver.

A Guerra, até ver, tinha tornado o sistema económico onnipotente que existia antes pouco exequível (mesmo que os pode-

rosos donos desse mundo continuassem à espreita, os de hoje, ou os de amanhã, Ela estava convencida de que seriam sempre os mesmos – e eu também e chamaria a isto capitalismo). Mas, por outro lado, a Guerra ajudara a consolidar um mundo dominado por homens durante mais uns anos. Os homens iam para a guerra, os homens matavam, os homens comandavam, os homens eram os heróis (e a isto eu chamaria patriarcado), todas as pessoas não-homem pouco importavam para a história. Mas a Emily tinha sobrevivido a tudo isto. Emily Dickinson era o herói.

Folheou com cuidado extremo o tesouro, encostando-o ao peito até encontrar a página onde tinha ficado. Encontrada a página, cheirou-a, procurando resquícios de papel para lá dos odores entranhados pela história do livro objeto. Ficou com a ponta do nariz e com as bochechas empoeiradas pelo contacto com o livro. Pouco importava, o livro agora também tinha o cheiro dela.

Cada dia perdia (ganhava) uma hora do seu dia a olhar um poema. Achava que tinha percebido verdadeiramente muito poucos, mas poderia sempre voltar atrás e reler. Elevou os dois braços colocando o poema diretamente acima dos olhos, a uma distância longe o suficiente para o ver na totalidade e com as letras focadas. Ainda via bem, mesmo sem a ajuda de óculos, era melhor aproveitar esse privilégio que poderia não durar muito mais anos.

Nesta fugaz Existência

Olhou o poema e sentiu os sons das palavras. Só depois, quando os sons das palavras se naturalizaram como uma música de embalar ouvida desde o útero onde fora gerada, arriscou perceber o sentido. Mas, na poesia, não era o sentido que procurava, gostava do som, da dificuldade desafiante de nem tudo ser direto e óbvio, do aspeto visual irregular.

Interessava-se por tudo o que era diferente da forma como tinha aprendido na escola-técnica, os textos em ecrãs, lineares, simples e pouco palavrosos, diretos, deixando o espaço mínimo

para a interpretação. Os tais livros infantis do céu azul e sol redondo existiam só para ensinar a ler, depois de aprender a ler, ninguém seguia a profissão de leitora, nem os livros tinham qualquer utilidade.

Mas mesmo que as letras da legenda do céu azul ilustrado montassem frases tão despidas como “o céu é azul” e “o sol está no céu”, para Ela (que já lera alguma poesia) até essas frases simples eram uma viagem, para um mar de luz líquida e azul de lápis de cera (vamos considerar que neste futuro existem lápis de cera), como nunca nenhum céu foi azul, e um sol dançante que exige ser olhado sem perigo, como nunca nenhum sol pode ser, nem com óculos escuros. E apesar de o azul ser de cera, não derrete a abraçar o sol, rodopia também ao ritmo da mesma dança, e Ela também, rodopia e dança sem posição ou gravidade, sem membros, porque ali nada disso importa...

PI PI PI PI PI

Adormecera em cima do livro, a sonhar com qualquer coisa azul que de que já não se recordava bem. As páginas do livro ganharam uma nova mancha de lágrimas do sistema de auto-lavagem noturno dos olhos. Secaria entretanto, mas tinha de começar a ter mais cuidado, aquele livro teria que durar muitos mais dias.

Hoje ia começar a limpeza de um novo módulo. Olhava para o pequeno smart-pager, aparelho pequeno, retangular, eletrônico, só para a receção de mensagens telegráficas escritas ou, idealmente, ditas (ninguém tinha tempo a perder com tudo o que tivesse mais de cento e quarenta caracteres ou desse muito trabalho aos olhos).

BLOCO L – PISO 2 – SALA IENA

Demorou um pouco a encontrar o local, pois apesar de a mensagem dizer “piso 2”, as placas do edifício diziam “6.º andar”. Mas o esforço de subir e descer escadas valera a pena. Era por

módulos assim que não pensava em ser outra coisa e permanecia empregada da limpeza de uma funerária. As paredes do módulo, maior do que a maioria deles, eram revestidas a estantes maciças em madeira, com uma rede metálica a permitir ver o conteúdo. Eram livros. Centenas, milhares de livros. Ou tinham sido, numa primeira análise estavam desfeitos na prisão das estantes.

Ela não desanimou. Uma sala que se apresentava assim, ainda teria algo mais a conceder. Várias mesas de ar pesado, na mesma madeira intemporal das estantes, empilhavam-se encostadas às janelas estilhaçadas, oferecendo a proteção que elas já não podiam oferecer. Reparou que essas mesas tinham pequeninas gavetas... talvez nalguma delas...

Umás mais acessíveis do que outras, esforçou-se por investigar-las, trepando a custo a pirâmide de mesas. Removeu a perna mecânica. Poderia ser mais difícil assim, mas pelo menos não arriscava danificá-la (mais ainda).

Numa das gavetas encontrou um papelinho, um bilheteinho, com várias mensagens enigmáticas, escritas por diferentes letras, com diferentes canetas e assinaturas. Guardou-o, serviria como marcador de livro. Noutras tantas gavetas nada além de um pó fino. Mas naquela... especialmente difícil de aceder, no topo do amontoado de mesas... Um livro. Quase intacto. Esquecido e nunca procurado ou achado.

Deixou-se deslizar pelo tampo da mesa quase perdendo o equilíbrio ao alcançar o chão com o pé esquerdo. Atirou-se à esteira que servia de cama a quem quer que tivesse vivido ali, negligenciando a sua função de limpar essa mesma esteira.

Repetiu o ritual: abriu o livro encostado ao peito, encontrou a página que queria, o primeiro capítulo, cheirou-a. Cheirou-a novamente, profundamente, bebendo toda a materialidade de sensações daquela página – o cheiro forte, quente, empoeirado, acolhedor do papel antigo – nunca o sentira tão presente. Elevou os braços e olhou o início.

Estás para começar a ler o novo romance

Ela leu. Aquelas páginas falavam com ela, obedeceu a tudo o que pediam, descontraiu, recolheu-se, verificou uma segunda vez que a porta estava fechada. Deambulou e viajou pelas páginas, até que todos os resquícios de luz desapareceram.

Atrapalhada, percebendo que o dia passara sem que nada fizesse do que lhe fora estipulado pela agência funerária, sem que fosse ao mecânico fazer a manutenção da prótese, sem que se alimentasse, saiu. Amanhã seria outro dia, compensaria o que ficara a faltar neste.

(Podia agora dizer que Ela se sentia plena e alimentada com a leitura, que nada mais importava, tinha sido o dia mais feliz da sua vida... Não é o caso.)

A caminho de casa foi ruminando uma inquietação crescente. Dos vários capítulos que lera nenhum parecia terminar. Criavam expectativas, acariciavam a atenção, aproximavam-se e insinuavam-se prometendo tudo, para depois terminarem abruptamente, sem continuação, deixando a história e as personagens penduradas, a leitora sufocada. Amanhã teria de continuar a ler o livro, trazê-lo para casa (o que esquecera no meio da atrapalhadação).

Ao terceiro dia passado no mesmo módulo, já levantando suspeitas quanto à demora na execução da limpeza, terminou a leitura. Sentada na esteira, ainda coberta com os cobertores cinza pardo do ocupante morto, olhava o livro, com a atenção de um gato que se prepara para tentar apanhar um pássaro.

Deixou-o. Decidida finalmente a prosseguir o seu trabalho. Num canto, por baixo da muralha de mesas, encontrou um computador. Se era certo que era antigo, também era verdade que não era assim tão diferente daqueles com que lidara na escola-técnica, pois se era inegável que a Guerra potenciara o desenvolvimento de muita tecnologia, também era verdade que essa tecnologia não era voltada para a utilização pessoal.

Com alguma surpresa, não muita pois não era a primeira vez que encontrava um computador ainda funcional, embora os outros dois, encontrados num antigo escritório, nada tivessem de especial, carregados de tabelas e números. A máquina antiga

ligou, não sem demora. Sem sequer procurar, encontrou um ficheiro áudio.

Enquanto esperava que o programa de reprodução áudio se dignasse a iniciar, foi continuando com a limpeza, pó, pó, pó... e livros transformados em pó e enjaulados, talvez há mais de trinta anos, tão pouco importantes para toda a gente que nem tentaram desfazer-se deles. Invisíveis até na impossibilidade de existência no propósito para que foram criados.

O POVO E O OVO OU O OVO DO POVO NO OVO MAIS O POVO

Irritada, chateada, zangada, o que era aquilo? Até a maqui-neta velha e escanifobética gozava com Ela. Deu um pontapé no computador, com a perna de cyborg, esquecendo todo o cuidado com ela. Um dos filamentos metálicos quebrou-se. Ela caiu. O computador nada sentiu e continuava a gritar.

ÀS VEZES O OVO SEM POVO MAS DEPOIS O POVO E O OVO

Arrastou-se até ao teclado, determinada a silenciar aquela voz omelete que só lhe aumentava a inquietação inaugurada pelo livro sem finais.

Enfrentando o monitor, munida do teclado, não chegou a premir a pausa do som. O som de repente dissolveu-se. Não era nada e ao mesmo tempo era um metrónomo das ideias que começavam a surgir. Nasceu-lhe uma gargalhada mal ensaiada, estranha e desconfortável para quem a ouvisse, animalesca e crua.

Começou a sentir uma força a bater desde dentro, uma vibração que nascia nas entranhas, sabe-se lá de quais, talvez de todas, uma pulsão, uma loucura ansiosa e vibrante que foi percorrendo todo o corpo em ondas até se encontrar nas pontas dos dedos.

Uma história gritou dentro dela. Trovejavam frases com todas as palavras antigas que só conhecia porque lia livros fósseis: céu azul, sol, ficção, casa, lápis de cera, capitalismo, patriarcado, poesia.

Ela escreveu.

LEEL

ler escrever, escrever ler



13 contos

Manuel Portela

LEEL (ler escrever, escrever ler)
PEDAGOGIA PALINDRÓMICA

Os contos reunidos nesta antologia foram produzidos como exercícios finais do seminário “Leitura e Performance” do Mestrado em Escrita Criativa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entre finais de 2023 e inícios de 2024. A proposta era escrever um conto até 3000 palavras com o título “A leitora” e fazer um registo áudio da sua leitura. A ideia de reunir e publicar estes treze contos resulta quer da minha perceção de que o trabalho realizado nos permitia ir um pouco mais longe, quer do próprio entendimento das autoras e autores de que os seus textos e gravações mereciam circular fora do contexto original. Para a versão que agora se publica, a maior parte dos textos foi objeto de pequenas revisões e foi também regravada em março de 2024. A obra coletiva *A leitora* segue a lógica transmídia da ecologia medial contemporânea, apresentando-se ao mesmo tempo como livro e audiolivro digitais (publicados pelo Laboratório de Escrita em colaboração com o MATLIT Lab), e ainda como livro impresso (publicado e distribuído pela editora Carma).

Aquele contexto de produção está indiretamente presente em todos os contos, já que há situações narrativas e personagens que evocam quer os atos corporais e sociais de leitura, quer os processos estocásticos de construção de sentido que constituíram o cerne do seminário. De resto, o mergulho experiencial na performatividade da leitura foi testado autoetnograficamente através da leitura coletiva, capítulo a capítulo, durante quatro semanas, da obra de Italo Calvino *Se numa noite de inverno um viajante* (1979). Mas a presença das reflexões e teorias sobre o entre-

laçamento quântico da leitura e da escrita nestes contos parece ser tanto mais forte quanto mais oblíqua e indireta. A principal justificação para esta antologia é justamente o grau de autonomia dos contos em relação ao seu contexto de produção, sinal do grau de autonomia criativa das suas escritoras e escritores.

O que importa sublinhar a abrir este posfácio é aquilo que o processo e o resultado testemunham como possibilidade de concretizarmos uma prática de escrita que estrutura a interação pedagógica enquanto espaço propiciador de liberdade criativa e de aprendizagem colaborativa. O conteúdo do seminário – isto é, um certo conjunto de problemáticas, textos e teorias – torna-se alimento de processos de escrita diferenciados e da imaginação singular de cada escritor/a. Não se trata de produzir textos que tenham de ser comparados com alguma espécie de versão melhorada e ideal de si próprios – e com isso reafirmar a autoridade da instituição que valida a aprendizagem –, mas de reconhecer na concretude e provisoriedade do processo e do resultado a expressão do potencial criativo individual e coletivo. O seminário tentou ser a confluência temporariamente sincronizada dessa potencialidade. Esse foi o seu objetivo último.

Por isso esta coletânea não é apenas uma montra da qualidade concetual e da diversidade literária dos treze contos. Constitui igualmente uma demonstração de que é possível construirmos relações e processos pedagógicos sem uma definição rígida de modelos de validação. Embora a criatividade seja um valor universalmente apregoado, também pelas instituições de ensino, a observação mostra-nos que grande parte das interações pedagógicas a substituem pela padronização de procedimentos e resultados. Ao definir-se como espaço de aprendizagem para a prática da imaginação através da escrita, o Mestrado em Escrita Criativa tem de ser capaz de alargar essa capacidade imaginativa às suas práticas de ensino e de avaliação. Cabe-nos, em particular, reiterar a pergunta *o que é possível?* e responder-lhe com o máximo de imaginação. Esta antologia *é possível*. O processo coletivo que resultou nesta antologia *é possível*. Outras relações e formas de comunicar *são possíveis*.

É interessante verificar a amplitude estilística e de afinidades de gênero e subgênero nesta pequena amostra. Reconhecem-se modelos e estratégias narrativas que vão do realismo social ao realismo mágico, da ficção científica à fantasia gótica e ao terror, da narrativa de viagem à paródia metaficcional e à *fan fiction*. Nos destinatários preferenciais implícitos, encontramos quer o leitor adulto indiferenciado, quer o jovem adulto, quer ainda o público infantojuvenil. A figuração da leitura e das leitoras em cada um dos contos testemunha a diversidade de referências e de intenções de autoras e autores. De algum modo, os seus regimes de leitura não podem deixar de plasmar-se na sua escrita, permitindo-nos apreender a retroação que sustenta todos os processos de lectoescrita. Afinal escritoras e escritores são, por inerência de ofício, “as leitoras” e “os leitores”. É todo um universo de socialização que ecoa nessa flexão gramatical e que nos irmana às criaturas e aos mundos que ficcionamos.

Os contos foram organizados em duas partes, com base numa combinação de critérios cuja ponderação relativa no agrupamento foi variável. Por um lado, foram considerados os modos particulares de tematizar e encenar os atos de leitura em cada narrativa; por outro, foram tidas em conta afinidades formais e de gênero. Em alguns casos, a afinidade na tematização induziu a sua inclusão numa das duas partes; noutros casos, a afinidade genológica pesou mais na sua inclusão. Este exercício editorial permite observar a relativa independência entre a tematização da leitura e a sua narrativização ficcional. Na primeira parte, “LLL-1: livros leem leitoras”, encontramos estórias em que a consciência da agência do livro faz com que este tome a forma de narrador de primeira pessoa, personagem ou surja mesmo como uma espécie de energia cósmica universal. Na segunda parte, “LLL-2: leitoras leem livros”, a materialidade da leitura surge menos vinculada à transfiguração do real e mais situada nas suas dimensões cognitivas, afetivas e sociais.

LLL1 (livros leem leitoras)

FIGURAÇÃO E TRANSFIGURAÇÃO

página um sete um. lembro de cor. lemos várias vezes juntos. porque não são apenas as pessoas que leem os livros. nós, do outro lado, também lemos quem nos lê. é um espelho. no instante em que as pontas dos dedos humanos levantam a extremidade de nossas margens inferiores para virar a página, a celulose se agarra com força proporcional às falangetas vestidas de digitais. (Bruno Molinero)

A antologia tem início com “A leitora” de Bruno Molinero. Começamos pelo mergulho no denso monólogo interior de um livro de bolso levado na enxurrada, cuja narração de primeira pessoa oferece o testemunho sobre a vida da segunda personagem (“o menino”, “a leitora”), alternando o momento presente, em que o livro flutua na enchente causada pelo temporal na cidade, e momentos passados, que nos dão a ver o dia a dia de um mundo social. A segmentação do texto através de frases (por vezes, apenas parcialmente legíveis) do livro que se está a desfazer na água, à medida que se recorda das suas inscrições espelhadas nos atos de leitura, marca transições de tempo e de espaço, dando pistas para imaginarmos os acontecimentos evocados por um livro senciente. Neste relato transgênero, a crueza do retrato da vida marginal e da violência da cidade é diretamente transposta para a linguagem verbal e para a estrutura narrativa. A segmentação em frases curtas, que funcionam por parataxe, sem conectores sintáticos, cria um ritmo sincopado que intensifica o efeito de corrente de consciência. O conto articula com significativa complexidade a dimensão micronarrativa, de grande riqueza lexical, com a dimensão macronarrativa, marcada pela composição arquitetónica de cada uma das sequências. O evidente sentido de progressão narrativa e a capacidade de explorar a ambiguidade, a sugestão e a referência oblíqua agarram o leitor da primeira à última palavra. A “leitora” lida pelo livro inverte as expectativas de agência, problematizando o processo de atribuição de sentido.

O mundo social evocado em “A leitora” de amanda santo está, de certo modo, em contiguidade com o que é simulado no conto anterior. As favelas arrastadas pelas cheias ou as casas precárias nos túmulos e nas criptas da vila-cemitério pertencem aos mesmos grupos sociais, obrigados a sobreviver de forma precária nas margens da economia. A unidade narrativa da voz e perspectiva de Duma são marcadas também através dos seus usos da língua, permitindo inferir o Cemitério Nossa Senhora das Almas Tristes como lugar ficcional não meramente coincidente com lugares físicos e sociais. A evocação direta e indireta da interioridade da personagem resulta da composição rítmica da voz narradora através da segmentação do texto segundo convenções da paginação de poesia. A desvelação calculada da informação narrativa, quer sobre a realidade social da personagem e dos habitantes do cemitério, quer sobre a ação misteriosa do aparecimento recorrente dos livros no túmulo de Jerônima Caldas, contribui para intensificar o envolvimento do leitor. A tensão reflete-se na autorreferencialidade da simulação do processo de leitura na página e no desfecho em aberto, que deixa ao leitor a interpretação da experiência enigmática de Duma e dos livros que vêm do túmulo: “abre a tumba devagar / olha para o fundo da caixa / quase não pode acreditar”.

Em “A leitora” de Clara S., a leitora surge como reesritora, uma espécie de agente de retrocensura e de higienização literária universal. O conto explora exemplarmente a sua premissa – a de um mundo em que a reescrita é praticada de forma sistemática e programática. De um ponto de vista formal e temático, remete para convenções da ficção científica e da narrativa distópica. Seja na definição coerente de voz e perspectiva (Lia), de construção metonímica de espaços e ambientes (Sala de Leitura, Imperial Gabinete de Leitura, etc.) e de densificação sucessiva das inúmeras implicações da situação ficcional de partida – por exemplo, uma espécie de escala negativa do valor literário (“um livro perfeito para a sua reescrita melhorada”) e outros paradoxos decorrentes da premissa. A combinação de focalização interna e narração de terceira pessoa reforça a consistência do fluxo de consciência da

personagem. A reiteração da rotina da leitora-reescritora com elementos de repetição e variação contribui para imergir o leitor na absurdez sistemática dessa rotina. Além disso, ao tornar os processos de apagamento e reescrita materialmente evidentes no texto e no áudio (apagamento parcial do texto e mistura da voz da autora com excertos da coleção “sinister sounds of the solar system”), à medida que o conto avança, o efeito de estranheza é experienciado cognitivamente pelo leitor, tornando impossível fechar a narrativa e aumentando a sua ambiguidade e o seu potencial de sentido. A vocalização e sonorização áudio traduzem, por um lado, a dimensão rotineira e burocratizada da reescrita e, por outro, a anomalia normalizada que a rasura representa. Evoca ainda, como alusão subliminar e oblíqua, os inúmeros começos e interrupções narrativas da obra de Calvino.

“A leitora” de Camila Filipa recria de forma sugestiva a cena da leitura através da produção ritualizada de sentido e interpretação que caracteriza a pragmática litúrgica e homilética. Recorrendo a uma narrativa de segunda pessoa com focalização interna na personagem da leitora que deseja a cantora, mostramos o conflito entre a disciplina do corpo, instado a interiorizar as exortações dos textos bíblicos (evangelhos, salmos, epístolas), e o reconhecimento da presença do desejo no próprio momento em que a liturgia tem lugar. A função disciplinadora do desejo que emana do protocolo de leitura religioso, poderosa tecnologia de regulação da subjetividade, é dramatizada por meio da intersecção entre o ato de leitura em pleno ritual, a memória autobiográfica da personagem e a atração carnal entre leitora e cantora. A contradição entre disciplina e desejo na estruturação da economia psíquica do sujeito é exposta com distanciamento e ironia, mostrando, com leveza e sentido de humor, o dispositivo dialético do pecado e do perdão. A construção – alternando recordações com a sequência temporal de microeventos durante a missa de sábado – mostra sentido de economia e progressão na alternância entre narração e diálogos, e um sentido forte de unidade narrativa, sublinhado pelo final. O registo da leitura em voz alta sugere a mistura entre a introspecção da personagem e

o ato de leitura pública na igreja, fazendo com que todo o conto possa ser reinterpretado como uma paródia de um texto litúrgico. Através da leitura autoirônica da interioridade da personagem, o próprio monólogo interior surge assim como tecnologia alternativa à liturgia na construção do sujeito.

Nos dois contos seguintes, a agência do livro, da escrita e da leitura combina tropos da fantasia, do fantástico e do gótico. “A Leitora” de Gabriella Andrietta coloca em cena duas personagens principais, Myra e Leitora, e assenta toda a estrutura a narrativa no seu diálogo. O mundo evocado é o das narrativas de fantasia, e das convenções do maravilhoso que as caracteriza. As personagens têm consciência de serem criaturas produzidas pela figura mítica da Escritora, que determina, como as parcas do destino, o que acontece – a morte de Callie às mãos de Myra ou o seu casamento com Kastos. Na sequência final (após o desaparecimento de Myra), a Leitora dirige-se aos Leitores do próprio texto, evocando a coincidência entre escrita e leitura como fundamento ontológico do mundo criado pela palavra (“Por hora, vou deixar você em paz para seguir o seu caminho, esse mundo já deu tudo que tinha a oferecer. Talvez nós nos vejamos de novo, talvez não...”). A estratégia narrativa usada integra elementos metanarrativos nas convenções da narrativa de fantasia, encenando a performatividade da leitura e da escrita através da vinculação entre leitora-personagem e leitora-empírica, e entre escritora-personagem e escritora-empírica.

“A leitora” de M. L. Vieira estrutura-se em três momentos: no primeiro momento, no meio de uma tempestade numa cidade obscurecida, Lavínia entra e adquire o livro vivo que vê na montanha de uma loja; no segundo momento, Lavínia regressa a casa, pouso o livro sobre uma mesa cheia de engrenagens e tem um pesadelo no qual se misturam uma caverna, um precipício, mar, névoa, montanhas, um castelo e um olho gigantesco que a observa do céu; por fim, no terceiro momento, Lavínia acorda e toca na “casca latejante” do livro, abre-o e vê-se projetada num mundo semelhante ao que testemunhara no pesadelo, vendo-se consumida pelo próprio livro (“Corpo e alma. É consumida.”). O conto

termina com a presença ameaçadora, tentacular e canibalística de um livro vivo, de cujo alfabeto alienígena se escutou o sussurro por três vezes anteriormente (na loja, no sonho, em casa). As convenções estilísticas e de construção dos ambientes humanos e naturais ecoam modelos da literatura fantástica e de terror, em particular na evocação do sobrenatural através da associação onírica de elementos contrastantes (escuridão, tempestade, contraposição de escalas). A ficcionalidade da linguagem e do livro enquanto construtores de mundos surge assim alegorizada, destacando-se a ficcionalização metafórica da leitura enquanto processo de devoração da leitora. O ambiente fantasmagórico da narrativa tem expressão no ritmo das frases e permite-nos apreender a função da transição entre terceira e primeira pessoa como um dos elementos da projeção emocional da perspectiva de Lavínia no leitor.

LLL2 (leitoras leem livros)

CIFRAÇÃO E DECIFRAÇÃO

“Na dança atemporal entre quem escreve e quem lê, uma alquimia sutil ocorre. À medida que tu, Ludmilla, mergulhas nas palavras que compartilho, e eu, Mary Shelley, sou evocada por tua leitura, juntas desencadeamos uma metamorfose em que partilhamos os nossos pensamentos. Nada permanece igual, tudo se mistura.”
(Ana Braz)

Partindo da noção de leitura como decifração infinita, “corrente de ar” de Pedro Palma revisita ironicamente o ensimesmamento da teoria literária com especulações e intuições reificadas acerca do processo de comunicação escrita. A paródia divide-se em duas partes: na primeira, somos conduzidos por um narrador de primeira pessoa que é uma autora que ficou fechada dentro de casa, não consegue sair para participar no lançamento da sua obra e decide telefonar para os bombeiros a pedir ajuda; na segunda, ocorre a mudança para um segundo narrador de primeira pes-

soa, que percebemos ser o leitor e apresentador do livro que está à espera da chegada da autora. A contraposição de uma autora encerrada que não consegue chegar ao lugar de leitura, e um leitor que especula independentemente da presença da autora recria parodicamente o processo de comunicação literária, por um lado, e as teorias sobre o processo de comunicação literária, por outro. O debate sobre as soberanias relativas de autor e leitor adquire contornos patéticos e burlescos. A dramatização da prática de leitura e da prática social de lançamento de livros é feita com economia narrativa, dinamismo na alternância entre diálogo e narração, e com deliciosa autoironia. Paródia da obra de Calvino e do próprio seminário que o motivou, o conto recifra numa pseudoalegoria as chaves teóricas de que parte. O desenlace – com o leitor incapaz de encontrar a saída e com múltiplos autores fechados nos seus compartimentos sem desejo de sair – confere unidade cômica ao conjunto, e ambiguidade ao jogo.

Em “A leitora” de Rita Andrade, a unidade narrativa estabelece-se a partir do ponto de vista da narradora e da sua introspecção e observação do mundo numa viagem de comboio. A reflexão existencial combina-se com comentários irónicos sobre os acontecimentos antes, durante e depois da viagem. Um dos elementos de estruturação da estória está na duplicação da figuração da leitora, como sujeito e como objeto. A relação imaginária construída entre a leitora de Jane Austen e a leitora de Jon Fosse parece sugerir, ao mesmo tempo, o desejo de leitura como desejo pelo outro e a aleatoriedade do “ciclo natural das coisas”, captado nos vários momentos do percurso do comboio. A projeção do sujeito num universo ficcionado através da leitura é evocada através da caracterização de ambas as leitoras a partir das suas leituras. A perspetiva distanciada da narradora oscila recorrentemente entre pathos e autoironia de um modo que contribui para unidade enunciativa da sua voz. Essa distância não esconde, todavia, o desejo de resolução final, com a aparente relação especular entre as duas leitoras, transformando a leitura numa figura arquetípica do desejo amoroso. Desejo e desejo de leitura confundem-se.

“A leitora de Dante Romano” de Margarida Conde, cuja ação é narrada em perspectiva de primeira pessoa por Dante Romano, professor de arte e falsificador de quadros, constrói um retrato caricatural da aristocracia italiana consumidora de arte. As convenções descritivas e de diálogo combinam elementos da literatura romântica e policial, com ecos de Edgar Allan Poe e de narrativas de mistério e fantasia. Os ambientes e nomes das personagens (como Abigail Lestrade) contribuem para essa associação. O conto tem um foco preciso e organiza a progressão narrativa em função da ambiguidade relativa à personagem da jovem investigadora que descobre as falsificações. A natureza equívoca (genitiva e dativa) da expressão “A leitora de Dante Romano” sugere Dante como objeto de leitura (criatura que é decifrada), mas também como autor da pintura da leitora (cifrador da obra falsificada). A natureza produtiva da leitura surge traduzida de forma quase alegórica, também através da linguagem na caracterização das personagens e das suas intenções segundo convenções de gênero, seja na perspectiva do narrador, seja na dinâmica dos diálogos entre Dante e Abigail. A ativação dessas convenções é crucial para a eficácia metonímica da narração, mostrando que o pastiche de uma forma é crucial para que um mundo ficcional possa coalescer numa figuração internamente consistente.

“A leitora” de Ana Braz dramatiza uma comunidade imaginária de leitura em que contracenam personagens oriundas do romance de Calvino (Lotária e Ludmilla) e personagens de escritores (Machado de Assis, Clarice Lispector, Gabriel García Márquez, William Shakespeare, Albert Camus, Mary Shelley, etc.). A confusão ontológica entre personagens e pessoas deriva desse trânsito que o ato de nomeação sustenta entre seres de papel e seres de carne. A condição verbal da sua existência referenciável permite que coexistam num espaço simbólico de fronteiras fluídas. Além disso, a partitura da escrita garante que a sua existência verbal possa ser revivida a cada leitura, segundo uma noção de leitura como conversa entre autores e leitores, entre leitores e personagens, e entre autores e personagens. As transições entre momentos e cenas, através da alternância entre as vozes

da narradora e das personagens, concretiza expressivamente as conexões arbitrárias que formam a biblioteca dos leitores e o seu universo de ficções. Recapitula-se, através dos livros e autores que entram em cena, a socialização e a disciplinação na prática da leitura, culminando na presença consciente da voz da leitora. Interna e externa à narrativa, ao mesmo tempo produzida pelo texto e produtora do texto, a ação da leitura parece consistir nesse vai e vem entre imersão onírica num universo ficcional e emersão exploratória num universo enigmático de sinais.

“A leitora” de Manuela Sofia Silva constrói-se também em primeira pessoa na perspectiva de uma criança (Sofia) que lê histórias para o avô. O conto divide-se em 5 partes evocando sucessivos episódios de leitura e mostrando, como eixos entrelaçados, a experiência de leitura da criança e a relação afetiva com o avô. As experiências são ficcionadas a partir de livros concretos, citados e referenciados no corpo do texto. A aprendizagem da leitura é sugerida pelo grau de complexidade narrativa dos textos e pela socialização escolar (7 anos, 8 anos, quarto ano, professora de português, etc.). A tensão entre linguagem e perspectiva infantil e linguagem e perspectiva adulta mostra-nos a dificuldade de recriar a percepção subjetiva da criança, como se deixasse de ser possível recuperar essa presença da interioridade passada. O conto recria o processo de socialização na leitura, seja enquanto conhecimento do texto e da linguagem, seja enquanto conhecimento do mundo e de construção do eu mediado pela aprendizagem das palavras. De certo modo, pode ler-se todo o conto como encenação do modelo didático da leitura, que tende a sobre-explicitar as suas próprias noções.

“A Margarida” de Lucas Castor integra na narrativa um conjunto de referências que ficcionalizam a própria comunidade de escrita e leitura que o curso constitui. A narrativa divide-se em cinco partes, projetando a leitora em dois momentos no tempo e colocando o narrador na posição de leitor dessa escritora futura. A ficcionalização com base no grupo de escrita criativa projeta-se num futuro hipotético para os aprendizes de escritor. O espectro de probabilidades desse destino literário antecipado vai da

escritora bem-sucedida de impacto mundial ao editor de escritores minoritários sempre à procura de financiamento. A transição entre as secções (incluindo a secção 3, que corresponde ao manuscrito “Alexander morre, Ana morre” lido pelo narrador) contribui para dar uma certa densidade interior às personagens. A predominância de uma lógica de montagem parece sugerir uma narrativa maior, que pode continuar, e evidencia princípios cinematográficos na justaposição das cenas.

A antologia termina com “A leitora” de Ana Carolina Gomes, revisitação arqueológica da cena de leitura que o seminário constituiu. Projetado a partir de um futuro pós-apocalíptico, depois da Quarta Guerra, que cobriu o mundo “de uma capa densa de nevoeiro acinzentado”, uma leitora ciborgue (Ela), a precisar de reparar uma prótese, revisita as ruínas da sala (Bloco L – Piso 2 – Sala IENA) e encontra dispositivos mediais dessa era passada – fósseis de livros e computadores abandonados – que se dispõe a ler e a escutar. Ciborgue de limpeza dos blocos modulares que alojavam os sobreviventes, Ela vê-se tomada pela ânsia incontrollável de leitura dos livros que encontra e pelo desejo de escrever: “Enfrentando o monitor, munida do teclado, não chegou a premir a pausa do som. O som de repente dissolveu-se. Não era nada e ao mesmo tempo era um metrónomo das ideias que começavam a surgir. Nasceu-lhe uma gargalhada mal ensaiada, estranha e desconfortável para quem a ouvisse, animalesca e crua.”

Num momento histórico em que os donos das armas do mundo já anunciam, em conferências de imprensa para os devidamente credenciados e com a volúpia da violência antecipada, a Terceira Guerra, imaginemo-nos depois da Quarta, num mundo povoado de ciborgues em que a escrita é um vestígio intrigante e indecifrável de uma prática primitiva. Imaginemo-nos – a nós, às nossas estórias e aos nossos artefactos mediais – como uma pequena camada no registo fóssil do Antropoceno. Um livro soterrado. 13 ficheiros inaudíveis. Restos incompreensíveis de uma estranha vontade de ler e de escrever.

COMPOSTO EM CARATERES
GENTIUM BOOK
EM ABRIL DE
2024

